

Giovanni de Paula Oliveira

**A VARIAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES “PARA” E “A”
NA FALA DE UBERABA E MONTES CLAROS**

**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
2009**

Giovanni de Paula Oliveira

**A VARIAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES “PARA” E “A”
NA FALA DE UBERABA E MONTES CLAROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEEL, Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística – ILEEL - da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises Linguísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Tema: Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha

Uberlândia

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- O48v Oliveira, Giovanni de Paula, 1977-
 A variação das preposições “para” e “a” na fala de Uberaba e
 Montes Claros / Giovanni de Paula Oliveira. -2009.
 133 p. : il.
- Orientadora: Maura Alves de Freitas Rocha.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Pro-
 grama de Pós-Graduação em Linguística.
- Inclui bibliografia.
1. Sociolinguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Sintaxe - Te-
 ses. I. Rocha, Maura Alves de Freitas. II. Universidade Federal de
 Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU: 801:316

Giovanni de Paula Oliveira

A variação das preposições “para” e “a” na fala de Uberaba e Montes Claros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEEL, Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística – ILEEL - da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises Linguísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Tema: Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha

Uberlândia, 30 de outubro de 2009

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha - UFU – Orientadora

Prof^a Dr^a Juliana Bertucci Barbosa - UFTM

Prof^a Dr^a Elisete Maria Carvalho Mesquita - UFU

*À minha família e amigos
que me acompanharam...*

AGRADECIMENTOS

Dirijo meus mais sinceros agradecimentos à Prof^a. Dr^a. Maura Alves de Freitas Rocha, por haver me orientado de forma tão magnífica e me acompanhado no processo de elaboração deste trabalho.

Aos meus familiares, que participaram de cada momento em que estive envolvido com o curso de Mestrado em Linguística, que souberam ouvir e compreender minha ansiedade e angústica nos momentos difíceis.

Aos professores do mestrado, que contribuíram imensamente à formação de minha maturidade acadêmica, por meio das discussões promovidas ao longo das disciplinas por mim cursadas.

Ao Prof. Dr. José Sueli Magalhães e à Prof^a. Dr^a. Elisete Maria de Carvalho Mesquita pelas valiosas contribuições ao meu trabalho no Exame de Qualificação.

Às professoras Sandra Eleutério Campos Martins, Inara Barbosa Pena Elias, Ivanilda Barbosa e Sandra Maria Ramos de Godoy (*in memoriam*), que desde a graduação me incentivaram a trilhar o caminho da pesquisa rumo ao conhecimento.

Um agradecimento especial à Prof^a. Dr^a. Carmem Lúcia Hernandez Agustini e à Prof^a. Dr^a Luisa Helena Borges Finotti pela paciência e acolhimento em relação às minhas dificuldades nas reflexões e discussões teóricas.

Às amigas conquistadas na região de Montes Claros, em ocasião da coleta dos dados.

Aos amigos conquistados em Uberlândia, em cada momento de minha participação no programa.

A todos os informantes, que muito contribuíram para a efetivação desta pesquisa.

A Deus, pela fé, esperança e auxílio infinitos.

*É um homem falando que encontramos no mundo,
um homem falando com outro homem; e a linguagem
ensina a própria definição do homem...*

Emile Benveniste

*Não se sabe de onde é um homem
antes que ele tenha falado.*

Jean-Jacques Rousseau

RESUMO

Neste trabalho, investigo, sincronicamente, a variação das preposições **para** e **a** como introdutoras de adjuntos e complementos, na fala das regiões de Uberaba (Triângulo Mineiro) e Montes Claros (Norte de Minas Gerais), na perspectiva da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972) e da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989). Esta pesquisa partiu da hipótese de que a frequência da preposição **a** é maior na região de Montes Claros, contrastando com a preposição **para**, que possui maior frequência na região de Uberaba. O *corpus* desta pesquisa é constituído de 36 entrevistas obtidas por meio de gravação oral, sendo 18 na região de Uberaba e 18 na região de Montes Claros. A seleção da amostra foi feita observando quatro fatores linguísticos e três fatores sociais, a saber: (i) presença e ausência das preposições **para** e **a**, (ii) função sintática da entidade encabeçada pela preposição, se adjunto ou complemento, (iii) tipo de sentença, (iv) tipo de verbo, (v) faixa etária, (vi) escolaridade e (vii) região geográfica. Após a análise dos dados, verifiquei que a preposição **para** é predominante em praticamente todos os grupos de fatores analisados, o que confirma apenas parcialmente a hipótese.

PALAVRAS-CHAVE: 1-Sociolinguística, 2-Preposições, 3-Variação intra- e inter-linguística

ABSTRACT

In this study, I investigate, synchronically, the variation of the prepositions **para** and **a**, as introducers of adjuncts and verbal complements, in the manner of speech of the inhabitants of Uberaba (Triângulo Mineiro) and Montes Claros (North of Minas Gerais), under the perspective of the Labov Sociolinguistics (LABOV, 1972) and Parametrical Sociolinguistics (TARALLO; KATO, 1989). This research had its origin in the hypothesis that the use of preposition **a** is more frequent in the region of Montes Claros, while in the region of Uberaba the use of preposition **para** is more frequent. The *corpus* of this research is made up of 36 recorded interviews, of which 18 were obtained in Uberaba and 18 were obtained in Montes Claros. The sample selection was prepared, observing four linguistic factors and three social factors, as follows: (i) presence and absence of the prepositions **para** and **a**, (ii) syntactic function of the entity headed by the preposition, if it were an adjunct or a complement, (iii) type of clause, (iv) type of verb, (v) age, (vi) schooling and (vii) geographical region. After analyzing the data, I verified that the preposition **para** is predominant in practically all the groups of factors analyzed, which partially confirms the initial hypothesis.

KEY-WORDS: 1-Sociolinguistics, 2-Prepositions, 3-Intra- and inter-linguistic variation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: mapa da região de Uberaba	68
Figura 2: fotografia da cidade de Uberaba	69
Figura 3: mapa da região de Montes Claros	70
Figura 4: fotografia da cidade de Montes Claros.....	72

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – distribuição geral da frequência de PARA e A nas amostras.....	92
GRÁFICO 2 - Distribuição da frequência entre PARA e A em Uberaba e Montes Claros.	93
GRÁFICO 3 - Distribuição da frequência de PARA e A entre Uberaba e Montes Claros.....	95
GRÁFICO 4: Distribuição da frequência de PARA e A em relação à faixa etária em Uberaba.....	97
GRÁFICO 5: Distribuição da frequência de PARA e A em relação à faixa etária em Montes Claros	100
GRÁFICO 6: Distribuição da frequência de PARA e A em relação à escolaridade em Uberaba.....	105
GRÁFICO 7 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação à escolaridade em Montes Claros	107
GRÁFICO 8 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação à função sintática, em Uberaba	112
GRÁFICO 9 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação à função sintática, em Montes Claros.....	114
GRÁFICO 10 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de verbo, em Uberaba	118
GRÁFICO 11 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de verbo, em Montes Claros.....	120
GRÁFICO 12 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de sentença, em Uberaba.....	124
GRÁFICO 13 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de sentença, em Montes Claros	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Distribuição da frequência de PARA e A, em relação à faixa etária, em Uberaba e Montes Claros.....	102
Tabela 2 Distribuição da frequência de PARA e A, em relação à escolaridade, em Uberaba e Montes Claros.....	109
Tabela 3 Distribuição da frequência de PARA e A, em relação à função sintática, em Uberaba e Montes Claros.....	116
Tabela 4 Distribuição da frequência de para e a em relação ao tipo de verbo, em Uberaba e Montes Claros.....	123
Tabela 5 Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de sentença, em Uberaba e Montes Claros	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	31
1.1 Weinreich, Labov e Herzog (1968).....	31
1.2 Labov (1972).....	38
1.3 Tarallo e Kato (1989).....	42
1.4 As Preposições: definição e estudos	49
<i>1.4.1 As preposições sob a perspectiva da Gramática Tradicional e da Gramática de Usos</i>	<i>50</i>
<i>1.4.1.1 A perspectiva da Gramática Tradicional</i>	<i>50</i>
<i>1.4.1.2 A perspectiva da Gramática de Usos</i>	<i>55</i>
<i>1.4.2 A definição de Mattoso Câmara Jr. (1970).....</i>	<i>57</i>
<i>1.4.3 As preposições sob a perspectiva da Sociolinguística Paramétrica</i>	<i>57</i>
<i>1.4.3.1 O trabalho de Oliveira (2005).....</i>	<i>58</i>
<i>1.4.3.2 O trabalho de Kewitz (2004)</i>	<i>60</i>
1.5 Teoria do Caso	63
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	67
2.1 Histórico da região de Uberaba.....	67
2.2 Histórico da região de Montes Claros	70
2.3 O envelope de variação.....	73
2.4 Grupos de fatores	75
<i>2.4.1 Variável Dependente</i>	<i>77</i>
<i>2.4.2 Variáveis Independentes.....</i>	<i>79</i>
<i>2.4.2.1 Linguísticas.....</i>	<i>79</i>
<i>2.4.2.2 Extralinguísticas.....</i>	<i>86</i>
2.5 A coleta e a transcrição dos dados	89
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	91
3.1 Distribuição das variantes: a frequência da preposição PARA e da preposição A nos dados de Uberaba e Montes Claros.....	91
3.2 Distribuição da frequência de PARA e A em relação às variáveis não linguísticas.	96
<i>3.2.1 O fator faixa etária</i>	<i>96</i>
<i>3.2.2 O fator escolaridade.....</i>	<i>104</i>
3.3 Distribuição da frequência de PARA e A em relação às variáveis linguísticas	111

3.3.1 O fator função sintática	111
3.3.2 O fator tipo de verbo	117
3.3.3 O fator tipo de sentença	123
CONCLUSÃO	133
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	143
ANEXO A: DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DA PESQUISA	144
ANEXO B: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	147
ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	148
ANEXO D: TABELAS DE RESULTADOS DA PESQUISA	149

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, investigo a variação das preposições **para** e **a** no Português Brasileiro (doravante PB), na fala das regiões de Uberaba (Triângulo Mineiro) e Montes Claros (Norte de Minas Gerais), sob a perspectiva da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e da Sociolinguística Paramétrica (TARALLO; KATO, 1989).

Segundo Ribeiro (2005), a região onde hoje é o Estado de Minas Gerais já foi habitada por diversas tribos indígenas, entre elas os Tapuias, os Araxás e os Tupis. Com a chegada dos bandeirantes vindos de São Paulo para ocupar as terras mineiras, as tribos indígenas que não foram extintas foram escravizadas. Afirma Ribeiro (2005, p.147) que São Paulo foi o “Brasil que subiu a serra”, levando traços culturais que mesclavam a influência do colonizador português aos costumes indígenas da região de São Paulo, dos brasileiros que mal falavam português e dos escravos africanos. Conforme apontam Naro e Scherre (2007), outro fator importante na constituição do PB foi a influência da chamada “língua geral”, predominante no Brasil até meados do século XVIII.

O quadro linguístico inicial que surge então é o de uma comunidade em que as línguas dos diversos grupos se influenciavam, principalmente através do aprendizado de segundas línguas por falantes não-nativos adultos. (NARO; SCHERRE, 2007, p.28-9)

A concepção geral dos habitantes da região do Triângulo Mineiro é de que o falar da região Norte Mineira apresenta-se “completamente diferente” em relação às outras regiões do Estado de Minas. Acredito que tal concepção se deve, principalmente, à proximidade do Norte de Minas com o Sul da Bahia, o que teria ocasionado algumas características linguísticas mais marcantes como a omissão do artigo definido nos nomes próprios, resultando formas sentenciais como “Ø Maria chegou”, em vez de “a Maria chegou”, esta última característica da região do Triângulo Mineiro.

Além disso, subjacente à escolha de uma pesquisa nas regiões de Uberaba e Montes Claros está o fato de estas regiões constituírem, historicamente, pequenos centros comerciais e culturais de referência regional: Uberaba no Triângulo Mineiro e Montes Claros no Norte de Minas.

As sentenças (1) e (2), a seguir, são exemplos obtidos a partir das amostras de Uberaba e Montes Claros, respectivamente, que compõem o *corpus* utilizado neste trabalho.

(01)

Nos últimos cinco anos, eu tive que assumir a chefia da família, né, então, que eu me separei o meu filho menor tinha um ano de idade, quer dizer, eu tive que virar pai, mãe, chefe de família, fazer tudo, então a questão financeira realmente passou a ser uma coisa muito importante, que eu tinha que dar comida **pros** meus filhos, dar casa, comida, tudo **pra** eles. (WDS-15-PTU)¹

(02)

Eu tinha um verdadeiro parquinho infantil na minha casa... balanço, escorregador, piscininha, essa piscina de plástico, mas uma piscina grande pra eles brincarem e tudo, então eu fiz o possível pra dar **a** eles uma infância da melhor qualidade. (MJN-35-QTM)

Diante dessas observações, é possível perceber que o uso da preposição **para** e da preposição **a** nas regiões de Uberaba e Montes Claros poderá ser investigado, visto que, embora as relações estabelecidas por essas preposições entre termos da sentença sejam semelhantes, a frequência do uso tanto de uma quanto de outra parece sofrer variações entre diferentes regiões, no caso Uberaba e Montes Claros.

A preposição é vista pela Gramática Tradicional como uma partícula que apenas liga termos da sentença, porém, estudos linguísticos mais recentes verificaram que a função da preposição vai muito além de simplesmente ligar elementos oracionais. Por essa razão, julguei pertinente proceder a uma

¹ A identificação das amostras obedeceu à seguinte convenção: o primeiro item se refere ao código de identificação do informante, obtido geralmente pelas suas iniciais; o segundo item é o número do inquérito e o terceiro item traz uma sequência de letras que representam, respectivamente, os grupos de fatores Faixa Etária, Escolaridade e Região Geográfica onde o dado foi obtido. Nesse exemplo, P diz respeito à faixa etária entre 36 e 55 anos, T diz respeito ao Ensino Superior e U à região de Uberaba-MG.

comparação entre a maneira como as preposições são definidas pela Gramática Tradicional e a maneira como são definidas pela Gramática de Usos. Para esse estudo comparativo, foram consultadas as obras de Bechara (1997), Rocha Lima (2001), Cegalla (1997), Cunha e Cintra (2001) e Neves (2000).

Com o objetivo de confrontar a abordagem tradicional com outras abordagens que levem em conta a variação, foram consultados também o trabalho de Oliveira (2005), que observou um aumento considerável do uso da preposição **para** no português escrito do século XIX para o século XX, e o trabalho de Kewitz (2004), que analisou cartas do século XIX e XX e verificou o enfraquecimento de **a** em complementos.

A partir das observações e questionamentos iniciais que deram origem a esta pesquisa, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- 1) Os falantes de Uberaba utilizam com maior frequência a preposição **para** em posição de adjuntos e complementos, enquanto os falantes de Montes Claros utilizam com maior frequência a preposição **a**, nas mesmas posições;
- 2) Em Uberaba e Montes Claros, o grupo etário de 20 a 35 anos favorece o uso de **para**, enquanto o grupo etário igual ou superior a 56 anos favorece o uso de **a**;
- 3) O fator escolaridade apresenta-se relevante em ambas regiões pesquisadas. Embora a predominância em Uberaba seja da preposição **para**, e em Montes Claros seja da preposição **a**, quanto maior o grau de escolarização, maior o uso de **a** em ambas regiões;
- 4) A função sintática dos constituintes encabeçados pela preposição apresenta-se relevante ao processo de variação de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros;
- 5) Os verbos de movimento, os verbos comunicativos e os verbos de ação transformativa ou transpossessiva são os que mais favorecem a variação de **para** e **a**. Os verbos predicativos, possessivos e existenciais são os que menos favorecem essa variação;

- 6) As sentenças do tipo (S)-V-OI ((sujeito) – verbo – objeto indireto) e (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI ((sujeito) – verbo – (adjunto adverbial) – objeto direto – objeto indireto) são as que mais favorecem a variação de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros;

Partindo das hipóteses que foram levantadas e elencadas acima, este trabalho possui os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Investigar o fenômeno da variação das preposições **para** e **a** como introdutoras de adjuntos e complementos, entre falantes das cidades de Uberaba e Montes Claros.

Objetivos Específicos

- i. Investigar se os fatores não linguísticos faixa etária, escolaridade e região geográfica favorecem a predominância da preposição **para** em Uberaba e da preposição **a** em Montes Claros;
- ii. Investigar se os fatores linguísticos função sintática do constituinte encabeçado pela preposição, tipo de verbo e tipo de sentença favorecem a predominância da preposição **para** em Uberaba e **a** em Montes Claros;

Com base nas hipóteses levantadas e nos objetivos a serem alcançados, busco responder as seguintes questões:

- a preferência pelo uso de **para** em Uberaba e de **a** em Montes Claros é favorecida por quais fatores?
- fatores não linguísticos como faixa etária e escolaridade favorecem o uso de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros?

- a função sintática dos constituintes encabeçados pela preposição favorecem o uso de **para** e **a**?
- o tipo de verbo favorece a predominância de **para** em Uberaba e **a** em Montes Claros?
- o tipo de sentença favorece a predominância de **para** em Uberaba e **a** em Montes Claros?

Este trabalho foi organizado em quatro seções. Na primeira seção, apresentarei o Referencial Teórico, com os autores que darão sustentação teórica ao modelo escolhido, levando em consideração os objetivos da pesquisa. Primeiramente, apresentarei os fundamentos empíricos para a teoria da mudança linguística, propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968). Embora o foco do trabalho desses autores tenha sido a Mudança Linguística e não a variação, as reflexões nele delineadas constituem princípios importantes à Sociolinguística, visto que toda mudança pressupõe variação. Em seguida, apresentarei a contribuição de Labov (1972), cujo trabalho forneceu as bases teóricas e metodológicas para a constituição da Sociolinguística Laboviana, sendo, portanto, uma das perspectivas norteadoras deste trabalho. Em seguida, apresentarei a contribuição de Tarallo e Kato (1989), cujo trabalho propõe a compatibilização entre a Sociolinguística Laboviana e as propriedades paramétricas do modelo gerativista, constituindo-se portanto a Sociolinguística Paramétrica.

Na seção 2, apresentarei os Procedimentos Metodológicos, dentro dos quais farei o delineamento dos passos seguidos para a efetivação da pesquisa como a contextualização das regiões de Uberaba e Montes Claros e o envelope de variação, contendo a descrição da amostra, a coleta de dados, as variáveis e os métodos de análise.

Na seção 3, apresentarei a Descrição e Análise dos Dados, com os gráficos gerados após a quantificação das amostras obtidas nas entrevistas. A partir da análise dos dados, procederei às conclusões a que terei chegado, e que serão retomadas na conclusão.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão apresentadas as reflexões teóricas necessárias à fundamentação no modelo escolhido, quais sejam, a Sociolinguística Laboviana e a Sociolinguística Paramétrica. Para isso, apresentarei um breve percurso histórico pelos fundamentos empíricos da teoria da mudança linguística, propostos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Embora este trabalho esteja voltado para a variação e não para a mudança linguística, julgo pertinente, e até necessário, não desviar da teoria desses três autores que, de certa maneira, plantaram na história da Sociolinguística as primeiras sementes, ainda que o fenômeno da variação e mudança já houvesse sido percebido pelos estudiosos de séculos atrás.

Posteriormente, apresentarei as contribuições de Labov (1972) e Tarallo e Kato (1989), os quais representam grandes marcos da sociolinguística no Brasil. Na sequência, farei uma análise de como a preposição é concebida pelas Gramáticas Tradicional e Funcional e se as abordagens dos principais gramáticos realmente são suficientes para conceituar e explicar o uso das preposições a que me proponho analisar, no caso **para** e **a**. Ao final desta seção, apresentarei dois trabalhos já publicados sobre as preposições (OLIVEIRA, 2005; KEWITZ, 2004), os quais abordam aspectos particulares de **para** e **a**.

1.1 Weinreich, Labov e Herzog (1968)

Início esta seção retomando duas grandes questões que em diversas épocas permearam as reflexões em relação à mudança linguística: (i) por que as línguas mudam? e (ii) é possível explicar a mudança?²

Lançando o olhar sobre a história da Linguística, podemos verificar que, em diversas épocas, estudiosos perceberam que uma língua muda com o tempo. Já nos séculos XIII e XIV, por exemplo, Dante Alighieri, além de ser um importante poeta italiano, realizou importantes estudos comparativistas, os quais estão descritos em sua obra *De Vulgari Eloquentia* (1304-06). Segundo Robins (2004, p.133), “Dante

² C.f. Coan (2007); Lyons (1987).

tinha profundo conhecimento das diferenças dialetais existentes dentro de cada área linguística. Em alguns capítulos de sua obra, faz pormenorizado e bem documentado estudo dos dialetos italianos”. Lyons (1987, p.170), afirma que a consciência de que a mudança linguística existia era consenso entre diversos estudiosos do passado, no entanto não havia ainda a ideia de que a mudança linguística constituía um fato universal, comum a todas as línguas, ideia que se desenvolveria posteriormente, a partir do movimento neogramático.

No século XX, a obra de Weinreich, Labov e Herzog (WLH), que foi apresentada primeiramente em um simpósio no Texas, no ano de 1966, e publicada em 1968, trouxe grandes contribuições à teoria da mudança linguística. Esta obra também foi republicada várias vezes e em diversos idiomas, incluindo a língua portuguesa.

Para chegar ao que chamaram de “fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”, esses autores partem do pressuposto de que, ao estabelecer a dicotomia sincronia/diacronia, Saussure teria reconhecido a língua como uma entidade heterogênea, considerando-a, então, como homogênea e, nessa perspectiva, Saussure não havia dado a devida importância ao caráter social da linguagem. No entanto, acredito que, ao estabelecer a distinção entre a língua e a fala, e entre a sincronia e a diacronia, Saussure considera o caráter social da língua, não negando a existência da variação e mudança linguística. Nesse sentido, para Saussure a língua seria homogênea exatamente por haver uma certa unidade de entendimento que permite a comunicação entre os falantes de uma língua, e não pelo fato de o linguista de Genebra desconsiderar o caráter social.

Analisando a obra do neogramático Hermann Paul, WLH (2006 [1968]) buscam o que parece ser de fundamental relevância aos estudos sobre mudança linguística: Paul talvez seja o primeiro estudioso que isolou a língua do indivíduo “como o mais legítimo objeto do estudo linguístico” (WLH, 2006 [1968], p.33).

Como mencionei anteriormente, o reconhecimento de que as línguas passam por mudanças ao longo do tempo não é necessariamente fruto do pensamento do século XIX. De fato, Weinreich, Labov e Herzog afirmam que muito antes de a linguística histórico-comparada florescer, já havia a consciência da mudança linguística. A primeira evidência de que as línguas passam por mudanças ao longo do tempo se deu no campo da evolução dos fonemas, tanto que a teoria dos

neogramáticos foi fundamentada a partir da mudança fonética, chegando a estabelecer leis universais que regulavam essa mudança.

Paul (apud WLH, 2006 [1968]) acreditava que toda estrutura de uma língua estava encerrada no idioleto. Para ele, cada indivíduo possui uma gramática internalizada, responsável por gerar os enunciados necessários para os falantes se comunicarem. Podemos reconhecer nesse pensamento um dos primeiros rudimentos do que, em meados do século XX, seria desenvolvido por Chomsky, compondo, assim, o modelo gerativista.

Ao postular a existência de uma gramática internalizada em cada indivíduo, Paul (apud WLH, 2006 [1968]), de certa maneira, vincula a linguística à psicologia, reconhecendo que há tantas línguas quantos são os indivíduos. Como afirmam WLH (2006 [1968], p.41)

O isolamento do indivíduo, pensava Paul, tinha a vantagem de vincular a linguística a uma ciência mais geral da psicologia. O preço deste isolamento, contudo, foi a criação de uma oposição irreconciliável entre o indivíduo e a sociedade. Paul então teve de construir uma ponte teórica para passar do objeto da linguística único e individual para uma entidade transindividual.

Essa entidade transindividual era nada mais do que aquilo que Paul chamou de “média”, isto é, o que podemos chamar de uso linguístico. A “média” seria o resultado da fusão dos idioletos de um determinado grupo de indivíduos. Segundo os autores, é como se tivéssemos três indivíduos A, B e C. O resultado da comparação entre esses indivíduos resultaria na média, isto é, no uso linguístico. Nesta perspectiva, cada vez que juntamos mais indivíduos em dado grupo, há também alteração da média, e, portanto, no uso.

Na visão de Paul, descrita por WLH, a mudança linguística seria o resultado de quaisquer fatores que interferem nos idioletos de um dado conjunto, inclusive se há acréscimo ou perda de idioletos. Isso significa dizer que, se há mudança em um idioleto, essa mudança provoca automaticamente alteração no uso linguístico, isto é, no conjunto. Portanto, a mudança no uso é fruto de mudança no idioleto. Nesse ponto, surge uma importante questão: se reconhecermos o dizer de Paul de que a mudança é fruto de mudanças nos idioletos, o que provoca essas mudanças? Não

estaria Paul, de certa maneira, criando também uma barreira entre o indivíduo e a sociedade?

Na perspectiva de Paul (apud WLH, 2006 [1968]), uma mudança poderá ocorrer no interior do idioleto ao longo da vida do indivíduo, o que implicará na mudança do uso linguístico. “É impossível designar um ponto na vida de um indivíduo em que se poderia dizer que o aprendizado da língua cessou” (apud WLH, 2006 [1968], p.43). Lyons (1987, p.194) chama atenção para o fato de não haver uma resposta consensual entre os linguistas sobre as causas da mudança linguística.

De fato, ao resenharem os escritos de Paul, WLH vão elencando várias inconsistências existentes nos postulados do neogramático sobre mudança linguística. Uma dessas inconsistências gira em torno da afirmação de Paul de que a mudança linguística se desenvolve em torno da utilidade, isto é, uma ideia baseada na seleção natural, em que um determinado uso linguístico permanece se possui maior utilidade e desaparece se possui menor utilidade. “Como uma explicação pela seleção natural é vazia, a menos que se postule um critério independente para a sobrevivência, Paul invoca, como um fator especificamente linguístico, o princípio da maior comodidade” (WLH, 2006 [1968], p.45).

Esse princípio da maior comodidade, defendido por Paul, também é chamado pelos filólogos de “lei do menor esforço”³. Tal princípio, ou lei, não se sustenta empiricamente. Embora a análise da evolução das línguas traga evidências de que o falante busque uma posição mais cômoda do aparelho fonador, há muito mais evidências que rompem com esse princípio. Primeiramente, aceitar a existência da maior comodidade equivale a reduzir a mudança linguística à mera simplificação de uma língua. Nesse sentido, levanto a seguinte questão: se uma língua sempre se encontra em processo de evolução e se os falantes não fizessem mais que simplificarem as línguas, então qual seria o futuro dessas línguas?

Na passagem do latim ao português, por exemplo, é possível sustentar a maior comodidade em alguns casos como *cantare* > *cantar* e *mallu* > *mal*.⁴ No entanto, o mesmo não se verifica em *stella* > *estrela* e *caveola* > *gaiola*⁵. Se por um lado parece aceitável que um falante busque a comodidade apagando o [e] de

³ c.f. Coutinho, 1974, p.134.

⁴ ibidem.

⁵ ibidem.

cantare e o [u] de *mallu*, por outro lado é difícil aceitar a ideia de que haja maior comodidade na inserção de um [r] em *stella*, ou a mudança de *caveola* para *gaiola*. Além disso, é muito comum na evolução fonética das línguas a alternância de fenômenos como a sonorização de consoantes surdas – por exemplo [p] para [b] - ou a passagem de uma consoante surda para sonora – por exemplo [d] para [t] (COUTINHO, 1974).

Um outro aspecto apresentado por WLH que se mostra problemático é o fato de Paul considerar a mudança linguística como o resultado da substituição do idioleto de uma geração pelo idioleto de outra geração. Ora, tal pensamento cria a noção de que a mudança linguística ocorre exatamente em uma sequência cronológica, isto é, uma geração A possui um idioleto e a geração B, posterior à primeira, possuirá outro, o que não se verifica na verdade. Duas gerações podem perfeitamente conviver juntas sem que ocorra qualquer mudança. Além disso, uma geração A poderá apresentar a variação de determinado elemento da língua que somente se tornará mudança em uma geração C ou D. “Se as mudanças cronológicas na língua podem ser sobrepostas às renovações da população, fica cancelada a necessidade de uma teoria da mudança enquanto tal, já que se pode simplesmente pensar nos falantes de um dialeto substituindo os falantes de outro” (WLH, 2006 [1968], p.49).

Na verdade, segundo os autores, as gerações em uma comunidade formam um *continuum*, e “uma teoria sólida que se baseie nas diferenças de idade tem que estar preparada para tratá-las como um gradiente ininterrupto” (p.49). Como já mencionado anteriormente, o próprio Paul reconheceu que há mudança no idioleto de um mesmo indivíduo, e vários estudos da atualidade verificaram a existência de nuances entre indivíduos de menor idade e os mesmos indivíduos, anos mais tarde (NARO, 2003, p.44).

Um ponto importante na obra de WLH é a proposição de uma aproximação entre a sincronia e a diacronia, em vez da separação estabelecida por Saussure. Os autores não negam a importância de Saussure na fundação da Linguística, mas criticam o fato de o linguista suíço considerar a língua como homogênea, o que acabaria negando os aspectos prospectivos e retrospectivos. Tarallo (1994, p.25) afirma que a obra de Weinreich, Labov e Herzog rompe com a noção da sincronia aliada à estrutura, de um lado, e de outro lado, com a diacronia aliada à história.

Afinal de contas, para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação (...). E constatar o vínculo necessário entre variação e mudança, necessariamente implica aceitar a história e o passado como reflexos do presente, dinamicamente se estruturando e funcionando. (Tarallo, 1994, p.25)

Há muitas críticas que ecoam entre linguistas pós-saussureanos sobre o fato de Saussure haver estabelecido a língua como homogênea. “Em particular, não há nada em sua teoria que pudesse acomodar uma língua heterogênea, salvando-a ao mesmo tempo como um objeto legítimo da investigação sincrônica” (WLH, 2006 [1968], p.56). Também criticam o fato de o gerativismo considerar central a existência da homogeneidade e citam Chomsky quando este declara que, embora uma concepção homogênea de língua pareça ser a posição daqueles que fundaram a linguística geral moderna, “não se tem oferecido nenhuma razão convincente para modificá-la (*a concepção homogênea de língua*)” (apud WLH, 2006 [1968], p.60).

Depois de fazerem várias demonstrações em relação aos problemas de mudança de estrutura, dentre os quais podemos citar alguns traços de mudança fonológica no alemão e no lídiche, os três autores, finalmente, propõem o que chamaram de *princípios empíricos para a teoria da mudança linguística*, a saber, (i) fatores condicionantes, (ii) transição, (iii) encaixamento, (iv) avaliação e (v) implementação.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) definem fatores condicionantes como sendo os elementos, ou conjuntos de elementos, que “impulsionam” a mudança linguística em determinada direção, e não em outra. Os autores não chegam a fornecer um exemplo claro de fatores condicionantes, mas argumentam que, no caso de um sistema que possui dois fonemas em contato com outro sistema em que houve a fusão desses dois fonemas, a menos que esses sistemas sejam submetidos a certas condições especiais, os fatores condicionantes impulsionarão a mudança no sentido de prevalecer a fusão dos fonemas.

Outro princípio, o da transição, pode ser entendido como a mudança de um estado de língua para outro, em uma “distribuição contínua através de sucessivas faixas etárias da população” (p.122). Há basicamente três situações em que a transição ocorre: quando o falante aprende uma forma alternativa ou quando há duas formas existentes na competência linguística do falante ou, ainda, quando uma

forma se torna obsoleta e acaba sendo substituída por outra mais atual. Independentemente da maneira como a transição ocorre, WLH admitem que esta ocorre, pelo menos aparentemente, entre faixas etárias próximas. Nesse sentido, ao contrário do que defendia Hermann Paul (apud WLH, 2006 [1968]), a transição, na verdade, não ocorre de pai para filho, mas sim entre crianças em situação de contato com outras crianças. Coan (2007, p.15) explica que, para Labov, a criança preserva a fala de seus pais apenas em situações de isolamento, quando não há convivência com outros indivíduos da sociedade ou quando os pais possuem um determinado traço da norma de prestígio e desejam que a criança preserve esse traço.

Há também o princípio denominado encaixamento. Weinreich, Labov e Herzog (p.123) postulam que a mudança raramente afeta o sistema inteiro. “Em vez disso, descobrimos que um conjunto limitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um pólo para outro” (p.123). A transição de um estado de língua para outro é composto por diversos traços de mudança que vão se “encaixando” no sistema de forma gradual (encaixamento na estrutura linguística) e esse encaixamento, por sua vez, está relacionado com diversos fatores sociais (encaixamento na estrutura social) como idade, sexo, região geográfica, entre outros. Um exemplo que julgo pertinente citar aqui é a perda do parâmetro *pro-drop* no PB. Duarte (1995) observou que o enfraquecimento de AGR, aliado à redução do quadro pronominal, constituem causas do licenciamento do sujeito pleno em detrimento do sujeito nulo no PB. Mas essa mudança ainda encontra-se em curso, em processo lento, sendo que atualmente tanto a forma plena quanto a forma nula do sujeito convivem, embora a tendência seja do completo desaparecimento da forma nula.

O princípio da avaliação refere-se à maneira pela qual a mudança de um traço da língua é recebida pelos falantes de uma comunidade de fala. No processo de transição de um estado de língua para outro, há o encaixamento de determinado item na estrutura linguística e os falantes, por sua vez, avaliarão esse encaixamento quanto ao seu valor social, decidindo qual norma do meio social será ocupada pela mudança.

Por último, o princípio da implementação diz respeito à maneira que uma determinada mudança será “espalhada” pela comunidade de fala. “Sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da

variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, p.124). Por trás de uma mudança linguística, sempre haverá, portanto, uma variação que foi encaixada na estrutura linguística a partir da estrutura da comunidade de fala. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) trataram com bastante propriedade várias questões sobre a mudança linguística, embora não apresentem ao longo do trabalho exemplos que demonstrem seus postulados. Na próxima seção, abordarei mais detalhadamente a contribuição de William Labov para os estudos da variação e mudança linguística.

1.2 Labov (1972)

Não parece novidade que as diferenças existentes entre dois ou mais dialetos tenham sido percebidas ao longo da história. Saussure, ao distinguir língua e fala, abriu espaço para que a fonologia fosse posta do lado da língua e a fonética, ao lado da fala. De certa maneira, essas questões foram retomadas na década de 60, quando Labov desenvolveu pesquisas que contribuíram imensamente para a emergência do que hoje denominamos Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana.

A proposta de Labov toma como ponto de partida o estudo da língua em seu contexto social, com o objetivo de verificar quais os fatores exteriores à língua que interferem em determinado elemento linguístico no sentido de impulsionar o falante no caminho da variação e da mudança linguística. Labov toma como ponto de partida a ideia da heterogeneidade, contrária à da homogeneidade proposta pelo estruturalismo saussureano e difundida pelos gerativistas.

Mollica (2003, p.12) comenta que uma língua está sujeita a pressões tanto no sentido da variação e mudança, quanto no sentido da unidade. Isto é, se por um lado há um sistema que precisa de certa unidade estrutural para funcionar corretamente, por outro há forças externas à língua que a “empurram” no sentido da variação e da mudança linguística. Essa ideia pode ser vista como um dos fundamentos da proposta de Labov em relação a uma ciência que considera o sistema linguístico no contexto sistêmico e social. Assim, uma comunidade de fala, segundo Labov (1972), é definida como um grupo de falantes que partilham das mesmas normas linguísticas. Nesta perspectiva, variantes condicionadas por

diferenças de faixa etária ou de classe social podem vir a constituir comunidades de fala um tanto diferentes, embora uma única variável possa não ser suficiente para distinguir uma comunidade de fala da outra.

Utilizando como exemplo a proposta deste trabalho, é possível considerar as cidades de Uberaba e Montes Claros comunidades de fala distintas por possuírem, cada uma delas, elementos de variação linguística. Como será demonstrado na descrição e análise dos dados, na sintaxe de ambas as regiões é possível encontrar a ordem (S)-V-OI-OD, mas os dados demonstram que, em Montes Claros, a preposição **a** ou **para** é geralmente omitida nesse tipo de ordem sintática, fenômeno que geralmente não ocorre em Uberaba. No entanto, mesmo dentro de uma região, é possível que haja mais de uma comunidade de fala. Em Uberaba, por exemplo, a faixa etária que detém o maior uso da preposição **a** como introdutora de adjuntos e complementos é a dos falantes com idade igual ou superior a 56 anos, em oposição aos falantes de 20 a 35 anos, que usam mais a preposição **para**.

O trabalho que Labov empreendeu nas pesquisas sociolinguísticas pode ser dividido em três grandes estudos. O primeiro deles data de 1963 e foi realizado em uma ilha da região do estado de Massachusetts, conhecida como Martha's Vineyard, cuja variável observada foi a centralização da vogal que constituía o núcleo dos ditongos [ay] e [aw]. Os falantes viniardenses apresentavam um alto índice da realização do ditongo [ay] como [əy] em *wife*, *right*, e *light*; e do ditongo [aw] como [əw] em palavras como *house*, *mouse* e *out*. Enquanto a população mais velha preservava a realização sem a centralização, considerada de prestígio na Nova Inglaterra, os falantes mais jovens tendiam à centralização (LABOV, 1972).

É certo que o mero conhecimento da probabilidade de uma língua sofrer variação e mudança não era suficiente para explicar o motivo de tal ocorrência na ilha. E nem era suficiente que tal explicação fosse buscada no interior do sistema da língua. Era preciso, sim, que Labov fosse em busca de fatores sociais, externos ao sistema linguístico.

A ilha de Martha's Vineyard apresentava uma população em torno de 6.000 habitantes. Esse número subia para mais de 40.000 quando chegava o verão, nos meses de junho e julho, e com ele os veranistas, que “invadiam” a ilha. Acrescenta-se a isso o fato de Martha's Vineyard apresentar um dos maiores índices de desemprego dos Estados Unidos. Labov, então, chegou à conclusão de que a crescente centralização da vogal [a] constituía uma reação, principalmente, da

população jovem que não aceitava a invasão dos veranistas. Assim, conforme afirma Tarallo (1986, p.14), “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”.

Outra importante pesquisa realizada por Labov diz respeito às variantes do [r] pós-vocálico na fala de Nova Iorque. A pesquisa ocorreu em três grandes lojas, que representavam, de certo modo, as classes sociais nova-iorquinas. A Saks era frequentada por pessoas das classes mais altas, a Marcy's por pessoas da classe média, enquanto a Saint Klein por pessoas de classes mais baixas.

O [r] pós-vocálico pode ser pronunciado ou não pronunciado. Enquanto no inglês britânico a forma não pronunciada - chamada por Labov de (r-0) - constitui a variante de prestígio, nos Estados Unidos, ela constitui a variante estigmatizada, pois a variante de prestígio é a forma pronunciada, chamada por Labov de (r-1).

A metodologia consistiu em perguntar aos funcionários das lojas visitadas como encontrar determinado produto, de forma que a resposta pudesse normalmente ser *fourth floor*. A partir dos dados obtidos, Labov chegou aos seguintes resultados: o (r-1) teve 62% de ocorrências na Saks, 51% na Marcy's e apenas 20% na S. Klein.

De posse dos resultados, era preciso que se chegasse a uma conclusão sobre fatores sociais que pudessem condicionar a frequência de realização de (r-0) e (r-1). Lançando um olhar sobre os funcionários que trabalhavam nas três lojas, Labov observou que fatores como raça, entre outros, poderiam constituir-se em variáveis independentes. De fato, dos 62% de informantes da Saks que realizaram o (r-1), apenas 3% eram negros, em oposição à Saint Klein, que apresentou 25% de informantes negros realizando o (r-1), de um total de 20% de ocorrências do total de informantes. Na Marcy's, por sua vez, dos 51% de informantes que realizaram o (r-1), 14% eram negros. Dessa maneira, Labov afirma que

The higher percentage of black sales people in the lower-ranking stores is consistent with the general pattern of social stratification, since in general, black workers have been assigned less desirable jobs. (1972, p. 54)⁶

⁶ “A porcentagem mais alta de vendedores negros nas lojas de menor prestígio é coerente com o padrão geral de estratificação social, já que, normalmente, aos trabalhadores negros são atribuídos empregos menos prestigiados.” (LABOV, 2008, p. 75)

O terceiro grande trabalho de Labov foi uma pesquisa realizada com jovens negros do Harlem⁷, os quais possuíam grandes dificuldades de aprendizagem de leitura na escola. Vale dizer que a língua falada por esses jovens era uma variante falada pelos negros, uma espécie de subsistema distinto do inglês, chamado por Labov de BEV (*Black English Vernacular*). O linguista observou que, na verdade, o fracasso escolar era fruto do conflito cultural enfrentado pelos jovens, os quais eram rejeitados pelo sistema escolar exatamente por falarem uma variante que apresentava um grande número de formas estigmatizadas bem diferentes do inglês-padrão, e que eram estigmatizadas socialmente.

Acredito que podemos traçar alguns pontos principais da proposta do linguista norte americano, que demonstrou a relevância das variáveis sociais. No trabalho em Martha's Vineyard, Labov deixa claro que a não aceitação de pessoas estranhas à ilha desencadeou uma pressão nos jovens viniardenses no sentido de impulsionar a língua para a variação fonológica. Já no trabalho com a estratificação do [r] em Nova York, Labov propôs a relevância dos fatores socioeconômicos e também do grau de escolaridade como condicionadores de certas variantes. No trabalho com os adolescentes do Harlem, temos a influência da variante de prestígio interferindo no aprendizado dos jovens negros, falantes de uma variante não padrão, a qual era estigmatizada pela sociedade, considerada “errada” pelos falantes do inglês padrão, já que era característica de uma classe também estigmatizada. Ou, no dizer de Gnerre (1998, p.6), “uma variedade linguística vale o que valem na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Outro elemento relevante proposto por Labov é de caráter metodológico. Até então, não havia uma metodologia de pesquisa em sociolinguística que utilizasse meios seguros de empreender uma pesquisa. O linguista norte americano foi o primeiro a se valer do tratamento estatístico para a coleta, seleção, quantificação e análise dos dados coletados, propondo um modelo quantitativo em reação ao modelo gerativista, que não incluía nas análises os aspectos sociais. Desta forma, há, então, um modelo que buscava a heterogeneidade em oposição a outro que

⁷c.f. Calvet, 2002, p.98.

insistia em manter a homogeneidade. Na verdade, a proposta gerativista parte do pressuposto de que a explicação para um fenômeno deve ser buscada no interior do sistema, e não fora dele.

Assim, a importância de Labov reside no fato de buscar, nas várias instâncias sociais, elementos relevantes que interferem sensivelmente nas questões linguísticas. Outras pesquisas foram realizadas por Labov, contribuindo para o estabelecimento dos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística quantitativa. Expus aqui, no entanto, aquelas que merecem destaque especial, por terem contribuído sobremaneira para o desenvolvimento do modelo sociolinguístico variacionista.

1.3 Tarallo e Kato (1989)

Em 1989, Tarallo e Kato propuseram o modelo que chamaram de harmonia trans-sistêmica, no qual propõem um movimento de realinhamento entre dois grandes modelos teóricos do século XX, que até então se apresentavam como verdadeiramente opostos: a sociolinguística variacionista e a teoria gerativa chomskyana. Para compreendermos melhor o realinhamento proposto por Tarallo e Kato, será necessário recorrermos a um brevíssimo intercurso na história.

Vimos que, na década de 60, os linguistas Weinreich, Labov e Herzog, já mencionados nesse trabalho, propuseram um conjunto de princípios para uma teoria da mudança linguística que buscasse, na concepção heterogênea da língua, um novo olhar, em reação à então concepção homogênea, defendida pelos estruturalistas e posteriormente pelos gerativistas. Labov, por sua vez, em 1972, propôs um modelo teórico-metodológico que buscava, basicamente, demonstrar a importância de fatores sociais, externos ao sistema linguístico, que interferiam sensivelmente no comportamento linguístico dos falantes, desencadeando, assim, a variação e a mudança linguística.

Durante muito tempo, mais precisamente até o século XIX, os estudos da linguagem eram realizados com vistas ao estabelecimento de regras, ainda que em muitos casos não houvesse, até então, um rigor metodológico que pudesse conferir

a esses estudos um caráter científico - pelo menos não como é reconhecido hoje - o que somente foi iniciado a partir de Saussure com a publicação do *Curso de Linguística Geral*. Há também o caso do manifesto neogramático, escrito em 1878 por Osthoff e Brugmann, que de certa maneira pregava uma metodologia voltada para as probabilidades, mas que na verdade possuía a mesma rigidez da linguística de regras, conforme explicam Tarallo e Kato (1989). Assim, o que Osthoff e Brugmann tentaram fazer em 1878 só foi de fato realizado quase um século depois por Labov: um modelo que trabalhasse com dados brutos e colocasse o pesquisador para fora do gabinete, em contato com a língua em pleno funcionamento, isto é, uma ciência de probabilidades.

Mas continuava a divergência entre os que faziam ciência de probabilidades frente aos que faziam ciência de regras. Foi a partir destas questões, que Tarallo e Kato, em 1989, propuseram um “abrandamento” entre a oposição que marcava as probabilidades da sociolinguística variacionista e as propriedades paramétricas do modelo gerativo, já que “polarizar uma linguística de regras de um lado, e uma ciência de probabilidades de outro, tem marcado presença em todas as sub-áreas de investigação em linguística há tempo até demais: na fonologia, na sintaxe, etc, etc, etc.” (TARALLO; KATO, 1989, p.2). Nasce, então, o que chamamos hoje de Sociolinguística Paramétrica.

Empreenderemos, sim, um novo caminho: aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função de outro. Acreditamos, assim, num direcionamento mútuo entre a variação intra- e inter-linguística, enfim: na *harmonia trans-sistêmica* (p.6). (grifo meu)

De acordo com o trabalho dos dois autores, entende-se por harmonia trans-sistêmica os resultados e generalizações obtidos a partir da análise das probabilidades e/ou propriedades paramétricas de um dado estado de língua ou estados de línguas. Tais generalizações podem ser chamadas de parâmetros sociolinguísticos e estão relacionadas às propriedades pelas quais uma língua sofre variação ou mudança linguística (1989, p.8).

A compatibilização entre as propriedades paramétricas e as probabilidades ajudará a reconhecer, por exemplo, que as línguas podem em algum momento realinhar as suas gramáticas, isto é, compartilharem das mesmas propriedades paramétricas. Parte-se, então, de uma análise de elementos intra-linguísticos (variáveis internas em uma determinada língua), para depois proceder ao estudo comparativo desses mesmos elementos funcionando inter-linguisticamente (como as variáveis atuam em línguas diferentes).

Em um primeiro momento, não é difícil imaginar a existência de uma variável intra e inter-linguística, se pensarmos em línguas historicamente afins, como é o caso das neolatinas. Nessa perspectiva, seria possível propor que o português, o francês, o italiano e o espanhol possuem certas propriedades paramétricas iguais, porque são provenientes de uma mesma fonte, no caso, o latim. Mas a situação aqui é outra. Tarallo e Kato (1989) sustentam a afirmação de que é relevante reconhecer que duas ou mais línguas podem perfeitamente ter realinhadas determinadas partes de sua gramática. Tomemos como exemplo a flexão verbal de dois sistemas completamente diferentes se pensarmos na origem desses sistemas: o inglês moderno e o português brasileiro.

No período arcaico da língua inglesa, o paradigma das conjugações verbais obedecia a uma estrutura que conferia desinências distintas para cada uma das pessoas e tempos, semelhante à estrutura das línguas românicas. Com o passar do tempo, o paradigma sofreu um processo de mudança no sentido de regularizar todas as pessoas e tempos, e hoje é composto de apenas algumas regras como o “s” da terceira pessoa do singular do tempo presente. Assim, o verbo *to love* (amar), que hoje é realizado no tempo presente como *I love, you love, he loves, we love* e *they love*, no inglês arcaico⁸ era realizado como [ic lufie], [pū lufast], [hē lufað], [wē lufiað] e [hīo lufiap].

O português falado hoje no Brasil, em várias situações, possui um paradigma de conjugação verbal semelhante ao inglês moderno. A norma padrão da língua conserva o paradigma, mas as variações não padrão tendem a simplificá-la, fazendo que a realização em [eu amo, tu amas, ele ama, nós amamos, vós amais, eles amam] seja realizada também como [eu amo, tu ama, ele ama, nós ama, Ø, eles

⁸ c.f. Diamond, 1970.

ama]. Isto pode significar um realinhamento das propriedades paramétricas do PB em direção à perda do sujeito nulo.

Tarallo e Kato (1989) sustentam a aproximação entre a teoria variacionista e a teoria gerativa em três momentos. No primeiro momento, há o reconhecimento de que existem fatores condicionantes que conduzem, na mesma direção, línguas como o Espanhol mexicano, o Francês canadense e o Português carioca à inversão do sujeito. Outro exemplo seria o trabalho de Sankoff e Tarallo (1987, apud TARALLO; KATO, 1989), realizado a partir do Tok Pisin e do PB, cujos resultados mostraram a existência de semelhanças entre essas línguas no que diz respeito à chamada cópia do pronome, em sentenças relativas e não relativas.

No segundo momento, os autores citam trabalhos como o de Hochberg que, em 1986, apontou um aumento da frequência do uso do pronome de segunda pessoa do singular na fala de Porto Rico. Nesse estudo de probabilidades, Hochberg levanta a hipótese de erosão das consoantes finais funcionarem como fatores condicionantes do preenchimento do pronome, na função de sujeito.

Isso traduzido em miúdos sintáticos paramétricos simplesmente significa que AGR deixou de ser sujeito no dialeto portorriquenho e que tal sistema tende a deixar de exibir a primeira propriedade do parâmetro do sujeito nulo. (Tarallo e Kato, 1989, p.9)

Os autores também citam um trabalho de Naro (1981) sobre as restrições morfológicas para o apagamento do sujeito no português, trabalho esse que alcançou resultados parecidos com os de Hochberg, em 1986. Tarallo e Kato (1989) apontam que, em artigo anterior (Kato e Tarallo, 1986), demonstrou-se que o uso cada vez mais frequente de formas substitutivas como em SNs, pronomes pessoais e o clítico “se” fazem parte de um processo de variação e mudança, no sentido de levar o português brasileiro a perder as propriedades do sujeito nulo. Como é possível notar, há vários trabalhos que apontam a possibilidade de o PB vir a ser o que hoje é o inglês e o francês, no que concerne à lexicalização do sujeito, isto é, há evidências que apontam para que o parâmetro *pro-drop* deixe de ser ativado em PB⁹.

⁹ c.f. Duarte, 1995, já citado no item 1.2

Inicialmente, pensar em um realinhamento paramétrico poderia sugerir a afirmação de que o processo de mudança linguística em uma língua ocorrerá exatamente como ocorreu em outra. É preciso considerar, porém, que mesmo havendo certas regularidades na mudança, há peculiaridades dentro desse processo de uma língua para outra. A perda do parâmetro *pro-drop* ocorrida no Inglês e no Francês se deu principalmente pelo enfraquecimento de Agr. No caso do PB, a redução do quadro pronominal, como o desaparecimento de **vós** e a substituição de **tu** por **você**, é um fator que contribuiu para a lexicalização do sujeito (DUARTE, 1995). Pode ser que esse processo de perda do parâmetro *pro-drop* dependa de outros fatores condicionantes em outras línguas, mas ao conhecer esse processo em línguas como o Francês, o Inglês e atualmente o Português, é possível identificar as tendências, quando a mudança ainda se encontra em progresso. Assim, ao identificar fenômenos como o enfraquecimento de Agr e a redução do quadro pronominal em uma língua *pro-drop*, é possível traçar um esboço sobre quais são as tendências de mudança na língua em estudo. Daí um dos aspectos relevantes ao se propor uma Sociolinguística Paramétrica.

No terceiro momento, Tarallo e Kato demonstram que, por um lado, é possível a uma linguística de propriedades antecipar, por exemplo, que não haja interferência sintática em línguas que dispõem das mesmas propriedades, o que contraria a teoria de Weinreich (1953) (p.10). No entanto, os autores citam o trabalho de Chaves (1987) sobre a possibilidade de haver, sim, interferência sintática conforme a teoria weinreichiana. Nesse caso, o português falado na fronteira permite a inversão do sujeito assim como o espanhol americano, enquanto o português falado na costa não permite. Para resolver então essa questão, Tarallo e Kato propõem que uma linguística de probabilidades possa prever “como um dialeto de uma determinada língua, numa situação de contato, pode começar a realinhar as propriedades de seus parâmetros sintáticos” (p.10).

Uma outra questão que julgo importante mencionar aqui é a reflexão que os autores fazem quanto ao fato de que uma linguística de propriedades paramétricas parece agir no sentido do “tudo ou nada”, enquanto que a das probabilidades agiria no sentido do “mais ou menos”. Em outras palavras, a primeira agiria no sentido da homogeneidade e a segunda, no sentido da heterogeneidade. Tarallo e Kato, por sua vez, chamam atenção para a necessidade de um posicionamento entre as duas que busque “uma postura diferenciada frente ao dado analisado”.

A fim de demonstrar com mais detalhes os fundamentos que justificam a proposta de compatibilização entre a teoria variacionista e a teoria das propriedades paramétricas, Tarallo e Kato (1989) apresentam um estudo sobre a ordem verbo-sujeito (VS) no português. Os autores iniciam afirmando que a ordem VS é um tema bastante estudado por linguistas, sob várias perspectivas. E, mesmo havendo inúmeros estudos sobre o assunto, este se justifica pelo fato de demonstrar a maneira como a ordem VS é realizada em outros sistemas, como nas línguas românicas. Desta forma, os autores propõem um estudo que parte do inter para o intra-linguístico.

Tanto para os tipologistas como Greenberg (1963), Keenan e Comrie (1977), Anderson (1976) e outros, quanto para os universalistas como Chomsky e seus seguidores, há um interesse em se desvendar os parâmetros de variação nas línguas naturais. Para os primeiros, o interesse reside em determinar a variação linguística possível e para os últimos, o objetivo é estabelecer os princípios que determinam o limite dessa variação. (Tarallo e Kato, 1989, p.12-13)

Partindo do conceito de parâmetro posto por Comrie (1977), para quem um parâmetro pode ser definido como uma propriedade que sofre variação significativa nas línguas naturais¹⁰, essa propriedade pode sofrer variação, quando está relacionada a outras propriedades. Isso significa dizer que, no caso da ordem VS, as propriedades serão significativas a partir do momento em que for possível estabelecer relações de implicação tais como, “se VSO, então preposições e se SOV, então posposições” (p.13).

Segundo os autores, o conceito de parâmetro está incorporado na teoria gerativa chomskiana de forma a estabelecer um conjunto de parâmetros que seriam importantes para entendermos a variação inter-linguística. Nesse sentido, os autores explicam que Chomsky (1981) propôs a existência do parâmetro pro-drop e, a partir desse parâmetro, postulou-se a possível existência de propriedades que estariam relacionadas ao fato de a realização do sujeito nulo ser ativada juntamente com a chamada “inversão livre”. Tarallo e Kato citam como exemplo desta afirmação o catalão, o italiano e o espanhol. Os autores apresentam o estudo de Rizzi (apud

¹⁰ Tarallo e Kato, 1989, p.13.

TARALLO; KATO, 1989, p.13) que explica, a partir do italiano, que trabalhos têm demonstrado a existência de propriedades sistematicamente correlatas ao sujeito nulo, isto é, as línguas pro-drop possuem um processo de inversão livre que normalmente não ocorre nas línguas que possuem o traço [-sujeito nulo], e citam do trabalho de Rizzi dois exemplos, os quais reproduzo em (3).

- (3)
- a. Ha telefonato Gianni.
 - b. Ho trovato il libro.

Outro estudo citado como exemplo é o de Torrego para o espanhol (apud TARALLO; KATO, 1989, p.13-14), que também considera a inversão livre como um fator característico da possibilidade da existência do sujeito nulo. De Torrego, Tarallo e Kato citam um exemplo, o qual reproduzo em (4).

- (4)
- Contesto la pregunta Juan.

Na mesma linha, os autores citam também Picallo para o catalão, o qual também aponta a inversão livre como uma das características de uma língua pro-drop. De Picallo, os autores citam os exemplos que reproduzo em (5).

- (5)
- a. Ha menjat en Joan.
 - b. Ha menjat.

Embora Tarallo e Kato (1989) não façam no texto uma exposição detalhada do trabalho de Rizzi e de Torrego e Picallo, a breve exposição que fazem é importante para demonstrar a relevância da inversão livre para o parâmetro pro-drop.

Vimos que há estudos que apontam a correlação entre a existência do parâmetro pro-drop e a aceitação da inversão livre. Entretanto, os autores chamam

atenção para o fato de línguas como uma variante do italiano, chamada trentino, e o português, possuírem o parâmetro pro-drop, mas não admitirem a inversão livre. Assim, para resolver esse problema, de forma a não romper com a proposta de compatibilização entre as probabilidades e as propriedades paramétricas, Tarallo e Kato (1989) fazem duas propostas. A primeira diz respeito à ordem VS não ser um fenômeno portador de homogeneidade, pelo menos não como entendem os estudos empíricos do português. A segunda proposta seria admitir que os estudos sobre propriedades paramétricas não diferenciam línguas com o traço [+inversão livre] de línguas [-inversão livre].

Tarallo e Kato propõem que um estudo baseado nessas duas propostas, citadas no parágrafo anterior, além de constituir em um interessante estudo empírico para o português, forneceria subsídios para a linguística trans-sistêmica, no que concerne à ocorrência do fenômeno VS em cada língua estudada e que contém o fenômeno.

Ao delinearem os estudos sobre a inversão VS, os autores demonstram a possibilidade - e também a relevância - da compatibilização entre a sociolinguística laboviana e a teoria gerativa das propriedades paramétricas. Acresce que a importância do trabalho de Tarallo e Kato se faz presente, portanto, no abrandamento da antiga oposição entre empiristas e racionalistas. É como se os dois autores lançassem um novo olhar sobre a linguística comparada do século XIX, no sentido de valorizar certas descobertas que foram tão importantes para a ciência da linguagem.

Depois dessas incursões pelas principais teorias da variação e mudança linguística, faz-se necessário começar a olhar mais afuniladamente sobre o objeto de estudo deste trabalho, isto é, as preposições. Portanto, na próxima seção farei a exposição da maneira como as preposições são definidas pela Gramática Tradicional e pela Gramática de Usos. Na sequência, apresentarei alguns estudos sobre **para** e **a** na perspectiva da Sociolinguística Paramétrica.

1.4 As Preposições: definição e estudos

As preposições, de uma forma geral, já existiam na língua latina, ainda que não fossem amplamente usadas, visto que as relações estabelecidas entre constituintes da sentença eram marcadas na maioria das vezes pelas desinências que compunham a marcação de Caso¹¹ morfológico. Com o gradual desaparecimento do Caso morfológico, o uso das preposições tornou-se mais frequente.

Segundo Poggio (2002, p.222), no século XVI, a preposição era definida por João de Barros (apud POGGIO, 2002, p.222) como “uma parte da gramática que se põe entre as outras por ajuntamento ou por composição”. Segundo a autora, as preposições **para** e **a** estão entre as formas mais intensamente gramaticalizadas, sendo responsáveis, principalmente, pela marcação de Caso dativo.

1.4.1 As preposições sob a perspectiva da Gramática Tradicional e da Gramática de Usos

Nesta seção, apresento a maneira pela qual as preposições são definidas pela Gramática Tradicional e pela Gramática de Usos. Ao apresentar as preposições na perspectiva da Gramática Tradicional e da Gramática de Usos, pretendo confrontar uma vertente tradicional com uma vertente que, em vez de estabelecer a norma, busca compreender o uso na língua.

1.4.1.1 A perspectiva da Gramática Tradicional

Em linhas gerais, as gramáticas tradicionais apresentam as preposições como palavras invariáveis cuja função é estabelecer determinadas relações entre duas outras. Vejamos o que dizem os principais gramáticos sobre o assunto.

Bechara (1997, p.155) atribui às preposições o papel de subordinar um termo a outro, e refere-se a essa classe de palavra como “a expressão que, posta entre

¹¹ O termo Caso, com inicial maiúscula, será utilizado ao longo deste trabalho no sentido da teoria de atribuição de Caso pelo VP, IP ou PP (c.f. Miotto et al. 2007).

duas outras, estabelece uma subordinação da segunda à primeira”, chamando o primeiro termo de *subordinante* ou *antecedente* e o segundo termo de *subordinado* ou *consequente*. Observem-se, a seguir, os exemplos dados pelo autor:

- (6) a - Casa **de** Pedro.¹²
b - Mesa **de** mármore.
c - Passou **por** aqui.

Segundo o autor, o termo subordinante é composto por substantivos, adjetivos, verbos, pronomes, interjeições e advérbios. É o que podemos observar nos exemplos (6a) e (6b), em que os substantivos *casa* e *mesa* exercem função subordinante, enquanto que em (6c) temos como elemento subordinante *passou*, que é verbo. Já os termos *Pedro*, *mármore* e *aqui*, respectivamente, são os elementos subordinados das expressões. Para Bechara (1997, p.156), os elementos subordinados são compostos por substantivos, adjetivos, advérbios e verbos no infinitivo.

No que concerne às relações estabelecidas, Bechara (1997, p.155) observa que em (6a) a preposição *de* estabelece uma relação de posse. Já em (6b) a preposição *de* estabelece relação de constituição de alguma coisa (a mesa é feita de mármore), e em (6c) a preposição *por* estabelece relação de lugar.

Para Rocha Lima (2001, p. 180), preposições são “palavras que subordinam um termo da frase a outro”, fazendo o segundo termo ser dependente do primeiro. Em sua gramática, Rocha Lima cita exemplos retirados do trabalho de Sousa Lima¹³, os quais reproduzo em (7):

- (7) a - Livro **de** Pedro.¹⁴
b - Obediente **a** seus pais.
c - Moro **em** São Paulo.

¹² Todos os exemplos de (6) foram retirados de Bechara (1997, p.155)

¹³ SOUSA LIMA, Mário Pereira de. **Gramática Portuguesa**, 2.ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. p.38-9.

¹⁴ Os exemplos de (7) foram extraídos de Rocha Lima (2001, p.180).

Sousa Lima (apud Rocha Lima, 2001, p.180) chama de *antecedente* o termo que precede as preposições (expresso em (7) pelos termos *livro, obediente e moro*), e de *consequente* o termo que as sucede (em (7) pelos termos *Pedro, seus pais e São Paulo*).

Cegalla (1997, p.250) define o conceito de preposição como “uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos”, como podemos observar nos exemplos citados pelo autor e reproduzidos em (8):

- (8) a - Recorremos **a** Jerônimo.¹⁵
b - Choravam **de** alegria.
c - Olhei **para** ele.
e - Esperamos **por** você.
f - A luta **contra** o mal.

Nos exemplos dados em (8), *recorremos, choravam, olhei, esperamos e a luta* constituem os termos principais, os quais subordinarão os termos dependentes *Jerônimo, alegria, ele, você e mal*, respectivamente, pelas preposições *a, de, para, por e contra*.

Para Cunha e Cintra (2001, p.555), preposição é uma palavra invariável que possui a função de relacionar dois termos dentro de uma sentença, e, assim como Bechara (1997, p. 155) e Sousa Lima (apud Rocha Lima, 2001, p. 180), também classificam o primeiro desses termos como *antecedente*, enquanto que o segundo, o que completa ou explica o sentido do primeiro, como *consequente*.

A gramática de Cunha e Cintra (2001), de todas as analisadas, é a que fornece mais explicações sobre as preposições. Os autores explicam que as relações estabelecidas entre o antecedente e o consequente podem ser de movimento ou não movimento, entendendo essa última como uma situação. Observe-se alguns exemplos dados pelos autores:

¹⁵ Exemplos extraídos de Cegalla (1997, p.250)

- (9) a - Vou **a** Roma.¹⁶
b - Todos saíram **de** casa.
c - Chegaram **a** tempo.
d - Chorava **de** dor.

Segundo os autores, em (9a) e (9b) há uma relação de movimento, uma ideia de direção, que poderá ser de aproximação (9a) ou de afastamento (9b). Já em (9c) e (9d), a relação estabelecida pelas preposições é de não movimento, isto é, situacional. Cunha e Cintra (2001, p. 557) ainda esclarecem que as relações situacionais podem ser espaciais, temporais (9c) e nocionais (9d). Destarte, a multiplicidade de relações que as preposições podem estabelecer entre dois termos garante que uma única preposição forneça orientações diferentes em diferentes casos como é o caso de *a* e *de*, que estabelecem relação de movimento em (9a) e (9b) e de situação nocional (não movimento) em (9c) e (9d).

No que concerne à função relacional, Cunha e Cintra (2001, p. 560-1) chamam de *relações fixas*, quando o uso associa uma preposição a determinadas palavras de tal maneira que passam a formar um todo significativo e citam como exemplo a expressão *dar com*, que assumiu na língua o significado de “topar” (João foi à cozinha e deu com o ladrão). A segunda função relacional é chamada pelos autores de *relações necessárias*. Neste tipo de relação, a omissão da preposição prejudica o sentido da frase, como podemos observar em (10):

- (10) a - Foi vontade **de** Deus.

Note-se que em (10) há uma relação necessária entre a preposição *de* e os termos *vontade* e *Deus*. Nesse caso, o apagamento da preposição (foi vontade Ø Deus) constitui uma forma inaceitável na língua.

O terceiro tipo de função relacional apontada pelos autores são as *relações livres*, marcadas pela possibilidade do uso ou não da preposição, sem prejuízo do sentido. É o que podemos observar em (11):

¹⁶ Os exemplos de (9) foram extraídos de Cunha e Cintra (2001, p.555-73)

- (11) a - Encontrar **com** um amigo.
b - Encontrar Ø um amigo.
c - Procurar **por** alguém.
d - Procurar Ø alguém.

Cunha e Cintra (2001, p. 562) atribuem, ainda, valores às preposições, de acordo com a relação de movimento ou situação que cada uma delas pode estabelecer entre termos. No caso da preposição *a*, os valores de movimento geralmente indicam a direção a um limite, sendo essa direção percebida de forma concreta, nas relações de movimento no espaço e abstratas, nas relações de movimento no tempo e na noção. Já os valores de situação podem indicar coincidência ou concomitância, percebidas de forma abstrata no espaço, no tempo e na noção. Observem-se alguns exemplos dados pelos autores ao abordarem os valores da preposição *a* (p.562-3):

- (12) a - Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.
b - Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
c - A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.
d - A mulher adormeceu **ao** seu lado.
e - **Ao** entardecer, avistei uma povoação...
f - Amanhã, **a** frio, poderei dizer-te o contrário.

Nos exemplos dados em (12), os autores observam a presença de valores de movimento no espaço (12a), movimento no tempo (12b) e movimento na noção (12c). Já em (12d), (12e) e (12f), os valores presentes são de situação no espaço, situação no tempo e situação na noção, respectivamente.

Os valores atribuídos à preposição *para* são apenas os de movimento. Nesse caso, o valor de movimento de *para* difere do valor de movimento de *a* na medida que em *a* indica uma tendência para um limite, uma finalidade ou uma perspectiva. Observem-se os valores atribuídos pelos autores à preposição *para* (p. 573-4):

- (13) a - Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba.
b - Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte.
c - Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.

Como pode ser observado em (13), os valores atribuídos por Cunha e Cintra (2001, p. 573-4) à preposição **para** são os de movimento no espaço (13a), movimento no tempo (13b) e movimento na noção (13c). Note-se que a preposição **para** não possui nenhum dos valores de situação, como ocorre com **a** em (12c), (12d) e (12e). Além disso, os autores afirmam que a preposição **para** distingue-se de **a** por enfatizar mais a ideia de direção do ponto de partida, nos casos de movimento no espaço.

Pelo que foi exposto, é possível verificar que a maioria dos gramáticos consultados concebe a preposição como uma partícula com a mera função de ligar dois termos dentro de uma sentença ou de um sintagma. Apenas o trabalho de Cunha e Cintra (2001, p. 555-78) apresenta um estudo mais detalhado sobre preposições, atribuindo-lhes valores de acordo com as relações estabelecidas por elas entre dois termos. Porém, Cunha e Cintra (2001) não deixam claro o que deve ser entendido por valores de espaço, de tempo e de noção, este último torna-se, portanto, mais problemático por não haver um conceito que dê conta do que se trata essa “noção”, se ela poderia conter subdivisões e quais seriam essas subdivisões. É o que observo em (12c), cujo valor nocional parece apresentar uma escala gradual, que vai do mal [-pior] até o pior; e em (13c), cujo valor nocional parece ser de finalidade.

1.4.1.2 A perspectiva da Gramática de Usos

Como demonstrei na seção anterior, não parece ser possível esperar estudos muito esclarecedores da Gramática Tradicional. De cunho funcionalista, a Gramática de Usos explicita muitos fenômenos não explicados pela abordagem tradicional, visto que considera as várias situações e usos subjacentes a cada elemento linguístico. Neves (2000, p.601) chama de “junção” a propriedade que algumas palavras possuem de atuar “especificamente na junção dos elementos do discurso,

isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem”. Segundo essa autora, as preposições e as conjunções atuam na junção dos elementos do discurso que constituem as subestruturas da sentença, isto é, os constituintes menores que a sentença e maiores que fonemas e morfemas. Observem-se os exemplos a seguir, retirados da própria autora.

- (14) a – A mocinha se agarra **à** mulher.
b – Terei de me agregar **à** linha política do Presidente da República.
c – **A esse fator** dinâmico interno aliava-se um fator externo.
d – O homem deve conformar sua conduta **à** Santidade de Deus

Para Neves (2000, p.601-2), a preposição **a** atua no sistema de transitividade dos verbos, podendo ser introdutora de complementos que geralmente se referem, principalmente, a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência. Nessa perspectiva, as relações estabelecidas podem ser de aproximação ou contato (14a), de adição ou agregação (14b), de associação ou ligação (14c), de adaptação, adequação ou ajuste (14d).

A preposição **para** é descrita por Neves (2000, p. 691) também como uma preposição introdutora de complemento verbal. Observem-se os exemplos de (15), também retirados da autora.

- (15) a – Fomos nós que trouxemos a indústria **para essa terra**.
b – Camila se inclinou **para** o meu lado.
c – Golda Meier canalizou a mesma energia **para** a vida política.
d – Foram **para** a janela que dava **para** o beco, nos fundos do Teatro.

Nesse caso, o complemento diz respeito a um ponto de chegada, a um ponto de destino ou a um ponto final. Nessa perspectiva, as relações estabelecidas são de movimento em direção a algum lugar (15a), de inclinação (15b), direcionamento ou orientação (15c) e o sentido de direção para algum lugar (15d).

As relações que foram elencadas acima não são as únicas possíveis. Apresentei aqui as mais relevantes, no sentido de demonstrar que a classe das preposições desempenha um importante papel como elemento conector. Neves (2000) distingue, ainda, dezenas de relações possíveis entre as preposições e os constituintes por ela unidos (junção).

Embora a abordagem funcionalista dê conta de várias questões não respondidas pela Gramática Tradicional, vale lembrar que a Gramática de Usos não abarca questões como as estruturas sintáticas da sentença.

1.4.2 A definição de Mattoso Câmara Jr. (1970)

Em uma abordagem estruturalista, Câmara Jr. (2001 [1970], p.79) afirma que a classe das preposições constitui um dos elementos responsáveis pelo funcionamento do mecanismo de conexões da língua. Basicamente, há dois tipos de conexão, uma com elementos coordenativos e outra com elementos subordinativos. Os primeiros compreendem os vocábulos que possuem a função de adicionar um termo a outro, que seriam, no caso, as conjunções coordenativas, principalmente a partícula copulativa **e**¹⁷. No grupo dos conectivos subordinativos, estão as conjunções subordinativas propriamente ditas, que subordinam sentenças, e as preposições, que subordinam vocábulos. Os conectivos também são chamados pelo autor de “morfemas gramaticais” na medida em que são responsáveis pelo estabelecimento de relações entre elementos. Nesta perspectiva, se um morfema acrescenta informações morfossintáticas ao vocábulo como tempo e modo verbal, gênero e marca de plural, cabe aos morfemas gramaticais acrescentar informações relacionais sintáticas entre sentenças, sintagmas e vocábulos.

1.4.3 As preposições sob a perspectiva da Sociolinguística Paramétrica

¹⁷ o autor cita como exemplos “flores **e** cadeiras”, “eu **e** tu” e “falei **e** expliquei”.

Para que seja possível atingir os objetivos deste trabalho, parece-me relevante apresentar dois importantes trabalhos que tratam diretamente das preposições **para** e **a** e que se enquadram no modelo da Sociolinguística Paramétrica.

1.4.3.1 O trabalho de Oliveira (2005)¹⁸

Oliveira (2005) analisou o comportamento da preposição “a” em dados extraídos de cartas enviadas a jornais e anúncios publicados no século XIX. O objetivo inicial era formular uma hipótese geral de mudança linguística em relação a uma possível perda da preposição “a” no PB, quando introdutora de adjuntos e complementos.

A autora fala da existência de três linhas de análise da preposição “a” no português. A primeira diz respeito ao fato de “a” possuir conteúdo lexical pleno e, por isso, atribuir papel temático ao argumento que for selecionado pelo verbo¹⁹. A segunda linha de análise se refere ao fato de “a” ser uma preposição *dummy*, isto é, uma preposição que não atribui papel temático, tendo como função atribuir configuracionalmente o Caso²⁰ dativo ao objeto indireto²¹. A terceira linha apontada pela autora confere à preposição “a” uma função de marcador *dummy*, que não atribui nem papel temático, nem Caso. Esse marcador aparece anteposto ao DP complemento que recebe Caso acusativo e sua função é de apenas conferir “visibilidade” a esse Caso, atribuído pelo VP.

Depois de apresentar as três linhas de análise elencadas acima, Oliveira (2005, p.4) assume a hipótese da existência de duas preposições “a”: uma introdutora de objeto indireto que apresenta conteúdo lexical, e outra que precede o objeto direto, sendo mero marcador morfológico de Caso, isto é, um marcador *dummy*. Tal hipótese, segundo a autora, se deve às funções a serem analisadas no trabalho, que é a preposição introdutora de adjuntos e de complementos.

¹⁸ Trabalho originalmente apresentado no V Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro, em Ouro Preto, outubro de 2002.

¹⁹ c.f. Scher (1996)

²⁰ O termo Caso, com inicial maiúscula, será utilizado ao longo deste trabalho no sentido da teoria de atribuição de Caso pelo VP, IP ou PP (c.f. Miotto, Figueiredo Silva, Lopes, 2007).

²¹ c.f. Figueiredo e Silva (2007).

A partir das funções da preposição **a**, descritas acima, Oliveira (2005, p.5) propõe uma escala de gramaticalização que possui como menor item gramaticalizado o adjunto [+Temático, +Caso], o complemento como item intermediário, com os traços [-Temático, +Caso] e chega ao item que possui maior gramaticalização, no caso a preposição do objeto direto preposicionado [-Temático, -Caso]. Tem-se então o seguinte esquema²²:

Adjunto	>	Complemento	>	OD Preposicionado
=nível sintático		=nível sintático		=nível morfológico

Considerando que a diferença entre um adjunto e um complemento reside no fato de o SP que os introduz ocupar diferentes lugares na estrutura da sentença, a autora levanta as seguintes questões:

Considerando a escala de gramaticalização acima e o fato de que os três contextos sofrerem mudanças no PB, pretendemos verificar qual o contexto mais permeável à mudança. Em outras palavras, pretendemos analisar a questão: Por onde começa a mudança, na posição de adjunto, na posição de complemento ou na posição em que a preposição tem papel puramente morfológico? (p.6)

A resposta a estas questões, segundo a autora, seria obtida após analisar a realização da preposições **a**, **para**, **em** e a ausência de preposição (0), além do peso do traço [+pessoa] ou [+lugar]. Os contextos de análise eram (i) verbos de movimento propriamente dito, (ii) verbos de movimento causado, (iii) verbos dativos, (iv) verbos causativos e perceptivos, e (v) o objeto direto preposicionado.

A análise dos dados do século XIX mostrou que verbos de movimento como *voltar*, *regressar*, *tregar* e *eleva-se* ocorreram apenas com a preposição **a**. Já os verbos *partir*, *retirar-se*, *embarcar*, *viajar* e *seguir* ocorreram apenas com a preposição **para**. O verbo *passar* ocorreu com a preposição **em**. Os dados mostraram que os verbos *ir* e *subir* admitem a alternância de **a** e **para**, enquanto

²² c.f. Oliveira, 2005, p.6.

chegar admite alternância entre “a” e “em”. Não houve nenhum caso em que a preposição foi omitida.

Partindo dessa análise, foi possível distinguir dois grupos de verbos que apresentam variação de preposições. No primeiro, chamado pela autora de “grupo a)”, encontram-se as variantes [a], [para] e [em], cujos exemplos fornecidos por Oliveira (2005, p.8) reproduzo em (16).

(16)

- a. Valle mais ir alli **ao** rio buscal-a. (grifo do autor)
- b. ...annuncia a todos [...] que quizerem hir **para** a sua loja. (grifo do autor)
- c. Quem no mez de setembro findo por ocasião de ir **na** Capela de Santo Antonio de Arguim cazar uma filha... (grifo do autor)

No segundo grupo, “grupo b)”, encontram-se duas variantes, [a] e [em], que reproduzo em (17).

(17)

- a. Hontem cheguei **a** esta São Paulo. (grifo do autor)
- b. Ao meio dia chegou a locomotiva **na** Mooca. (grifo do autor)

Depois de analisar os dados obtidos, Oliveira (2005, p.22) observou, ao contrário da hipótese inicial, uma considerável ocorrência de objeto direto preposicionado, principalmente na presença de pronomes de tratamento. Ao mesmo tempo, o traço [+pessoa] pareceu ativar a anteposição da preposição “a” como marcador *dummy*. Oliveira (2005, p.23) conclui o trabalho propondo duas hipóteses de mudança em relação à preposição ‘a’. A primeira foi a substituição lexical de ‘a’ por ‘em’ e de ‘a’ por ‘para’ na posição de adjunto e de complemento. A segunda hipótese de mudança verificada por essa autora foi o apagamento da preposição no objeto direto preposicionado.

1.4.3.2 O trabalho de Kewitz (2004)

O segundo trabalho que considero relevante aos objetivos desta pesquisa é o de Kewitz (2004), que comparou dados dos séculos XIX e XX, fazendo um

levantamento das propriedades sintáticas (gramaticalização) das preposições **para** e **a** no PB. O *corpus* utilizado pela autora consistiu, do século XIX, em anúncios de jornais, correspondências de leitores e redatores de jornais e correspondências do ex-presidente Washington Luís. Os dados do século XX são constituídos por cartas de Mário de Andrade e Washington Luís, cartas de leitores da revista *Viagem* e entrevistas do projeto NURC (SP, RJ e RS) e VARPORT. Embora a procedência dos dados seja de diversas localidades do Brasil como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais, a localidade não está incorporada aos grupos de fatores da pesquisa, já que não há uma uniformidade entre os dados obtidos das regiões supracitadas²³.

O trabalho de Kewitz insere-se em um estudo mais amplo acerca da mudança linguística das preposições “a” e “para” no PB, a partir de estudos sobre gramaticalização de preposições em Castilho et alii (2002). O objetivo do trabalho dessa autora é tratar das propriedades sintáticas de “a” e “para” considerando a função sentencial do SP, o tipo de SN regido e a posição do SP na sentença. Assumindo a posição de Castilho (apud KEWITZ, 2004, p.1), que “considera a gramaticalização como **um** dos processos de criação linguística” (grifo da autora), Kewitz divide os processos de gramaticalização em fonologização, morfologização²⁴ e sintaticização.

Embora o trabalho de Kewitz tenha como principal objetivo o estudo do processo de gramaticalização das preposições **a** e **para** e não necessariamente a variação entre as duas preposições, os resultados encontrados pela autora são relevantes para este trabalho na medida em que indicam a possibilidade de um processo de mudança do século XIX para o século XX.

A análise da função sentencial do objeto indireto apresentou, no século XIX, a porcentagem de 98% para a preposição **a** e apenas 2% de **para**. No século XX, a ocorrência de **a** ainda permanece superior, mas já há um aumento da frequência de **para**, com 37%, em relação à frequência de **a**, com 63%. Por outro lado, a função sentencial de complemento oblíquo com “a” apresentou, no século XIX, uma porcentagem de 64% contra 36% de “para”, enquanto que, no século XX, a

²³ “A distribuição dos dados por tipo de documento não é equilibrada nos dois séculos estudados, tanto em relação ao período (primeira e segunda metades), quanto às localidades (por ex.: não há cartas pessoais de todos os Estados)” (KEWITZ, 2004, p.2)

²⁴ Na época da publicação do trabalho de Kewitz (2004), a pesquisa ainda não havia sido concluída. Por essa razão, a autora esclarece que somente a fonologização e a sintaticização foram analisadas, deixando a morfologização para trabalhos posteriores.

preposição “a” cai para 40% e “para” sobe para 60%. Em ambos os séculos, foi detectado a maior frequência de “para” na posição introdutora de adjunto adverbial, mas ainda assim houve aumento na frequência de “para”. No século XIX, “a” apresentou 33% e “para” 67% e, no século XX, “a” cai para 14%, enquanto “para” sobe para 86%. Os exemplos a seguir foram apresentados por Kewitz (2004, p.4) e por mim reproduzidos em (18). Indicarei, entre parênteses, a função sentencial introduzida pela preposição e o século em que foi empregada:

(18)

- a. Habitados desde algum tempo a escrever **para** o Publico... (Objeto Indireto, XIX)
- b. ...e é... então eu mostrava [o desenho] **pra** freira... a freira dizia assim... (Objeto Indireto, XX)
- c. E há huma [obra], que ainda não chegou **ao** prelo, a qual he hum Poema (Complemento Oblíquo, XIX)
- d. ... um supermercado às vezes passa [o peixe] **pra** peixaria... (Complemento Oblíquo, XX)
- e. ...não é por mim que reclamo, por ir fazer compras nessa rua **para** os meus estudantes... (Adjunto Adverbial, XIX)
- f. ...aí enquanto que ele pulou **pra** água... (Adjunto Adverbial, XX)

Os dados da língua falada, provenientes do NURC e VARPORT, apresentaram, em todas as funções sentenciais analisadas, maior frequência de “para” em relação à “a”. Na posição de objeto indireto, “a” ficou em 29% e “para” obteve 71%. O complemento oblíquo apresentou uma frequência de 22% de “a” e 78% de “para”. E o adjunto adverbial apresentou exatamente 100% das ocorrências de “para”.

Ao analisar o tipo de SN regido, a autora observou que, no século XIX, houve maior frequência de “a” com pronome (92%), SN simples (78%) e SN complexo (73%). Não houve nenhuma ocorrência, em ambos os séculos, de “a” com pronome circunstancial. Observem-se os exemplos em (19):

(19)

- a. ...com a condição de não envial-o [estatuto] **para** fóra. (pronome circunstancial, XIX)
- b. ...eu me transporto **pra** dentro da novela... (pronome circunstancial, XX)
- c. ...o dito Francisco Carneiro, o qual vendo-me dirigio-se **a** mim, com estas formaes palavras. (pronome, XIX)

- d. ...hoje em dia eu já não ligo muito **pra** isso [jogar buraco]... (pronome, XX)
- e. ...refiro-me **ao** Chico... (SN simples, XIX)
- f. ...então você pega a massa da... periferia joga **para** o centro... (SN simples, XX)
- g. o melhor é você escrever **pro** endereço da Livraria José Olympio na conhecida rua Dovidor... (SN complexo, XX)
- h. ...[os habitantes de Campos Geraes] esportavam mesmo as sobras **para** Sorocaba e outros pontos (SN complexo, XIX)

Quanto à posição do SN regido na sentença, Kewitz analisou a ocorrência de **para** e **a** em relação às seguintes ordens de constituintes:

- a. S V OD **SP**
- b. S V **SP** OD
- c. S V **SP**
- d. V S **SP**
- e. **SP** V S OD
- f. **SP** V OD S
- g. S OD V **SP**
- h. OD (S) V **SP**
- i. S V X OD **SP**/S V X **SP** OD (o X pode ser preenchido por SNs ou SAdvS)
- j. Voz passiva/verbos reflexivos
- k. OD anafórico

Em todas as posições do século XIX, a maior ocorrência foi da preposição **a**. Já no século XX, **para** possui maior frequência na maioria das posições, exceto na posição de OD, com porcentagem de 28%, ficando **a** com 72%. Aparentemente, a posição do SN regido na sentença não exerce influências relevantes no processo de mudança. No entanto, quando chegar à análise dos dados de Uberaba e Montes Claros, a ordem dos constituintes na sentença deverá ser observada, a fim de verificar se ela interfere na variação entre **a** e **para**.

No final do trabalho, Kewitz dedica uma breve seção à questão da variação entre **a** e **para**, ainda que este não seja o objetivo principal de sua pesquisa, mas o faz devido às várias evidências de mudança encontradas nos dados analisados, citando, inclusive, o trabalho de Oliveira (2005), o qual apresentei anteriormente.

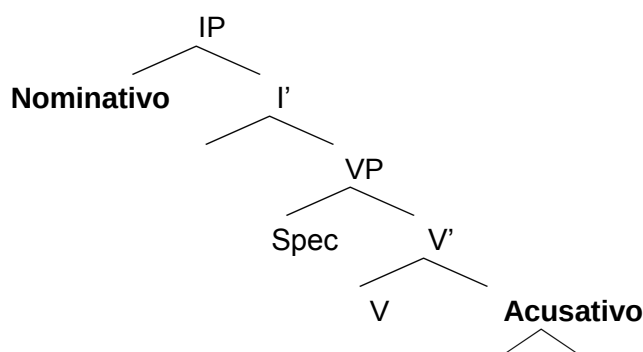
1.5 Teoria do Caso

Como é objetivo deste trabalho investigar sintaticamente as preposições **para** e **a** em uma perspectiva intra- e inter-linguística (TARALLO; KATO, 1989), será necessário recorrer à Sintaxe Gerativa, mais precisamente à Teoria do Caso, a fim de identificar as consequências sintáticas da variação **para/a** nas regiões pesquisadas. Portanto, considerando o fato de as preposições **para** e **a** possuírem a função de licenciar o Caso Dativo a DPs na posição Compl da projeção PP, faz-se mister expor aqui alguns pontos relevantes da Teoria do Caso descrita por Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2007).

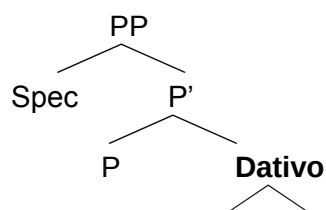
Conforme afirmação de Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2007, p.174), o Caso constitui uma categoria da gramática necessária por permitir que os DPs possam ser interpretados. Em línguas como o português, que não dispõe de marcação morfológica de Caso, a exemplo do Latim e do Grego Clássico, o Caso é atribuído aos DPs de forma abstrata, e toda atribuição de Caso é realizada em configuração normal e excepcional sob regência. Segundo Oliveira (2005, p.1), todas as línguas estão sujeitas a um sistema nuclear de atribuição de Caso abstrato, mas somente algumas delas manifestam a realização morfológica de Caso.

Segundo o Filtro do Caso, princípio que garante que todo DP pronunciado tenha Caso, todo DP pronunciado deve receber um e apenas um Caso. A partir desse princípio, um DP poderá receber Caso Acusativo, Caso Dativo ou Caso Nominativo. O Caso Acusativo é atribuído pelo VP ao DP na posição argumental interna, em Compl. Já o Nominativo é atribuído pela flexão IP ao DP na posição de argumento externo, em Spec. O Caso Dativo é atribuído pelo PP a DPs de posição argumental interna, em Compl. Partindo dessas considerações, tem-se, em (20) e (21), as seguintes estruturas representativas da atribuição de Caso, conforme Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2007, p.177-9).

(20)



(21)



Como é possível observar nas estruturas de (20) e (21), o Nominativo difere do Dativo e do Acusativo na medida em que ocupa a posição de argumento externo e mantém uma relação Spec-núcleo, ao passo que o Dativo e o Acusativo ocupam a posição Compl e relação mantida é núcleo-Compl. Além disso, o Nominativo é o único que pressupõe movimento, já que não pode ser gerado no Spec de IP porque esta é uma posição $[-\theta]$. Considerando o princípio de que todo DP deve receber Caso e Papel Temático, o DP que irá receber Caso Nominativo deve ser gerado na posição Spec-VP, que é uma posição $[\theta]$, e se mover para Spec-IP para receber Caso, já que a posição Spec-VP é uma posição $[-K]$, isto é, não recebe Caso (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES; 2007, p.183).

Nesta seção apresentei os modelos teóricos relevantes à sustentação teórica deste trabalho. Ao propor uma pesquisa com base na Sociolinguística Laboviana e Paramétrica, foi preciso expor, inicialmente, os pressupostos fundamentais da teoria da variação e mudança linguística, e posteriormente os princípios que norteiam a proposição de um modelo paramétrico. Em Weinreich, Labov e Herzog (1968) foi possível perceber os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Como foi dito anteriormente, embora este trabalho não tenha como foco a mudança linguística, e sim a variação, julguei necessário o intercurso por esses autores pela importância que seu trabalho representa na história da Sociolinguística.

Em Labov (1972), foi possível perceber, por meio dos estudos realizados em Martha's Vineyard e sobre a estratificação do [r] em Nova York, a importância das variáveis sociais no processo de variação linguística. Labov forneceu elementos que foram cruciais ao desenvolvimento teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana.

A Sociolinguística Paramétrica, por sua vez, representa a compatibilização entre a teoria variacionista e a teoria gerativa. Por esta razão, apresentei a proposta de Tarallo e Kato (1989), que demonstram a existência de universais no processo de mudança linguística, isto é, uma mudança ocorre em uma língua de maneira semelhante como ocorreu em outras.

Ainda nesta seção, expus a definição do que vem a ser uma preposição na perspectiva de Camara Jr. (1970), na perspectiva da Gramática Tradicional (BECHARA, 1997; ROCHA LIMA, 2001; CEGALLA, 1997; CUNHA; CINTRA, 2001) e da Gramática de Usos (NEVES, 2000), além das pesquisas que julguei relevantes aos objetivos deste trabalho (OLIVEIRA, 2005; KEWITZ, 2004). Finalmente, foi apresentado alguns pressupostos da Teoria do Caso (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2007) com o objetivo de nortear a análise dos dados da pesquisa, visto que a atribuição de caso poderá fornecer elementos importantes ao entendimento do processo de variação das preposições aqui investigadas.

Na próxima seção apresentarei os procedimentos metodológicos necessários à concretização desta pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os aspectos metodológicos necessários para concretizar uma pesquisa em Sociolinguística Laboviana tiveram origem em Labov, cujos passos, sobretudo a pesquisa em Martha's Vineyard e o trabalho com a estratificação do [r] em Nova York, foram descritos em Labov (1972).

Na mesma linha, para a efetivação desta pesquisa foram necessárias várias etapas, as quais serão descritas a partir das próximas seções. Primeiramente, exporei um pouco da história das regiões de Uberaba e Montes Claros. Em seguida, na *apresentação e delimitação do corpus*, apresentarei os critérios utilizados para a seleção dos informantes adequados aos objetivos da pesquisa. Na sequência, apresentarei o esquema utilizado para a organização dos *grupos de fatores*, com as variáveis dependentes e independentes e seus respectivos códigos, que foram submetidas ao programa estatístico GOLDVARB, *software* necessário para a quantificação e cálculo das ocorrências no *corpus* coletado.

Por último, falarei sobre a *coleta e transcrição dos dados*, seção em que serão descritos os passos seguidos para a coleta de dados, forma de abordagem dos informantes, o tipo de entrevista realizada, a elaboração do roteiro de entrevista e os critérios de transcrição adotados.

2.1 Histórico da região de Uberaba

Uberaba é uma cidade situada na região do Triângulo Mineiro, Estado de Minas Gerais, e conhecida mundialmente como “Capital do Gado Zebu”, por possuir longa tradição em relação à pecuária. Uberaba hoje conta com uma população em torno de 290 mil habitantes. Sua história começa com a povoação que foi fundada, em 1809, pelo sargento-mor Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, oriundo do Distrito de Glaura, o qual pertencia à antiga Vila Rica, atual Ouro Preto.



Figura 1: mapa da região de Uberaba

Fonte: disponível em <<http://www.credesh.ufu.br/figuras/mapa11.JPG>>
acesso em 19 de março de 2009.

No princípio, Uberaba tinha o nome de "Arraial de Uberaba", palavra que significa *Água Cristalina* na língua tupi. Em 13 de fevereiro de 1811, o Arraial de Uberaba foi elevado à condição de "Distrito de Índios", e no dia 2 de março de 1820, passou para outra categoria, a "Freguesia de Santo Antônio e São Sebastião do Uberaba."

Em 1816, a região do Triângulo Mineiro, que nessa época era chamada "Julgado do Desemboque", deixou de pertencer à Capitania de Goiás e foi anexada à Capitania das Minas Geraís. Uberaba foi elevada à categoria de município em 22 de fevereiro de 1836, desmembrando-se de Araxá. No dia 2 de maio de 1856, Uberaba foi elevada à categoria de cidade.

Uberaba surgiu pela migração de geralistas, como eram chamados os habitantes das Minas Geraís, na época do Brasil Colônia, que deixaram as já esgotadas regiões produtoras de ouro mais fracas para agricultura da Capitania de Minas e de Goiás (Desemboque), em busca de terras férteis para se estabelecerem como agricultores.

O local onde se instalou o Arraial de Uberaba, às margens do Córrego das Lages, foi escolhido devido à grande quantidade de nascentes de córregos que possuía.

Embora seja uma cidade mineira, Uberaba não é uma cidade que recebe grandes influências do restante do Estado de Minas. O Triângulo Mineiro é uma pequena porção de terra localizada entre os Estados de Goiás e São Paulo e, por essa razão, a maior influência sócio-econômica-cultural e até linguística vem das capitais paulista e goiana. O comércio uberabense é dependente, principalmente, da cidade de São Paulo e também da cidade de Goiânia, onde a maioria dos comerciantes que trabalham com vestuário buscam mercadorias.

Devido ao fato de a cidade haver alcançado um desenvolvimento maior em meados do século XX, a maior parte da população, que hoje se encontra na faixa etária a partir de 56 anos, e grande parte dos que se encontram entre 36 e 55 anos, não são uberabenses, mas sim moradores remanescentes de cidades adjacentes a Uberaba como Campo Florido, Conceição das Alagoas, Água Comprida, Veríssimo, Sacramento, Santa Juliana, e até cidades um pouco mais distantes como Iturama, Prata e Campina Verde.

Outro fator que atrai muitas pessoas à cidade é a presença das universidades, dentre as quais se destacam a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e a Universidade de Uberaba (UNIUBE).



Figura 2: fotografia da cidade de Uberaba

Fonte: disponível em < <http://www.omelhordobairro.com.br/uberaba-centro/userfiles/image/uberaba1000.jpg> > acesso em 19 de outubro de 2008

2.2 Histórico da região de Montes Claros

Segundo Gomes (2002), Montes Claros é uma cidade situada em um sítio calcário, ao norte do estado de Minas Gerais. É considerada uma metrópole regional, por ser hoje o maior centro urbano do norte de Minas, e, por esse motivo, é também chamada de “Princesa do Norte”. Segundo a história, aproximadamente entre 1707 e 1720, um bandeirante chamado Matias Cardoso de Almeida, que havia chegado ao norte de Minas, precisava de homens para guerrear e vencer os índios Anais e Tapuias, a fim de ocupar as terras da região. Matias Cardoso, então, pediu ajuda ao bandeirante Antônio Gonçalves Figueira, e juntos, com seus homens, venceram os índios da região. Em paga, Matias Cardoso doou a Antônio Figueira as terras que hoje pertencem a Montes Claros. De posse das terras, Figueira construiu o que na época foi chamada de Fazenda Montes Claros, lugar que se tornou rota de bandeirantes que ali paravam para descanso e aquisição de água e alimentação.



Figura 3: mapa da região de Montes Claros

Fonte: disponível em <<http://www.minas-gerais.net/diretorio/catimages/mapa-nortedeminas.gif>>
acesso em 18 de maio de 2008

O município de Montes Claros foi criado em 13 de outubro de 1831 e implantado em 16 de outubro de 1832, quando tomou posse sua primeira Câmara Municipal, obtendo assim sua emancipação político-administrativa. Em 3 de julho de 1857, o município mudou de nome, passando de "Arraial de Formigas" a "Montes Claros", pois havia outro município denominado "Formiga" em Minas Gerais.

Inicialmente, Montes Claros se prestava à atividade agropecuária. Na década de 60, quando foi criada a SUDENE²⁵, Montes Claros passou por uma verdadeira transformação. Com a chegada da industrialização na cidade e as promessas de emprego sendo veiculadas nos meios de comunicação da época, muitas pessoas de pequenas cidades vizinhas, do sul da Bahia e de outras regiões do Norte e Nordeste foram tentar uma vida melhor na cidade Norte Mineira. Segundo Gomes (2002), ao chegarem em Montes Claros, atraídas pelas promessas de emprego, as pessoas, ao invés de serem empregadas, eram subempregadas, pois não possuíam qualificação profissional. Várias empresas que se instalaram na cidade na década de 60 e que teriam isenção de impostos durante dez anos, tão logo completaram o período de isenção foram embora, deixando a população desempregada. Assim, teve início a favelização de Montes Claros. Além disso, havia uma linha férrea que saía da cidade de Salvador (BA), passava por Montes Claros e ia até São Paulo. Várias pessoas que saíam do Nordeste em busca de emprego em São Paulo acabavam ficando em Montes Claros, muitas vezes porque acabava o dinheiro no meio da viagem.

Todos esses fatores reunidos fizeram a população da cidade saltar de 48 mil habitantes, na década de 60, a 98 mil, na década de 70, 350 mil no ano 2000 e com a previsão de chegar a 500 mil até o ano de 2010. Assim, semelhante a Uberaba, a maior parte da população a partir de 56 anos de idade e grande parte dos que possuem idade entre 36 e 55 anos não é de Montes Claros e sim das adjacências, dentre as principais cidades cito Csentença de Jesus, Janaúba, Bocaiúva, Grão Mogol, Januária, Jequitaí, Francisco Sá, Água Boa, Pirapora, Mirabela, Juramento e Glaucilândia.

Atualmente, Montes Claros encontra-se em transição. De cidade agropecuária passou, na década de 90, para cidade agro-industrial e está aos poucos se transformando em uma cidade cultural, devido à chegada de diversas universidades,

²⁵ Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

entre elas a UNIMONTES e a UFMG. Por esta razão, todos os anos, a cidade recebe centenas de estudantes vindos de outras localidades, em busca de um curso universitário.



Figura 4: fotografia da cidade de Montes Claros

Fonte: disponível em <<http://www.montesclarosmg.com.br/era/image024.jpg>>
acesso em 19 de outubro de 2008

A seguir, apresento o mapa de Minas Gerais, de onde se poderá ter uma visão mais clara da posição geográfica de Uberaba e Montes Claros. Note-se a proximidade de Uberaba com o Estado de São Paulo e Goiás, e a proximidade de Montes Claros com o lado sul do Estado da Bahia. Segundo os informantes DMC-24-QRM e MJN-35-QTM, um outro fator que aumenta em muito o fluxo de pessoas a Montes Claros é o hospital público da cidade. Todos os dias, a cidade recebe vários ônibus, provenientes das adjacências e até de cidades baianas, trazendo pessoas para tratamento de saúde. O mesmo ocorre em Uberaba com o Hospital Escola da UFTM, o qual atende dezenas de pessoas vindas de regiões vizinhas, todos os dias.



Figura 5: mapa do Estado de Minas Gerais.

Fonte: disponível em <http://www.banstur.com.br/online/imagens/mapa_mg.gif> acesso em 13 de fevereiro de 2009.

2.3 O envelope de variação

Para a concretização desta pesquisa, trabalhei com os dados coletados de 36 informantes, sendo 18 da região de Uberaba e 18 da região de Montes Claros, perfazendo o total de aproximadamente 36 horas de gravação oral.

As variáveis sociais consideradas na pesquisa são as variáveis região geográfica, escolaridade e idade. O grau de escolaridade está dividido entre os informantes de três graus, a saber: Ensino Fundamental (de 5ª a 8ª série), Ensino Médio e Ensino Superior. Por uma questão de sistematização da amostra, os 36 informantes selecionados foram divididos em três faixas etárias: a primeira inclui falantes de 20 e 35 anos; a segunda inclui falantes de 36 e 55 anos de idade e a terceira inclui falantes com idade igual ou superior a 56 anos.

As variáveis linguísticas consideradas são a função sintática do constituinte encabeçado pela preposição, o tipo de verbo e o tipo de sentença.

A combinação de todas as variáveis consideradas, sociais e linguísticas, formou um total de 18 células. Segundo Tarallo (1986, p.29), a constituição da

amostra deve ser pensada de forma a estabelecer 5 informantes para cada célula. Porém, o critério utilizado neste trabalho para a definição da quantidade de informantes foi baseado em Guy e Zilles (2007, p.115), que definem critérios especiais em relação a pesquisas que envolvem mais de uma região geográfica, com o objetivo de colher dados que contenham representatividade sem, contudo, produzir um *corpus* extenso.

A Amostra do Varsul inclui, no mínimo, 24 pessoas de cada uma das 12 cidades selecionadas. Se um pesquisador quisesse comparar, digamos, 8 das cidades, seria um trabalho enorme analisar todas as pessoas em cada cidade: $24 \times 8 = 192$ entrevistas a codificar. Mas se escolhesse 6 informantes de cada cidade, teria só $6 \times 8 = 48$ entrevistas. Para a comparação geográfica, cada cidade forma uma 'célula', representada agora por 6 informantes, o que é um número bom. (GUY; ZILLES, 2007, p.115)

Por esta razão, optei por definir 2 informantes por célula, de forma a produzir um *corpus* de 36 entrevistas. A seleção dos informantes foi feita de forma aleatória estratificada. Munido de um gravador e sempre identificado, abordei as pessoas na rua e perguntei se era desejo delas contribuírem com a pesquisa. Nos casos em que não ocorreu o preenchimento das células necessárias (cf. ANEXO A), procurei pelos informantes, indo de porta em porta.

Por ser uma pesquisa dentro do campo da Sociolinguística, que estuda o fenômeno da variação e da mudança linguística, os resultados desta pesquisa contribuirão para que se compreenda o comportamento sintático das preposições **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros. Acresce que esta pesquisa, em se fundamentando também na Harmonia Trans-sistêmica, poderá identificar elementos de variação e mudança linguística no que concerne às tendências das preposições investigadas no PB.

2.4 Grupos de fatores

Para atingir os objetivos desta pesquisa, foram definidos, ao todo, 7 grupos de fatores, composto pela variável dependente e mais 6 variáveis independentes, 3 extralinguísticas (sociais) e 3 linguísticas. Apresento, a seguir, a distribuição geral dos grupos de fatores que foram considerados na pesquisa.

1 - Variável Dependente

1- preposição “a”

2- preposição “para”

Variáveis Independentes

a) Linguísticas

2 - FUNÇÃO SINTÁTICA

i- objeto indireto

k- adjunto adverbial

n- complemento nominal

3 - ORDEM DOS CONSTITUINTES NA SENTENÇA

t- (S)²⁶-V-OI = [(sujeito) – verbo – objeto indireto]

u- (S)-V-OD = [(sujeito) – verbo – objeto direto]

v- (S)-V-(AdjAdv)-OD-(OI) = [(sujeito) - verbo-objeto direto – objeto indireto]

w- (S)-V-OI-OD = [(sujeito) – verbo – objeto indireto – objeto direto]

z- (S)-V-AdjAdv-(OD/OI) = [(sujeito) – verbo – adjunto adverbial – objeto indireto]

a- (S)-V-OI-AdjAdv- = [(sujeito) – verbo – objeto indireto – adjunto adverbial]

c- OI e PR = [objeto indireto em sentenças predicativas]

d- V-(S)-OI = [verbo – (sujeito) – objeto indireto]

²⁶ neste grupo, os parênteses indicam o constituinte poderá estar presente ou não nos dados coletados

e- (S)-V-OD-AdjAdv/OI = [(sujeito) – verbo – objeto direto – adjunto adverbial]

f- Outros tipos de oração =

(S)-OD-V-OI

(S)-V-OD

(S)-V-OI-AdjAdv

(S)-V-OD-AdjAdv/OI

V-(S)-OI

4 - TIPOS DE VERBO

i- verbos de movimento

ir, voltar, vir, comparecer, mudar
andar, participar, chegar, buscar(algo)
viajar, correr, sair, entrar, caminhar
sumir (ir), nascer (vir ao mundo)
descer, caminhar, fugir, levar, forçar,
trazer, abrir, impulsionar

j- verbos de ação transpossessiva ou transformativa

dar, fazer, deixar, reverter, ligar (dar importância)
passar, olhar, vender, usar, impor, contribuir, tacar,
levar(algo a alguém), ganhar, facilitar, mandar(enviar), tirar,
trazer (algo), comprar, disponibilizar, virar (olhar), tornar,
concorrer, instituir, aplicar, pegar, pôr, servir, bater
satisfazer, abrir, comprar, transferir, arrumar (conseguir),
asfaltar, entregar, pagar, puxar, guardar, apegar, direcionar
caminhar (passar para outro nível), devolver, trabalhar

l- verbos predicativos, possessivos e existenciais

ser, estar, representar, valer(no sentido de ser),
tornar-se, ficar, ter, possuir, faltar

m- verbos comunicativos

agradecer, contar, falar, mentir, recorrer, mostrar, virar (falar),

pedir, declarar, torcer, ligar (telefonar), ensinar, chamar, perguntar, explicar, dedicar, clamar, conhecer, lecionar, oferecer, convidar, confessar

b) Extralinguísticas

5 - FAIXA ETÁRIA

o- 20-35 anos

p- 35-55 anos

q- acima de 55 anos

6 - ESCOLARIDADE

r- Ensino fundamental

s- Ensino médio

t- Ensino superior

7- REGIÃO GEOGRÁFICA

u- Uberaba – MG

m- Montes Claros – MG

A seguir, apresentarei mais detalhadamente a distribuição dos grupos de fatores que compõem a pesquisa.

2.4.1 Variável Dependente

1) preposição “a”

- em Uberaba

*Então esse metrô, ele já tomou tanto dinheiro que era pra tá totalmente interlidado... eu uso, quando vou **a** São Paulo, pego lá na Estação Tietê até a Sé. (JTP-03-PRU)*

-em Montes Claros

*Eu em Montes Claros eu nunca fui... as vezes eu vou em Francisco de Sá, **às** festa lá de Sete de Setembro. (VAP-21-PRM)*

2) preposição “para”

- em Uberaba

*Ela foi **pra** uma cidade que não era a cidade dela. (WDS-15-PTU)*

- em Montes Claros

*Meu pai na época tinha condição, sabe, então comprava aqueles presente muito bonito **pra** nós. (MCG-23-QRM)*

A variável dependente foi composta pelas preposições **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros. Foram consideradas as situações em que as preposições ocuparam a posição de Compl de VP ou quando ocorreram na posição de adjunção a VP. Para a definição da variável dependente, fundamentei-me, principalmente, no trabalho de Oliveira (2005) e Kewitz (2004), os quais foram delineados na seção 1. Não considerei os contextos em que a preposição aparece em sentenças infinitas do tipo “começar a fazer”, “passei a andar” ou “ensinou a comer”, visto que são contextos que admitem apenas a preposição **a** e não a preposição **para**.

Como esta pesquisa busca investigar as preposições **para** e **a** em caráter sintático, e não fonológico, no processo de transcrição e codificação das amostras, no caso de **para** não fiz a distinção entre formas reduzidas como **pra**, **pro**, **po** e **pa**.

Vale ressaltar, ainda, que durante a transcrição das entrevistas foram detectadas várias situações em que a preposição **em** foi utilizada em lugar de **para** e **a**. No entanto, como este trabalho visa a investigar somente as preposições **para** e **a**, as amostras em que houve ocorrência de **em** serão utilizadas em trabalhos futuros.

2.4.2 Variáveis Independentes

2.4.2.1 Linguísticas

FUNÇÃO SINTÁTICA

i) objeto indireto

- em Uberaba

1) *Aí, minha mãe me levou **ao** ginecologista. (ECS-09-PSU)*

2) *A gente ligava **pra** tudo quanto é lugar. (LCP-13-OTU)*

- em Montes Claros

1) *As vezes eu vou em Francisco Sá, **às** festa lá. (VAP-21-PRM)*

2) *Ele viajava **pra** Montes Claros. (MCG-23-QRM)*

k) adjunto adverbial

- em Uberaba

1) *Não houve ocorrências.*

2) *Não seguiu porque foi casar, o pai puxou **pra** lá, e descambou. (OPS-11-QSU)*

- em Montes Claros

1) *Não houve ocorrências.*

2) *Larguei o meu estudo aqui e fui **pra** lá. (BMP-30-QSM)*

n) complemento nominal

- em Uberaba

1) *Eu tenho apego **a** essa cidade. (WDS-15-PTU)*

2) *Eu acho que é necessário **pra** todo mundo. (VFS-01-ORU)*

- em Montes Claros

1) *Não existe respeito **ao** próximo. (AAM-29-QSM)*

2) *Não houve ocorrências.*

O fator função sintática foi considerado nesta pesquisa em função do objetivo geral de investigar a variação de **para** e **a** nas situações em que estas preposições aparecem como introdutoras de adjuntos e complementos. Vale acrescentar as considerações de Omena e Duarte (2003, p.81), para quem fatores internos como os de ordem morfológica ou sintática não raro “aparecem influenciando o surgimento de uma ou outra manifestação da variável”.

Como apresentei no Referencial Teórico, o trabalho de Oliveira (2005) já havia tratado da variação da preposição **a** em adjuntos e complementos verbais nos séculos XIX e XX, em que foi identificada a gradual substituição de **a** por **para**. Também o trabalho de Kewitz (2004), com a gramaticalização de **para** e **a** nos dados dos séculos XIX e XX, tomou como função sintática o objeto indireto e o adjunto adverbial.

Além das funções de adjuntos e complementos verbais, me propus a investigar se há variação nos complementos nominais introduzidos pelas preposições **para** e **a**, com o objetivo de observar quais as funções sintáticas se mostram relevantes no caso da variação dessas preposições.

No estágio inicial desta pesquisa, a função sintática de objeto direto preposicionado havia sido considerada em função de trabalhos como o de Oliveira (2005) e o de Farias (2004) acerca da preposição **a** como marcador *dummy*. Entretanto, depois de codificar as entrevistas, esta função sintática não foi considerada devido à falta de representatividade dos dados, já que houve apenas uma ocorrência nas amostras de Montes Claros e nenhuma ocorrência nas amostras de Uberaba.

Grupo 2: TIPO DE SENTENÇA

t) (S)²⁷-V-OI = [(sujeito) – verbo – objeto indireto]

- em Uberaba

1) *Você tinha que ter o vestidinho a tarde pra ir **ao** terço.* (MLS-12-QSU)

2) *Gravei essa música e levei **pra** escola.* (LCP-13-OTU)

- em Montes Claros

1) *Esse mal estar que acontece é que leva **a** essa percepção de alguma coisa fictícia.* (LFS-31-OTM)

2) *Depois a gente vendeu e foi **pra** Campo Azul.* (BMP-30-QSM)

v) (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI = [(sujeito) – verbo – (adjunto adverbial) - objeto direto – objeto indireto]

- em Uberaba

1) *São aqueles que dão apoio **às** operações.* (GOP-18-QTU)

2) *Ele não é o guerreiro, ele é o que dá as condições **para** o guerreiro.* (GOP-18-QTU)

- em Montes Claros

1) *Tem a Avenida Sanitária que dá acesso **ao** centro.* (VAP-21-PRM)

2) *Comprava aqueles presentes muito bonito **pra** gente.* (MCG-23-QRM)

²⁷ No grupo de fatores TIPO DE SENTENÇA, os parênteses no sujeito indicam que este poderá aparecer tanto na forma plena quanto na forma nula. Nos demais fatores deste grupo, os parênteses indicam que o constituinte poderá estar presente ou não na sentença. (Por exemplo, tanto a sentença “Maria deu dinheiro ao João” quanto a sentença “Maria deu muito dinheiro ao João” podem ser enquadradas no tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI.

w) (S)-V-OI-OD = [(sujeito) – verbo – objeto indireto – objeto direto]

- em Uberaba

1) *Não houve ocorrências.*

2) *Deus tem **pra** gente um destino traçado. (LCP-13-OTU)*

- em Montes Claros

1) *Tem que pedir muito **a** Deus força. (AAM-29-QSM)*

2) *Eu que fazia a merenda, os pais mandavam **pra** mim as coisas. (BMP-30-QSM)*

z) (S)-V-AdjAdv-(OD/OI) = [(sujeito) – verbo – adjunto adverbial – objeto direto/indireto]

- em Uberaba

1) *Eu agradeço muito **a** Deus. (OPS-11-QSU)*

2) *Vai com a roupa passada **pra** casa. (MLS-12-QSU)*

- em Montes Claros

1) *Às vezes vai mais **à** igreja pra mostrar que tá indo. (VAP-21-PRM)*

2) *Eu ia muito **pra** escola pra brincar. (FAP-19-ORM)*

c) Sentenças Predicativas

- em Uberaba

1) *Se fosse permitido **ao** piloto freiar o avião. (GOP-18-QTU)*

2) *O papai era muito ruim **pra** mãe. (MMP-04-PRU)*

- em Montes Claros

1) *Não significa que eu tenho que ficar atolado **ao** que eu recebo aí. (AGM-25-QSM)*

2) ***Pra** mim Montes Claros é uma cidade grande. (MHC-36-QTM)*

f) Outros tipos de sentença²⁸

- em Uberaba

1) *Aí minha mãe me levou **ao** ginecologista. (ECS-09-PSU)*

2) *Fazer reverter isso **pros** meus próprios filhos. (WDS-15-PTU)*

- em Montes Claros

1) *Eu tive acesso **a** ele [o rio] pela casa dela. (ECQ-34-PTM)*

2) *A tela do computador te leva **pro** mundo inteiro. (AGM-25-OSM)*

Sabe-se que a perda do Caso morfológico nas línguas românicas acabou trazendo como uma das consequências a necessidade da ordem direta (SUJEITO)-VERBO-COMPLEMENTOS/ADJUNTOS. Mesmo assim, línguas como o português admitem ainda certas construções que fogem à ordem direta. Por esta razão, julguei pertinente considerar o fator tipo de sentença, tendo em vista a hipótese inicial de que esse fator apresenta-se relevante no sentido de favorecer a variação de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros.

Grupo 3: TIPOS DE VERBO

i) verbos de movimento: são aqueles que indicam movimento de um lugar para outro. Os verbos de movimento encontrados nas amostras foram ir, voltar, vir,

²⁸ Neste grupo estão incluídos os tipos de sentença que apresentaram poucas ocorrências, a saber:

(S)-OD-V-OI = [(sujeito) – objeto direto – verbo – objeto indireto]

(S)-V-OD = [(sujeito) – verbo – objeto direto]

(S)-V-OI-AdjAdv = [(sujeito) – verbo – objeto indireto – adjunto adverbial]

(S)-V-OD-AdjAdv-OI = [(sujeito) – verbo – objeto direto – adjunto adverbial – objeto indireto]

V-(S)-OI = [verbo – (sujeito) – objeto indireto]

comparecer, mudar, andar, participar, chegar, buscar(algo), viajar, correr/sair correndo, entrar, caminhar, sumir (ir), nascer (vir ao mundo), descer, caminhar, fugir, levar(alguém), forçar, trazer(alguém), abrir e impulsionar.

- em Uberaba

1) *Fiquei assim, injuriada de ir **à** igreja justamente por isso . (SDP-17-QTU)*

2) *Aí ela saiu correndo **para** a casinha dela, latindo. (CBC-14- OTU)*

- em Montes Claros

1) *Em Belo Horizonte eu quase não ia **à** igreja. (EAP-PRM)*

2) *A gente ia **pra** escola, estudava de manhã. (AAM-29-PSM)*

j) verbos de ação transpossessiva ou transformativa: por ação transpossessiva ou transformativa serão entendidos os verbos que representam a ação de transmitir a posse de algo a alguém ou a ação de transformar algo em alguma coisa. Os verbos de ação transpossessiva ou transformativa encontrados nas amostras foram dar, fazer, deixar, reverter, ligar (dar importância), passar, olhar, vender, usar, impor, contribuir, tacar(colocar), levar(algo a alguém), ganhar, facilitar, mandar(enviar), tirar, trazer (algo), comprar, disponibilizar, virar (olhar), tornar, concorrer, instituir, aplicar, pegar, pôr, servir, bater, satisfazer, abrir, comprar, transferir, arrumar (conseguir), asfaltar, entregar, pagar, puxar, guardar, apegar, direcionar, caminhar (passar para outro nível), devolver, trabalhar.

- em Uberaba

1) *Eu me dedico mais **ao** serviço. (JTP-03-PRV)*

2) *Meu pai ia pagar faculdade **pra** gente. (MMP-04-PRU)*

- em Montes Claros

1) *Esse mal estar que acontece é o que leva **a** essa percepção de alguma coisa fictícia. (LFS-31-OTM)*

2) *Eu ficava observando e ouvindo o que a minha mãe passava **pros** alunos. (MJN-35-QTM)*

l) verbos predicativos²⁹, existenciais e possessivos: por verbos predicativos são entendidos os verbos com função copulativa. Já os verbos existenciais e possessivos são os que indicam a existência de algo ou alguém e os que indicam a posse de alguém ou alguma coisa. São verbos predicativos, possessivos e existenciais encontrados nas amostras ser, estar, representar, valer (no sentido de ser), tornar-se, ficar, ter, possuir, faltar.

- em Uberaba

1) *Ela é mais apegada à minha prima. (PMC-07-OSU)*

2) *Eu acho que foi assim, fundamental **pro** pessoal da cidade. (VFS-01-ORU)*

- em Montes Claros

1) *Assuntos [que são] voltados à ciência me despertam o interesse. (AGM-25-OSM)*

2) *Tem que ser **pra** todos. (IPM-27-PSM)*

m) verbos comunicativos: pertencem a esta classe verbal os verbos que indicam a ação de comunicar algo a alguém, ou ainda verbos que indicam que para que determinada ação seja concretizada é preciso usar a comunicação. Os verbos comunicativos encontrados nas amostras foram agradecer, contar, falar, mentir, recorrer, mostrar, virar (falar), pedir, declarar, torcer, ligar (telefonar), ensinar, chamar, perguntar, explicar, dedicar, clamar, conhecer, lecionar, convidar, confessar.

- em Uberaba

1) *Eu agradeço muito **a** Deus. (OPS-11-QSU)*

2) *Não sei o que ele falou **pra** ela. (MMP-04-PRU)*

- em Montes Claros

1) *Machado de Assis eu não leio, eu confesso **a** você se é um pecado eu estou pecando. (AGM-25-OSM)*

2) *Eu já fui convidada **pra** isso ((evento religioso)). (VLM-28-PSM)*

²⁹ Neste grupo também estou incluindo os casos em que as construções predicativas apresentam elipse do verbo, a qual será representada entre colchetes.

O fator tipo de verbo foi considerado neste trabalho a partir da hipótese de que o verbo tende a favorecer o uso de determinada preposição, no caso **para** e **a**. O critério utilizado para selecionar os tipos de verbo que compõem esta pesquisa baseia-se em Oliveira (2005) e Garcia (2007), mas com algumas adequações que se fizeram necessárias à natureza dos *corpora* pesquisados.

Garcia (2007) faz a distinção entre verbos predicativos (ser, estar, permanecer, ficar), possessivos (possuir, ter) e existenciais (ter, haver, faltar). Entretanto, optei por reunir esses três grupos verbais em um só, devido à distribuição não equilibrada desses grupos nas amostras (por exemplo, não há ocorrências de verbos possessivos com a preposição **a** em Uberaba e Montes Claros). O mesmo ocorreu em relação aos verbos de movimento, os quais foram divididos no trabalho de Oliveira (2005) em verbos de movimento propriamente dito (ir, vir, chegar, partir, etc) e verbos de movimento causado (levar [alguém], forçar [alguém], etc).

Vale ressaltar, ainda, que alguns verbos de movimento como ir, vir, sair e chegar, embora sejam considerados, tradicionalmente, como verbos intransitivos, foram considerados, em algumas situações, como transitivos indiretos. Para isso, apoiei-me em Cegalla (1997, p.306), para quem os “verbos intransitivos passam, ocasionalmente, a transitivos, quando construídos com objeto direto ou indireto”, e Luft (2003), que considera a possibilidade de verbos intransitivos serem usados, acidentalmente, como transitivos.

2.4.2.2 Extralinguísticas

Grupo 4 : FAIXA ETÁRIA

o) 20-35 anos

p) 35-55 anos

q) acima de 55 anos

O fator faixa etária foi considerado relevante tendo em vista o trabalho de Labov (1972) em Martha's Vineyard, o qual comprovou a relevância da variável idade no fenômeno da variação. Como foi delineado na seção 1, os falantes mais jovens reproduziam a variante característica da ilha como forma de impor sua identidade aos veranistas que invadiam a ilha no verão.

Para Naro (2003, p.43), um grupo de falantes mais velhos tende a preservar as formas mais antigas, enquanto o grupo de falantes mais jovens tende a buscar formas mais atuais, inovadoras³⁰.

Os critérios para a divisão das faixas etárias que compõem esta pesquisa foram baseados em Labov (2001, p.101) o qual afirma que

Divisions of the age continuum into groups must be roughly consonant with life stages. In modern American society, these events are alignment to the pre-adolescent peer group (8-9), membership in the pre-adolescent peer group (10-12), involvement in heterosexual relations and the adolescent group (13-16), completion of the secondary schooling and orientation to the wider world of work and/or college (17-19), the beginning of regular employment and family life (20-29), full engagement in the work force and family responsibilities (30-59), retirements (60s).³¹

Isso posto, procedi à adaptação da divisão etária proposta por Labov (2001, p.101) com vistas a estar coerente com a realidade brasileira. Nesta perspectiva, o grupo etário de 20 a 35 anos engloba a fase de orientação para o mundo do trabalho (com ou sem formação superior) e a constituição da família, o grupo de 36 a 55 anos a consolidação da carreira profissional e da vida familiar, e o grupo igual ou superior a 56 anos a preparação para aposentadoria.

Grupo 5 : ESCOLARIDADE

³⁰ Embora esta seja a tendência geral, Labov (1972) demonstrou em sua pesquisa sobre a centralização dos ditongos [ay] e [aw] em Martha's Vineyard que há situações nas quais o grupo mais jovem pode retornar a antigas formas da comunidade de fala, com o objetivo de preservar/restagar sua identidade cultural.

³¹ Divisões em grupos de um *continuum* de idade devem ser consoantes, de modo aproximado, com os estágios da vida. Na sociedade americana moderna, esses estágios estão em alinhamento com: grupos de pré-adolescentes (8-9), membros de grupos de pré-adolescentes (10-12), envolvimento em relações heterossexuais e grupos de adolescentes (13-16), Ensino Médio completo e orientação para o mundo do trabalho e/ou universidade (17-19), o início do emprego regular e constituição de família (20-29), total engajamento no mundo do trabalho e responsabilidades familiares (30-59), aposentadoria (60 em diante). (Tradução de minha responsabilidade).

r) Ensino fundamental

s) Ensino médio

t) Ensino superior

A inclusão do fator escolaridade foi considerada relevante a este trabalho a partir da hipótese de que o grau de instrução tende a preservar as formas de prestígio em uma comunidade de fala, conforme as considerações de Votre (2003, p.51-6).

Embora haja verbos que admitem a alternância de **para** e **a**, como o verbo dar (dar o livro à/para aluna) e o verbo ir (ir ao/para o cinema), o uso da preposição **a** em verbos que admitem a alternância de **para** e **a** ainda é recomendado pela Gramática Tradicional. Nesse sentido, o fator escolaridade revela-se uma maneira de contribuir para a manutenção da norma culta, ainda que o uso de **para** nas situações descritas acima não chegue a constituir uma variante estigmatizada.

Grupo 6: REGIÃO GEOGRÁFICA

u) Uberaba – MG

m) Montes Claros – MG

O fator região geográfica foi levado em consideração devido ao meu objetivo de investigar as preposições **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros, a partir de observações feitas anteriormente em trabalhos como o de Scher (1996), Kewitz (2004), Farias (2004) e Oliveira (2005), que apontaram a tendência de a preposição **a** no PB gradualmente dar lugar à preposição **para**, em posição de adjuntos e complementos.

Como afirmei em uma das hipóteses deste trabalho, considero que, em Uberaba, a preposição mais utilizada como introdutora de adjuntos e complementos é a preposição **para**, enquanto que em Montes Claros a preferência é pela preposição **a**.

2.5 A coleta e a transcrição dos dados

O total de horas gravadas gira em torno de trinta e seis horas de fala, uma hora para cada informante, em inquéritos do tipo DID - diálogos entre informante e documentador.

As gravações foram feitas por meio de áudio em gravador digital, procurando deixar os informantes o mais próximo possível das situações naturais de comunicação linguística. Todos os informantes foram convidados a participarem da pesquisa, não sendo forçados em nenhum momento. Como elemento norteador da entrevista, utilizei para todos os informantes um roteiro de entrevistas previamente preparado (c.f. ANEXO A), o qual foi respondido apenas oralmente. A fim de resguardar tanto o pesquisador, quanto os informantes, esses, antes de iniciarem a entrevista, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (c.f. ANEXO C).

Depois de realizar as entrevistas, iniciei o processo de transcrição, baseando-me em critérios de transcrição descritos por Paiva (2003, p.135-46) e Marcuschi (2001, p.9-13), os quais foram adaptados por mim, de acordo com os objetivos deste trabalho. A seguir apresento os símbolos utilizados no processo de transcrição.

E = entrevistador

I = informante

||| = marcador de início e fim de trecho de fala (ex: .ah, eu não penso isso não.);

... = pausa;

[] = sobreposição da fala do entrevistador à fala do informante (quando E fala ao mesmo tempo que I);

(()) = comentários do entrevistador/analista;

(? ?) = quando não se tem certeza do que foi dito, o trecho é colocado entre parênteses e interrogações. ex: (?ele disse que era?)

(int) = trecho completamente ininteligível.

Nesta seção apresentei os procedimentos metodológicos que foram adotados em consonância com os objetivos deste trabalho. Os principais aspectos históricos e sociais das cidades de Uberaba e Montes Claros, que foram levantados aqui, serão importantes para a análise dos dados coletados, visto que muitos aspectos existentes no processo de variação e mudança linguística se devem à interferência das variáveis não linguísticas (c.f. LABOV, 1972; TARALLO, 1996; MOLLICA, 2003). Desta forma, fez-se mister considerar os fatores faixa etária e escolaridade apresentados no envelope de variação.

Também abordei aqui os passos do desenvolvimento metodológico na perspectiva da Sociolinguística Laboviana, como a forma de coletar os dados, o tipo de entrevista, que no caso desta pesquisa foi DID, os critérios de transcrição das entrevistas e o conjunto de variáveis dependentes e independentes.

Esclareço ainda que a análise dos dados, que será realizada na próxima seção, levará em conta apenas a distribuição das porcentagens. Esta decisão foi tomada em consonância com a decisão apresentada em Tarallo et alii (2002, p. 32).

Conscientes e cientes da querela e do impacto das críticas de Lavandera (...) ao modelo variacionista, e norteados por uma previsível e quase fatalística virada no modelo laboviano (...), decidimo-nos, mesmo assim, por um tratamento quantitativo da ordem sintática do Português falado, atendo-nos principalmente à distribuição de dados (nesse sentido valendo-nos essencialmente de porcentagens) e considerando os grupos de fatores como meros organizadores do universo da amostra analisada, e não como pesos probabilísticos para a explicação da variável dependente (...)

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Depois dos dados colhidos, codificados e devidamente cruzados, apresentarei, nesta seção, a descrição, a análise e a discussão dos dados, como foi delineado no envelope da variação (seção 2.4).

Em um primeiro momento, apresentarei a distribuição geral dos dados, que compreende as ocorrências da variável dependente em relação às 36 entrevistas que compõem o *corpus*, sem a especificação da região geográfica. Esta distribuição geral é importante para que seja possível ter uma visão do todo da amostra. O segundo passo será apresentar os dados a frequência de **para** e **a** já considerando as regiões de Uberaba e Montes Claros.

O próximo passo será a apresentação dos dados considerando as variáveis sociais, no caso a faixa etária e o grau de escolaridade, com o objetivo de observar a interferência das variáveis não linguísticas na fala das duas regiões pesquisadas.

Posteriormente, apresentarei a distribuição dos dados considerando as variáveis linguísticas, sendo que a primeira dessas variáveis a serem analisadas será a função sintática dos elementos que são introduzidos pelas preposições **para** e **a**. A segunda variável linguística a ser observada será o tipo de verbo presente na sentença. A terceira será o tipo de sentença, com o objetivo de verificar se a ordem dos constituintes na sentença constitui fator condicionante ao processo de variação de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros.

3.1 Distribuição das variantes: a frequência da preposição PARA e da preposição A nos dados de Uberaba e Montes Claros.

Nesta seção, apresento os resultados referentes às ocorrências de **para** e **a** na fala de Uberaba e Montes Claros. No total, foram 877 amostras de dados obtidas a partir da fala dos 36 informantes que compõem o *corpus*. O Gráfico 1³² apresenta a distribuição geral das ocorrências de **para** e **a** no total das amostras.

³² As tabelas correspondentes aos gráficos encontram-se no ANEXO D.

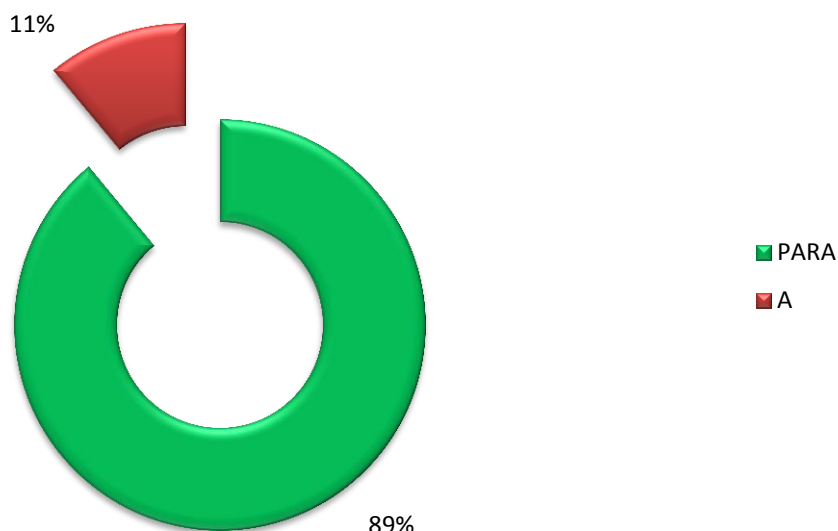


GRÁFICO 1 – distribuição geral da frequência de PARA e A nas amostras.

Como é possível observar no Gráfico 1, de um total de 877 amostras, 89% apresentaram a preposição **para** como introdutora de adjuntos adverbiais e complementos. A preposição **a** foi detectada em 11% das ocorrências, perfazendo uma diferença significativa de 78 pontos percentuais. Os dados gerais deixam claro que, dentre as preposições pesquisadas neste trabalho, **para** é a mais frequente nos dados gerais. Observem-se, a seguir, os exemplos das ocorrências de **para** e **a** nos dados coletados.

(22)

Futebol sempre foi jogo de homem, sempre foi esse trem de homem... nas arquibancadas a maioria é homem, poucas mulheres vão ao estádio de futebol, então acho assim... que... eu acho que é um pouco de preconceito, sabe?. (CBC-14-OTU)

(23)

A gente as vezes não conseguia aprender nada na roça porque era muito difícil, chegava na escola já tava cansada, já voltava da escola e já ia pra roça pra trabalhar. (VAP-21-PRM)

No Gráfico 1, foi possível obter uma visão geral da distribuição das preposições **para** e **a**. Como o objetivo geral desta pesquisa é comparar o uso de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros, será necessário analisar a frequência destas preposições em cada uma das cidades pesquisadas. Por esta razão, apresento a seguir o Gráfico 2, com a distribuição das ocorrências de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros.

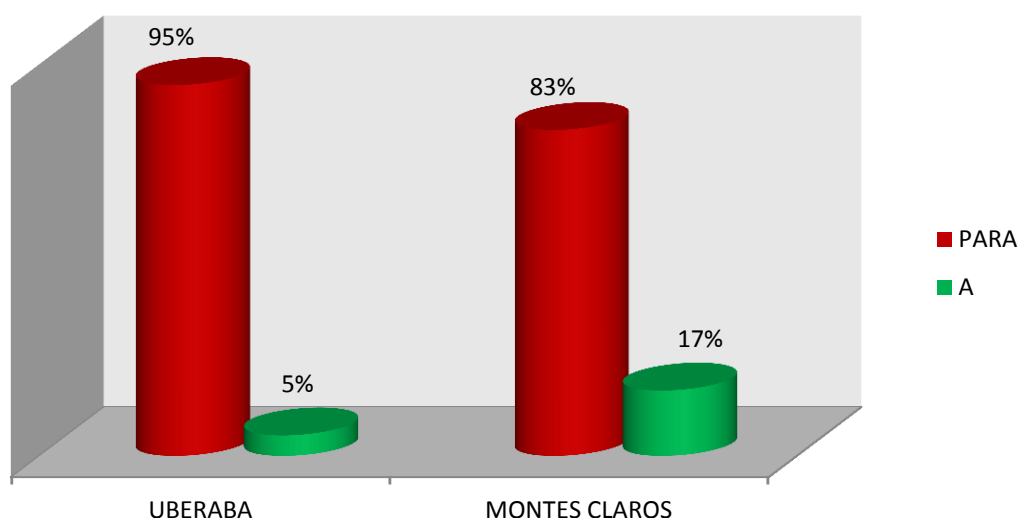


GRÁFICO 2 - Distribuição da frequência entre PARA e A em Uberaba e Montes Claros.

Analisando o Gráfico 2, é possível observar que, em ambas as regiões pesquisadas, a preposição **para** liderou a porcentagem de ocorrências. Do total de amostras da região de Uberaba, 95% apresentaram a ocorrência de **para**, enquanto a preposição **a** representa 5% desse total. A diferença entre a frequência de **para** e **a** é de 90 pontos percentuais, o que equivale a uma diferença significativa. Observem-se os exemplos, a seguir, sobre os dados de Uberaba.

(24)

Esse metrô, ele já tomou tanto dinheiro, isso daí era pra tá totalmente interligado... eu uso quando vou a São Paulo, pego lá na Estação Tietê até a Sé, depois da Sé eu tenho que pegar até o Belenzinho. (JTP-03-PRU)

(25)

Quando o pai deixava, a gente aproveitava bastante, tudo tinha horário, tinha dia, tudo certinho, foi crescendo aí foi esculhambando um pouco, férias ia pra casa dos meus avós, era uma fazenda que ficava entre Veríssimo e Prata. (MCS-10-PSU)

Montes Claros também apresentou uma frequência significativa da preposição **para**, com 83% das ocorrências desta preposição. A preposição **a** apresentou o índice de 17%, sendo que a diferença em pontos percentuais é de 66 entre **para** e **a**. Observem-se, a seguir, os exemplos retirados dos dados de Montes Claros.

(26)

Eu venho de uma família muito tradicional, meu pai era muito rígido com a gente, com os costumes, né, e... era assim bastante exigente, e até pra ir ao colégio ele tinha que mandar meus irmãos me levar e me buscar. (MJN-35-QTM)

(27)

Quando ela saía pro mercado ela deixava a gente praticamente trancado... eram cinco, lá em casa era escadinha mesmo, diferença entre um ano, um ano e meio no máximo. (VLM – 28 - PSM)

Comparando Uberaba e Montes Claros, a partir do Gráfico 2, é possível observar que os índices de ocorrências de **para** e **a** nas duas regiões encontram-se muito próximos. O índice de **para** em Uberaba, 95%, comparado ao de Montes Claros, 83%, possui uma diferença de apenas 12 pontos percentuais. O mesmo ocorre com a preposição **a**, 5% em Uberaba e 17% em Montes Claros, cuja diferença entre as duas cidades é também de 12 pontos percentuais.

Reproduzo, a seguir, o Gráfico 2 no Gráfico 3, mas mudando os eixos para que seja possível comparar a porcentagem de cada uma das preposições nas duas cidades.

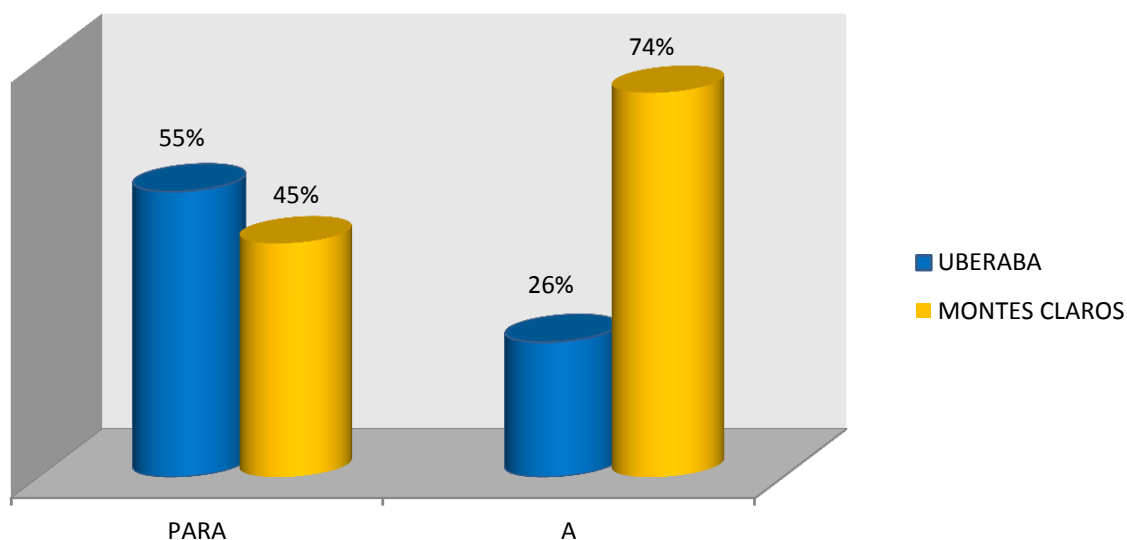


GRÁFICO 3 - Distribuição da frequência de PARA e A entre Uberaba e Montes Claros

Comparando as ocorrências de **para** e **a** entre Uberaba e Montes Claros, a partir do Gráfico 3, é possível observar que praticamente não há variação da preposição **para** entre as regiões pesquisadas. Do total de amostras em que houve esta preposição, 55% são de Uberaba e 45% de Montes Claros, cuja diferença em pontos percentuais é de apenas 10. A preposição **a** foi a que apresentou um índice relevante de variação, já que do total de amostras em que ocorreu **a**, 26% corresponde aos dados de Uberaba e 74% aos dados de Montes Claros, com uma diferença significativa de 48 pontos percentuais.

Segundo a hipótese inicial, a preposição **para** seria predominante entre os falantes de Uberaba e a preposição **a** seria predominante em Montes Claros. No entanto, a análise do Gráfico 2 e do Gráfico 3 leva-me a constatar que a hipótese inicial foi confirmada apenas parcialmente, já que **para** é predominante em ambas regiões. A variação, portanto, ocorre somente com a preposição **a** que, quando tomada separadamente, é mais usada em Montes Claros. Se por um lado, em Montes Claros utiliza-se a preposição **a** com maior frequência do que em Uberaba, reportando assim a variação, por outro lado a disposição dos dados demonstra que **para** supera em muito a frequência de **a** em ambas regiões pesquisadas.

Conforme exposto no Referencial Teórico, Oliveira (2005) observou o enfraquecimento da preposição **a** do século XIX para o século XX, em dados de diversas regiões brasileiras. Observação semelhante foi feita por Kewitz (2004) ao analisar a gramaticalização das preposições **a** e **para** no PB, também em dados de

diversas regiões³³ do século XIX e XX. Além disso, Scher (1996) já havia observado a variação de **a** e **para** na Zona da Mata Mineira, admitindo que em verbos dativos a preposição **a** ou é substituída por **para** ou é simplesmente omitida.

Como é possível verificar a partir destas observações, tanto Uberaba quanto Montes Claros apresentaram a predominância da preposição **para** devido ao processo de mudança em progresso em que se encontra o PB, no qual a preposição **a** dá lugar à preposição **para**.

3.2 Distribuição da frequência de PARA e A em relação às variáveis não linguísticas.

Segundo Tarallo (1986, p.46-7), tudo o que não for estritamente linguístico pode ser relevante no sentido de explicar um processo de variação ou mudança linguística. Como expus no Referencial Teórico, a partir dos estudos de Labov (1972) foi possível perceber que, dentre as variáveis não linguísticas, fatores como a faixa etária, escolaridade e classe social mostram-se relevantes em muitas situações, dependendo dos objetivos da pesquisa.

Diante destas questões, nesta seção examinarei os fatores extralinguísticos considerados relevantes aos objetivos deste trabalho, a saber: o fator faixa etária e fator escolaridade, ambos em relação ao fator região geográfica, que no caso são as regiões de Uberaba e Montes Claros.

3.2.1 O fator faixa etária

Com o objetivo de verificar a interferência da faixa etária na variação das preposições **para** e **a**, examinarei como se deu a ocorrência dos dados de Uberaba e Montes Claros, em relação aos grupos etários selecionados para este trabalho.

³³ c.f. seção 1.4.3.2

O Gráfico 4, a seguir, apresenta a distribuição de **para** e **a**, em relação à faixa etária, na região de Uberaba.

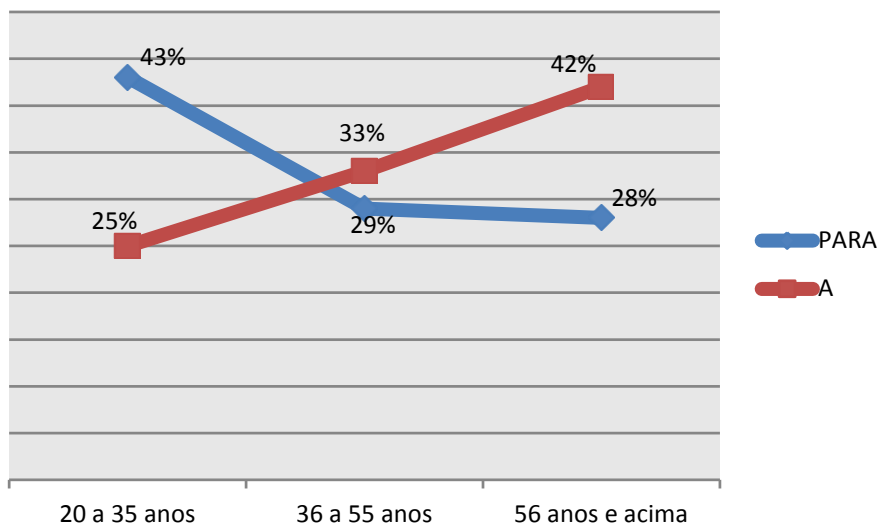


GRÁFICO 4: Distribuição da frequência de PARA e A em relação à faixa etária em Uberaba

Observando os dados do Gráfico 4, é possível verificar a interferência da variável faixa etária no fenômeno de variação. Tomando como base as amostras em que ocorreu a preposição **para** em Uberaba, o grupo etário de 20 a 35 anos é o que detém maior uso desta preposição, com 43% das ocorrências.

No grupo de 36 a 55 anos, o índice obtido foi de 29%, cuja diferença entre o grupo de 20 a 35 anos é de 14 pontos percentuais, valor esse que é menor em apenas um ponto percentual no grupo etário igual ou acima de 56, cujo índice foi de 28%.

As sentenças (28), (29) e (30), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** em Uberaba, em relação aos grupos etários de 20 a 35 anos, 36 a 55 anos e igual ou superior a 56 anos, respectivamente.

(28)

Na minha profissão existem muitas coisas que na hora que a gente vê, a gente se pega em gargalhadas e aí... contei **pra** ela, comentei com ela “não, depois eu corrijo e tal” e passada essa vez depois ela voltou e agora, né, a gente sempre lembra da francesinha e cai na risada. (VFS-01-ORU)

(29)

Você vê, hoje essa questão escola... antes... igual até um, um professor meu na época que eu estava fazendo especialização fala, antes é, pergunte pra sua mãe, ou pro seu pai né, antes, “ah, hoje sua professora é tia fulana” todo mundo conhecia a tia fulana, a tia fulana era o exemplo de professora. (MFM-16-PTU)

(30)

Chegou lá tava no paiol debulhando milho, o marido dela com mais quatro pessoa debulhando milho... ela chegou e falou assim pra elas “ah, eu vou embora pra dentro, sabe, só um pouquinho, vocês é que precisa trabalhar”. (OPS-11-QSU)

Nas amostras em que ocorreu a preposição **a**, o grupo etário de 20 a 35 anos foi o que apresentou menor índice de uso desta preposição, com 25% dos dados. No grupo de 36 a 55 anos, o índice foi de 33%, com uma diferença de 8 pontos percentuais em relação ao grupo de 20 a 35 anos. Já no grupo igual ou superior a 56 anos, houve um índice de 42% das ocorrências de **a**, cuja diferença em relação ao grupo de 36 a 55 anos foi de 9 pontos percentuais.

A seguir, as sentenças (31), (32) e (33) são exemplos da ocorrência de **a** em Uberaba, em relação aos grupos etários de 20 a 35 anos, 36 a 55 anos e igual ou superior a 56 anos, respectivamente.

(31)

Eu acho que um pouco de machismo, porque o homem, assim, futebol sempre foi jogo de homem, sempre foi esse trem de homem, nas arquibancadas a maioria é homem, poucas mulheres vão ao estádio de futebol. (CBC-14-OTU)

(32)

Eu uso, quando vou a São Paulo (...) depois da Sé eu tenho que pegar ônibus pra chegar a casa da minha mãe, são duas horas (JTP-03-PRU)

(33)

Desprezar a religião a gente não pode desprezar, às vezes vai naqueles rituais por uma questão de rotina, vai todo dia na igreja e lá dentro tá falando mal de todo mundo, dá roupa, teve uma época que eu fiquei assim injuriada de ir à igreja justamente por isso. (SDP-17-QTU)

A análise do Gráfico 4 leva-me a concluir que, em Uberaba, a distinção entre o uso de **para** e **a** é estabelecida entre o grupo etário de 20 a 35 anos em relação aos grupos etários de 36 a 55 anos, e igual ou superior a 56 anos, fato que pode ser comprovado pela diferença de pontos percentuais. Desta forma, tem-se uma reclassificação do fator faixa etária em apenas duas faixas etárias relevantes: uma com falantes de 20 a 35 anos e outra com falantes com idade igual ou superior a 36 anos.

Naro (2003, p.43-7) considera que nos eixos sociais os falantes mais velhos tendem a usar formas menos atuais da língua, ao passo que os falantes mais jovens usam formas mais atuais, mais inovadoras. É como se os falantes mais jovens estivessem mais propensos à mudança. De acordo com a teoria dos Princípios e Parâmetros (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2007, p.33-6), na idade adulta o falante já possui os parâmetros da língua materna devidamente ativados, ao contrário dos mais jovens, que estão em processo de aquisição.

As explicações sobre os processos de mudança são vários, mas, em nosso caso, dizem respeito ao acionamento paramétrico, ou seja, ao valor que as crianças atribuem a um determinado parâmetro. Se os dados do *input* por algum motivo se tornam ambíguos, a criança poderá atribuir ao parâmetro relevante um valor distinto daquele da gramática adulta, provocando a mudança na língua. (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2007, p.36)

De fato, como foi demonstrado acima, em Uberaba a faixa etária igual ou superior a 36 anos apresentou maior tendência à preposição **à**, diferentemente da faixa etária entre 20 a 35 anos, que obteve maior uso de **para**. Além disso, como foi delineado nos Procedimentos Metodológicos, a região de Uberaba constitui um ponto de referência no Triângulo Mineiro, seja pelo comércio da região, seja pela influência das universidades, fatores que atraem pessoas de diversas regiões do

Triângulo e de cidades do interior goiano e paulista. Por estas razões, o contato constante dos falantes de Uberaba com o de outras regiões em que a preposição **para** é predominante constitui fator importante ao processo de variação de **para** e **a** nesta região. Desta forma, os falantes de 20 a 35 anos assumem a predominância de **para**, que é a tendência atual no PB, enquanto os falantes com idade igual ou superior a 36 anos tendem a manter o **a**. Vale dizer ainda que esses falantes do grupo etário igual ou superior a 36 anos, em geral, foram escolarizados entre as décadas de 30 a 70 do século XX, época em que havia punição quando alguma das normas da Gramática Tradicional não fosse seguida, sendo a preposição **a**, nesse contexto, tida como altamente desejável nos adjuntos e complementos. Acresce que a forte influência da Igreja Católica na primeira metade do século XX constitui influência ao uso da preposição **a** em verbos de movimento como o verbo “ir”. Isso foi observado em diversas ocorrências da preposição **a** quando os informantes falavam sobre religião, contexto no qual permitia a realização de sentenças como “ir à igreja” ou “ir à missa”.

O Gráfico 5, a seguir, apresenta a distribuição de **para** e **a**, em relação à faixa etária, na região de Montes Claros.

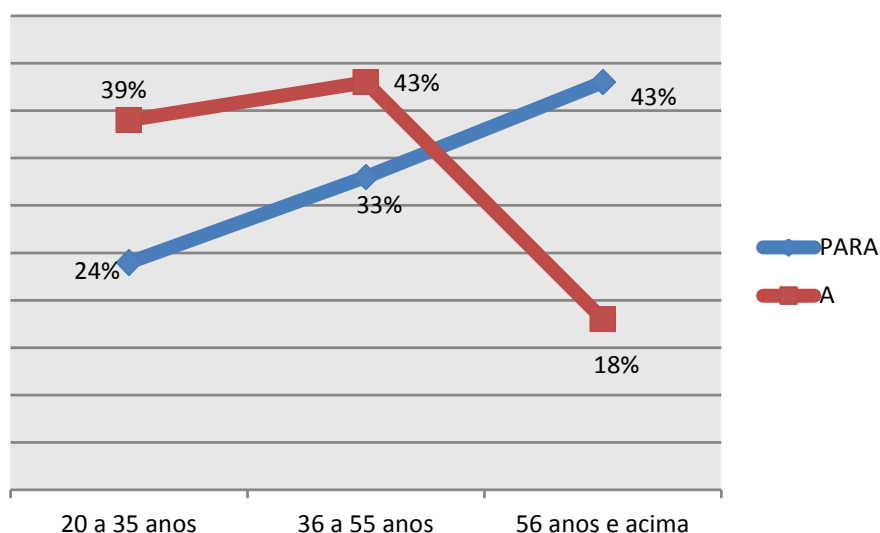


GRÁFICO 5: Distribuição da frequência de PARA e A em relação à faixa etária em Montes Claros

No Gráfico 5, tomando o eixo equivalente à preposição **para**, verifica-se que esta preposição foi utilizada no grupo etário de 20 a 35 anos, com um índice de

24%. No grupo etário de 36 a 55 anos, o índice foi de 33%, com uma diferença de 9 pontos percentuais. No grupo etário igual ou superior a 56 anos, o índice de **para** é de 43%, que mantém uma diferença de 10 pontos percentuais em relação ao grupo de 36 a 55 anos e 19 pontos percentuais em relação ao grupo de 20 a 35 anos.

As sentenças (34), (35) e (36), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** em Montes Claros, em relação aos grupos etários de 20 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos e acima, respectivamente.

(34)

A maior parte dos alunos não tem carinho dos pais em casa, então quando você fornece isso **pra** ele, você acaba sendo um pedaço daquilo que preenche essa ausência. (LFS-31-OTM)

(35)

Aqui era rota de bandeirantes... aqui era a passagem, como é que vou te descrever?... Montes Claros abastecia as bandeiras, aqui era criação de gado, então os bandeirantes, passando por aqui, pegavam alimento **pras** bandeiras, e aí a cidade foi construída nesse sentido. (MBX-33-PTM)

(36)

O padre entregou o terreno da igreja **pro** supermercado. (DMC-24-QRM)

Nas amostras em que ocorreu a utilização da preposição **a**, o grupo etário de 20 a 35 anos revelou o maior índice, com 39% das ocorrências. No grupo de 36 a 55 anos, houve um índice de 43%, com uma diferença de 4 pontos percentuais. Já no grupo etário igual ou superior a 56 anos, houve uma diferença em de 25 pontos percentuais, com 18% das ocorrências da preposição **a**.

As sentenças (37), (38) e (39), a seguir, são exemplos da ocorrência de **a** em Montes Claros, em relação aos grupos etários de 20 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos e acima, respectivamente.

(37)

Eu gosto muito daquela revista Superinteressante, a Galileu, leio elas, Machado de Assis eu não leio, eu confesso a você, se é um pecado eu estou pecando, mas eu não gosto... literatura, essas coisas voltadas para a literatura não me despertam o interesse. (AGM-25-OSM)

(38)

Em Montes Claros são as festas de agosto, né, as festa de igreja, é... as de igreja, né, muito bonita... dificilmente eu vou, aliás, eu em Montes Claros eu nunca fui, as vezes eu vou em Francisco de Sá... às festa lá de Sete de Setembro. (VAP-21-PRM)

(39)

Se a criança não valoriza aquilo que tem, ela não vai valorizar por exemplo... digamos que ela pede um lápis emprestado ou seja uma borracha ao colega, aquilo ela pode deixar sumir. (MHC-36-QTM)

A partir da análise do Gráfico 5, é possível observar que, em Montes Claros, há a necessidade de reclassificar as faixas etárias em duas faixas etárias relevantes, tal como ocorre em Uberaba: um grupo etário de 20 a 35 anos e um grupo etário com idade igual ou superior a 36 anos, conforme evidencia a distribuição dos dados.

Com o objetivo de comparar os dados das duas cidades, tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição da frequência de **para** e **a**, em relação à faixa etária, em Uberaba e Montes Claros.

Tabela 1 Distribuição da frequência de PARA e A, em relação à faixa etária, em Uberaba e Montes Claros

		PARA	A
Uberaba	20 a 35 anos	43%	25%
	36 a 55 anos	29%	33%
	56 anos e acima	28%	42%
Montes Claros	20 a 35 anos	24%	39%
	36 a 55 anos	33%	43%
	56 anos e acima	43%	18%

Fonte: dados elaborados pelo autor.

A análise da Tabela 1 leva-me a concluir que, em relação ao fator faixa etária, a tendência do uso das preposições **para** e **a** em Montes Claros é diferente da tendência do uso dessas preposições em Uberaba.

Em relação a Uberaba, fica então comprovada a hipótese inicial de que a faixa etária de 20 a 35 anos favorece o uso de **para**, enquanto a faixa etária igual ou superior a 36 anos favorece o uso de **a**. No caso de Montes Claros, a hipótese inicial não pôde ser confirmada, já que a faixa etária de 20 a 35 anos apresentou maior índice de **a**, enquanto os falantes com idade igual ou superior a 36 anos utilizaram mais **para**.

Retomando as considerações de Naro (2003, p.43-7) e de Mito, Figueiredo Silva e Lopes (2007, p.33-6), quando da análise da faixa etária em Uberaba, tais considerações não podem ser aplicadas aos dados de Montes Claros. Embora a hipótese de que **a** seria predominante em Montes Claros não haver sido confirmada, conforme demonstrou a Tabela 1, era esperado que o os falantes do grupo de 20 a 35 anos realizassem mais **para** do que o grupo igual ou superior a 56 anos, o que não se verificou.

Ao analisar a sociedade montesclarence, considero a existência de fatos históricos que talvez possam explicar o motivo de a tendência em Montes Claros ser oposta à de Uberaba. Retomando as informações expostas nos Procedimentos Metodológicos, em relação ao histórico da região montesclarence³⁴, até a década de 1960, Montes Claros experimentou um vazio demográfico chegando ao ponto de certos bairros da cidade serem separados por porções de floresta. Nessa mesma época, a cidade era constituída por habitantes provenientes das cidades adjacentes como Coração de Jesus, Bocaiúva e Francisco de Sá, além de ex-empregados de das fazendas da região. Os informantes que compõem o grupo com idade igual ou superior a 56 anos são aqueles que tiveram a fase da infância entre as décadas de 40 a 60 do século XX, época em que Montes Claros ainda não recebia toda a influência do Sul da Bahia e de outros pontos da região nordeste, como ocorreu posteriormente. Nessa época, a maior influência provinha de Belo Horizonte e do interior de Minas Gerais, regiões estas já em processo de enfraquecimento da preposição **a** e predominância de **para**.

³⁴ c.f. Gomes (2001)

Com a chegada da SUDENE, no final da década de 1960, Montes Claros experimentou um alto crescimento demográfico, fazendo que ao final da década de 70 a cidade passasse, de 48 mil habitantes, a 98 mil, e chegando a 350 mil até o ano 2000. A maior parte dessas pessoas que migraram para Montes Claros provinham da região Nordeste, principalmente do Sul da Bahia e dos arredores de Salvador, atraídas pelas promessas de emprego. Os falantes que hoje pertencem à faixa etária de 20 a 35 anos, em geral, é composto por descendentes de ex-habitantes nordestinos, onde a preposição **a** parece ser predominante.

No que concerne ao grupo etário de 36 a 55 anos, tanto em Uberaba quanto em Montes Claros houve uma distribuição equilibrada dos dados, não reportando, portanto, a variação entre **para** e **a**, já que dentro do *continuum* apresentado no Gráfico 4 e no Gráfico 5, esse grupo etário representa a maior aproximação entre as preposições analisadas.

3.2.2 O fator escolaridade

Nesta seção, procederei à descrição e análise da variável escolaridade a partir das amostras de Uberaba e Montes Claros.

Como foi delineado no envelope de variação, o fator escolaridade é considerado um importante fator social, por ser a escola capaz de gerar mudanças na fala e escrita, e também, ao mesmo tempo, procurar preservar as formas de prestígio, buscando erradicar as variantes estigmatizadas na sociedade (VOTRE, 2003, p.51).

O Gráfico 6, a seguir, apresenta a distribuição da frequência de **para** e **a** em relação à variável escolaridade, em Uberaba.

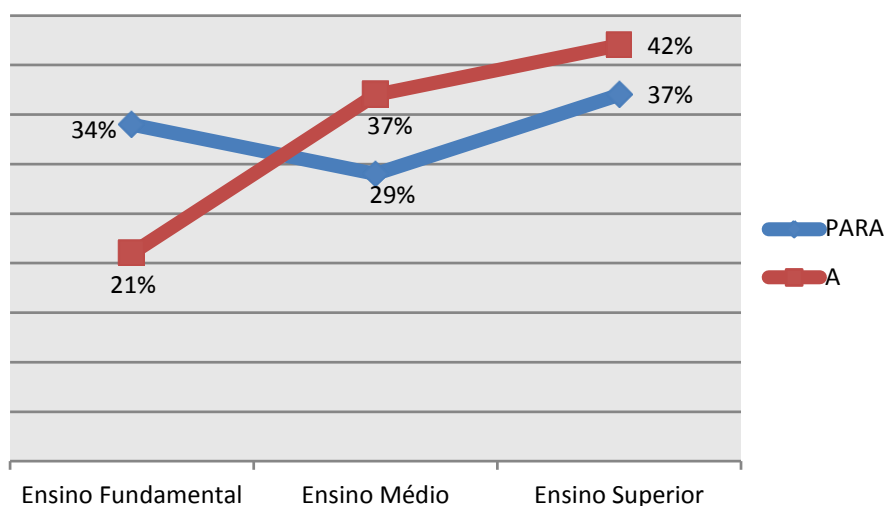


GRÁFICO 6: Distribuição da frequência de PARA e A em relação à escolaridade em Uberaba

De acordo com o Gráfico 6, em Uberaba a preposição **para** ocorreu em 34% das amostras em que o grau de escolaridade foi o Ensino Fundamental. No Ensino Médio, o índice foi de 29%, o que representa uma diferença de 5 pontos percentuais em relação ao Ensino Fundamental. No Ensino Superior, a preposição **para** atingiu o índice de 37%, que, em relação ao Ensino Médio, equivale a uma diferença de 8 pontos percentuais e, em relação ao Ensino Fundamental, apenas 3 pontos percentuais.

As sentenças (40), (41) e (42), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** em Uberaba, em relação aos grupos de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, respectivamente.

(40)

Hora que ela tava lá dentro, que é claro que ela não ia dar conta de abrir o portão, o O. tacou, olha a ideia, a pedra no marimondo e nós fomos embora, vai correr pra casa... nós estudava de manhã, quando foi umas duas horas da tarde, chega o pai dessa menina e a mãe lá na nossa casa. (MMP-04-PRU)

(41)

Quando o pai deixava, a gente aproveitava bastante, tudo tinha horário, tinha dia, tudo certinho, foi crescendo aí foi esculhambando um pouco, férias ia pra casa dos meus avós, era uma fazenda que ficava entre Veríssimo e Prata. (MCS-10-PSU)

(42)

Tenho irmão, que aí quando... é o terceiro, né, que é aquele que eu falei que era custoso, ele foi... todo mundo que ia nascendo ia **pra** oficina, com exceção dessa segunda irmã minha, que veio depois de mim, que ela era totalmente diferente. (WDS-15-PTU)

No que concerne à preposição **a**, o índice obtido no grupo de falantes uberabenses com Ensino Fundamental foi de 21%. No Ensino Médio, esse índice foi de 37%, o que equivale a uma diferença de 16 pontos percentuais em relação ao Ensino Fundamental. Já no Ensino Superior, o índice obtido foi de 42%, com uma diferença de apenas 5 pontos percentuais, em relação ao Ensino Médio e 21 pontos percentuais, em relação ao Ensino Fundamental.

As sentenças (43), (44) e (45), a seguir, são exemplos da ocorrência de **a** em Uberaba, em relação aos grupos de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, respectivamente.

(43)

Depois da Sé eu tenho que pegar até o Belenzinho, pegar um ônibus pra chegar **à** casa da minha mãe, são duas horas que eu levo, isso sem problema de trânsito. (JTP-03-PRU)

(44)

A gente era pobre, a gente não era rico... não tinha essa história que tinha que ter o vestido, o sapato e a bolsa, não tinha nada, você tinha que ter o vestidinho a tarde pra ir **ao** terço, vestidinho de ir **à** missa, você podia vestir um vestido, você podia ir num casamento, você podia ir num baile, você podia repetir. (MLS-12-QSU)

(45)

No caso da TAM, se fosse permitido **ao** piloto freiar o avião, o que acontecia? o avião teria derrapado, saído da pista ou tombado, mas não teria matado aquele tanto de gente, então o excesso de automatismo prejudicou, matou todo aquele pessoal. (GOP-18-QTU)

A conclusão a que cheguei a partir da análise do Gráfico 9 é que, em Uberaba, o fator escolaridade não favorece o uso da preposição **para**, cuja distribuição manteve-se equilibrada nos três graus de escolaridade analisados. A

maior diferença em pontos percentuais foi de 8 pontos, entre o Ensino Superior e o Ensino Médio. Por outro lado, o fator escolaridade favorece o uso de **a** nessa região, cuja distinção se estabelece entre o Ensino Fundamental e os ensinos Médio e Superior.

A seguir, apresento o Gráfico 7, que contém a distribuição da frequência de **para** e **a**, em relação ao fator escolaridade, na região de Montes Claros.

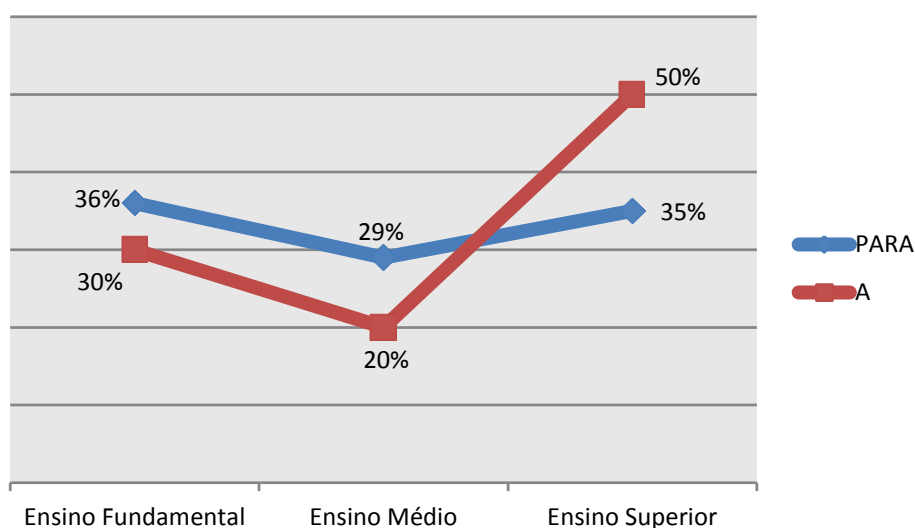


GRÁFICO 7 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação à escolaridade em Montes Claros

De acordo com o Gráfico 7, semelhante ao que ocorre em Uberaba, em Montes Claros houve uma distribuição equilibrada do uso da preposição **para**, em relação à escolaridade. Tem-se, então, 36% no Ensino Fundamental, 29% no Ensino Médio e 35% no Ensino Superior. A diferença entre o Ensino Médio e o Ensino Fundamental é de 7 pontos percentuais, um valor não relevante do ponto de vista estatístico. O mesmo ocorreu com o Ensino Superior em relação aos outros graus de escolarização, que apresentou uma diferença de 6 pontos percentuais em relação ao Ensino Médio e apenas 1 ponto percentual em relação ao Ensino Fundamental.

As sentenças (46), (47) e (48), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** em Montes Claros, em relação aos grupos de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, respectivamente.

(46)

Um colega meu, eu me lembro, ficou de castigo atrás da porta com uma cadeira na cabeça, ajoelhado... e eu olhava pra ele assim, ficava com uma dó, ele era magrinho... tudo de zona rural, tudo da roça... então eu tinha muita dó dele. (MCG-23-QRM)

(47)

Eu falei assim “vai lá na conta de minha avó e pega salame pra nós”, e ela “que tanto?” e eu falei assim “pega um quilo, sei lá o que você pega lá, não sei”... a gente não tinha noção... aí a A. chega, ela chega com um extintor de salame ((risos)) um extintor.... (IAP-26-OSM)

(48)

Eu sei que tem umas reuniões que são feitas naquele do Allan Kardec, mas faz muito tempo que eu não vejo assim, é aqui perto do Hospital São Lucas as reuniões, eles até forneciam uma sopa todo dia, ou uma vez na semana no hospital pras pessoas pobres e tudo. (ECQ-34-PTM)

A preposição **a** apresentou o índice de 30% no Ensino Fundamental, 20% no Ensino Médio, e 50% no Ensino Superior. A diferença entre o Ensino Fundamental e Médio é de 10 pontos percentuais. O Ensino Superior mantém uma diferença de 30 pontos percentuais em relação ao Ensino Médio e 20 pontos percentuais em relação ao Ensino Fundamental.

As sentenças (49), (50) e (51), a seguir, são exemplos da ocorrência de **a**, em Montes Claros, em relação aos grupos de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, respectivamente.

(49)

Peguei um ônibus de Brasília a Montes Claros e logo de manhãzinha, por volta de cinco e meia da madrugada, o ônibus chegando aqui próximo a Montes Claros... o ônibus bate e eu, como passageiro daquele ônibus, não vi nada. (FAP-19-ORM)

(50)

Por ser filha de pais... uma pobre... eu lembro que meu pai sempre juntava um dinheirinho e minha mãe adorava ir a mercado, ela ia ao mercado, quando ela tinha uma saúde boa, hoje ela tem uma saúde bem fragilizada.... (VLM-28-PSM)

(51)

Eu venho de uma família muito tradicional, meu pai era muito rígido com a gente, com os costumes, né, e... era assim bastante exigente, e até pra ir ao colégio ele tinha que mandar meus irmãos me levar e me buscar. (MJN-35-QTM)

A distribuição dos dados no Gráfico 7 demonstra que, em Montes Claros, tal como ocorre em Uberaba, o fator escolaridade não favorece a variação da preposição **para**, já que a distribuição foi equilibrada. Em relação à preposição **a**, os dados evidenciam que, em Montes Claros, o grau de escolarização mostra-se relevante ao uso desta preposição, cuja distinção é estabelecida entre o Ensino Fundamental e Ensino Médio em relação ao Ensino Superior. Poder-se-ia pensar, portanto, em dois graus de escolaridade relevantes: o Ensino Fundamental e Médio de um lado, e o Ensino Superior de outro.

Tabela 2 Distribuição da frequência de PARA e A, em relação à escolaridade, em Uberaba e Montes Claros

		PARA	A
UBERABA	Ensino Fundamental	34%	21%
	Ensino Médio	29%	37%
	Ensino Superior	37%	42%
MONTES CLAROS	Ensino Fundamental	36%	30%
	Ensino Médio	29%	20%
	Ensino Superior	35%	50%

Fonte: dados elaborados pelo autor.

Conforme demonstra a Tabela 2, a preposição **para** obteve uma distribuição equilibrada em todos os graus de escolaridade das duas regiões pesquisadas. Já a preposição **a** obteve um índice significativo, cuja distinção, em Uberaba, é estabelecida entre o Ensino Fundamental em relação aos ensinos Médio e Superior. No que concerne à preposição **a** em Montes Claros, a distinção entre os graus de escolaridade é estabelecida entre os ensinos Fundamental e Médio em relação ao Ensino Superior. Os dados evidenciam, portanto, que, em ambas regiões, há

somente dois graus de escolaridade relevantes à preposição **a**, e nenhum em relação à preposição **para**.

Segundo a hipótese inicial, o grau de escolarização se apresentaria como um fator relevante. Ainda que a preposição **para** fosse predominante em Uberaba, o traço [+escolaridade] tenderia a favorecer o uso de **a**. No entanto, a análise dos dados contraria parcialmente a hipótese inicial, já que o índice de **para**, em todos os graus de escolarização, se manteve equilibrado. Por outro lado, a preposição **a** foi mais favorecida no Ensino Médio e Superior em relação ao Ensino Fundamental (em Uberaba), e no Ensino Fundamental e Médio em relação ao Ensino Superior (em Montes Claros), o que confirma parcialmente a hipótese de que o traço [+escolaridade] favorece a preposição **a**.

Conforme considera Votre (2003, p.51), uma análise que busque os efeitos da escolaridade sobre o fenômeno da variação deve ser realizada tendo como base “algumas distinções no interior de categorias presentes na dinâmica social em que interage a escola”. Dentre essas categorias estão, de um lado, a relação entre prestígio social e forma relativamente neutra, e de outro lado a relação entre forma socialmente estigmatizada e forma imune à estigmatização.

Embora a recomendação geral das Gramáticas Tradicionais seja pelo uso da preposição **a** nos contextos que admitem a alternância **para/a**, o uso da preposição **para** nesses contextos não chega a constituir um fenômeno socialmente estigmatizado. Nesse sentido, os falantes que optam pela realização de **para** em lugar de **a**, em sentenças como a de (48), não se expõem à estigmatização. O mesmo parece não ocorrer quando da substituição de **a** por **em**, fenômeno este que talvez possa se constituir em uma variante socialmente estigmatizada, mas isso teria de ser investigado em trabalhos futuros.

O fenômeno da regência verbal, ilustrado aqui pelo estudo do verbo *ir* de movimento, é mais típico e mais limitado, como um problema típico de domínio de regras de regência. É ensinado na escola de forma assistemática, mas constante, com lembretes do tipo: *vou ao dentista*, e não: *vou no dentista*; *vou ao médico*, e não: *vou no médico*. (VOTRE, 2003, p.54) (grifo meu)

Partindo do exposto até aqui sobre a escolaridade, considero que o fato de o uso de **para** não se constituir em um fenômeno socialmente estigmatizado, a escola não teria razões para condicionar o uso de **a** nos contextos que admitem a alternância de **para/a**, sendo este o motivo pelo qual a preposição **para** se manteve equilibrada em todos os graus de escolaridade aqui analisados.

Diante destas questões, acredito ser pertinente levantar aqui uma hipótese sobre a preposição **em**: tendo a alternância de **a/em** uma relação entre forma de prestígio e uma possível forma socialmente estigmatizada, respectivamente, o fator escolaridade seria relevante na medida em que o traço [+escolaridade] favoreceria o uso de **a**, enquanto o traço [-escolaridade] favoreceria o uso de **em**. Portanto, como essa mesma relação entre forma de prestígio e forma socialmente estigmatizada, no que concerne ao uso de **a** e **para**, ou é inexistente, ou irrelevante, não haveria grandes interferências da escola no sentido de impor o uso de **a**.

3.3 Distribuição da frequência de PARA e A em relação às variáveis linguísticas

Nesta seção, apresento a análise dos fatores internos ao sistema linguístico. Sabe-se que, independente dos fatores extralinguísticos relevantes a um fenômeno de variação, qualquer alteração afeta o sistema da língua de alguma forma. Nesse sentido, se a preposição é um elemento importante sintaticamente, então se faz mister considerar a possibilidade de fatores linguísticos como a função sintática, o tipo de verbo e o tipo de sentença, mostrarem-se relevantes ao fenômeno de variação.

3.3.1 O fator função sintática

Ao investigar a relevância do fator função sintática, tive por objetivo verificar se há variação de **para** e **a** entre o objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adverbial, em relação às duas regiões pesquisadas, Uberaba e Montes Claros, como foi delimitado no envelope de variação.

Embora um constituinte sentencial possa desempenhar várias outras funções sintáticas, além das elencadas aqui, o objeto indireto, o adjunto adverbial e o complemento nominal são as que foram detectadas nas entrevistas realizadas.

O Gráfico 8, a seguir, apresenta a distribuição da frequência de **para** e **a**, em relação à função sintática do constituinte encabeçado pela preposição, em Uberaba.

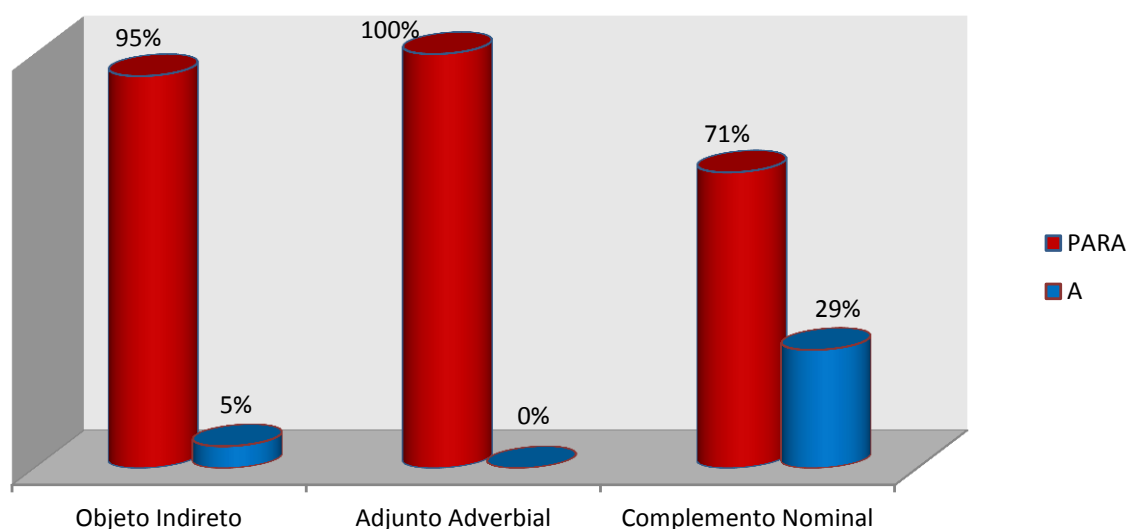


GRÁFICO 8 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação à função sintática, em Uberaba

Como pode ser observado no Gráfico 8, na função de objeto indireto, a preposição **para** apresentou 95% de ocorrências, ao passo que a preposição **a** apresentou o índice de apenas 5%, perfazendo uma diferença significativa de 90 pontos percentuais. O adjunto adverbial, porém, apresentou somente ocorrências com **para**, não se mostrando um fator relevante à variação de **para** e **a** em Uberaba. Na posição de complemento nominal, **para** obteve índice de 71% de ocorrências, enquanto **a** apresentou um índice de 29%, perfazendo uma diferença de 42 pontos percentuais.

As sentenças (52) , (53) e (54), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para**, em relação ao objeto indireto, ao adjunto adverbial e ao complemento nominal, respectivamente, em Uberaba.

(52)

Nós fomos depois de Ubatuba, nós fomos para Poços de Caldas também, foi conhecer onde meu avô e minha vó passaram a lua de mel, também assim, é uma cidade muito bonita, mas a gente não ficou muito tempo lá. (CBC-14-OTU)

(53)

A minha esposa, que hoje é minha esposa, naquela época ela mudou pra cá, eu vim visitar, tinha amizade com todo mundo, né. (JTP-03-PRU)

(54)

O computador, eu acho que se bem usado ele é ótimo, se usado pra coisa que são necessárias para a faixa etária de idade ele é um ótimo item de se ter em casa. (VFS-01-ORU)

As sentenças (55) e (56), a seguir, são exemplos da ocorrência de **a**, em relação ao objeto indireto e ao complemento nominal, respectivamente, em Uberaba, lembrando que não houve ocorrências desta preposição na posição de adjunto adverbial.

(55)

Reu rezo, peço muito a Deus... assim... quando eu levanto de manhã peço pra divino Pai Eterno e Jesus me dar força. (OPS-11-QSU)

(56)

Eu tenho um apego grande a essa cidade, embora eu reconheça as dificuldades que ela tem, mas eu amo essa cidade, gosto muito de Uberaba... não tenho vontade de mudar não... na altura da minha vida não. (WDS-15-PTU)

O Gráfico 9, a seguir, apresenta a distribuição da frequência de **para** e **a**, em relação à função sintática do constituinte encabeçado pela preposição, em Montes Claros.

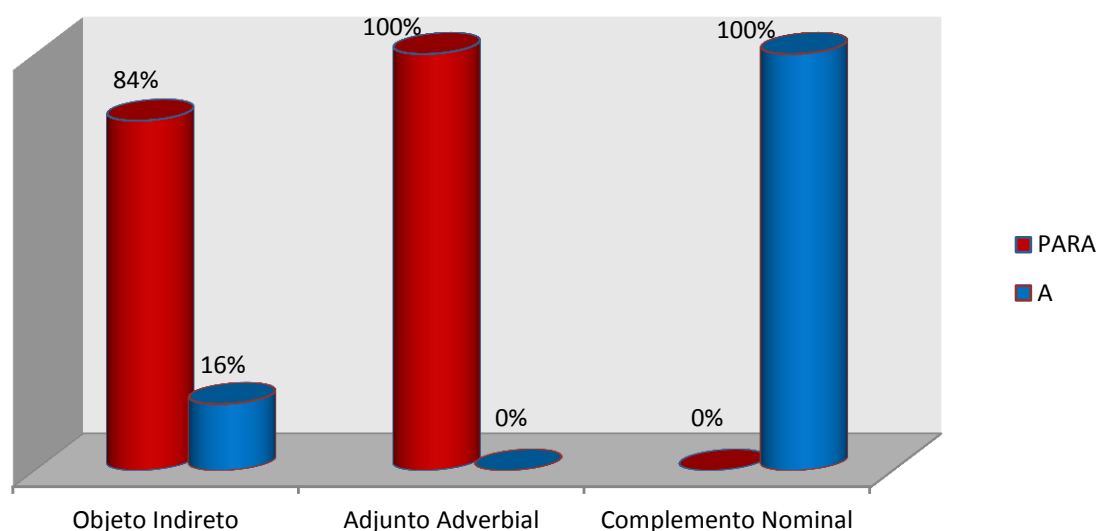


GRÁFICO 9 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação à função sintática, em Montes Claros

De acordo com o Gráfico 9, Montes Claros apresentou índice de 84% da preposição **para** na posição de objeto indireto, e 16% da preposição **a**, perfazendo uma diferença de 16 pontos percentuais. Assim como ocorreu em Uberaba, na posição de adjunto adverbial não houve ocorrências de **a**, não reportando, portanto, a variação. O mesmo se verificou em relação ao complemento nominal, que obteve apenas ocorrências com a preposição **a**, também não reportando a variação.

As sentenças (57) e (58), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** em relação ao objeto indireto e ao adjunto adverbial, respectivamente, em Montes Claros. Note-se que não houve ocorrências desta preposição na posição de complemento nominal.

(57)

Ela tem depressão, sabe, ela entrou no carro de C. esses dias, ela entrou... C. ficou morrendo de medo, ela entrou “ou, me leva **pro** hospital que eu tô passando mal, eu tenho depressão sim” (?que ela fala que tá passando mal?) ela toma remédio demais. (IAP-26-OSM)

(58)

Eu falava assim “bom, se tivesse menos filho, as pessoas podiam viver melhor, né”, embora naquela época a gente não fosse... é... ainda não tivesse a influência da televisão, da mídia, pra incentivar o consumismo, mas aí eu já pensava nisso aí, e foi dessa forma que eu fui crescendo... quando eu vim pra aqui, eu pelejei pra meu pai deixar que eu fosse fazer esse curso lá com os padres, eram os padres que davam o curso. (MJN-35-QTM)

As sentenças (59) e (60), a seguir, são exemplos da ocorrência de **a** em relação ao objeto indireto e ao complemento nominal, respectivamente, em Montes Claros. Note-se que não houve ocorrências de **a** na posição de adjunto adverbial.

(59)

No exterior eu pretendo ir ao Chile, um dos países da América Latina que mais me encanta, pretendo também ir ao México e à Cuba, justamente pela cultura. (MML-32-OTM)

(60)

Tem o Rio Vieira e tem até outros córregos assim, tem até um, esse passa perto da minha casa, só que quando ele passa perto da minha casa ele é esgoto, mas uma colega minha, que fez pedagogia comigo, ela mora acima de mim, da minha casa... lá ele não é poluído, então assim, eu tive acesso a ele pela casa dela. (ECQ-34-PTM)

A tabela 3, a seguir, apresenta a distribuição da frequência de **para** e **a**, em relação à função sintática do constituinte encabeçado pela preposição, em Uberaba e Montes Claros.

Tabela 3 Distribuição da frequência de PARA e A, em relação à função sintática, em Uberaba e Montes Claros

		PARA	A
UBERABA	Objeto Indireto	95%	5%
	Adjunto Adverbial	100%	0%
	Complemento Nominal	71%	29%
MONTES CLAROS	Objeto Indireto	84%	16%
	Adjunto Adverbial	100%	0%
	Complemento Nominal	0%	100%

Fonte: dados elaborados pelo autor.

A análise da tabela 3 demonstra que a hipótese inicial não foi confirmada. Segundo essa hipótese, a função sintática seria um fator relevante ao processo de variação entre as preposições pesquisadas. Entretanto, a variação ocorreu somente em relação à função de objeto indireto, em Montes Claros, e apenas entre o objeto indireto e o complemento nominal em Uberaba, não havendo ocorrências de **a** na função de adjunto adverbial entre os falantes uberabenses e montesclarenses, assim como não houve ocorrências de **para** na função de complemento nominal entre os falantes montesclarenses. Desta forma, o objeto indireto constitui a única função sintática relevante, no que concerne à variação de **para** e **a** entre regiões pesquisadas.

Segundo a teoria da sintaxe gerativa (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2007, p.82-3), a principal distinção entre os complementos e os adjuntos é feita a partir de como um determinado constituinte é selecionado pelo PP e se a projeção intermediária desse PP é ocupada por um núcleo lexical ou funcional. Assim, se a preposição apenas c-seleciona um constituinte, então esse constituinte é um complemento verbal ou nominal. Se a preposição, além de c-selecionar um constituinte, também o s-seleciona, então esse constituinte é um adjunto.

De acordo com os critérios adotados neste trabalho, os quais foram expostos no envelope de variação³⁵, constituintes considerados tradicionalmente como adjuntos adverbiais, a exemplo de “ir ao cinema”, foram considerados aqui como objetos indiretos³⁶. Foram considerados como adjuntos adverbiais introduzidos pelas preposições **para** e **a** as expressões locativas como a do exemplo (58). Como somente houve ocorrências com **para**, considero que tal fato tenha ocorrido devido à

³⁵ c.f. seção 2.4.2.1

³⁶ c.f. Cegalla (1997) e Luft (2003)

própria natureza lexical dos adjuntos de s-selecionar o constituinte na posição de Compl. Nesse sentido, entre as preposições aqui analisadas, **para** seria a única a s-selecionar um elemento locativo. Observem-se as sentenças de (61).

(61)

- a. Eu ia **pra** lá.
- b. *Eu ia **a** lá
- c. Eu vim **pra** cá
- d. *Eu vim **a** cá

A agramaticalidade de (61b) e (61d) se deve exatamente pela incapacidade de **a** s-selecionar elemento locativo na condição de núcleo do PP prototipicamente talhado para ser adjunto. Reproduzirei as sentenças de (62) em (63) substituindo os adjuntos adverbiais por objetos indiretos.

(62)

- a. Eu ia **pra** escola.
- b. Eu ia **à** escola.
- c. Eu vim **pra** Uberaba.
- d. Eu vim **à** Uberaba.

Todas as sentenças de (62) são gramaticais porque, na posição de objeto indireto, a relação da preposição com o complemento é de apenas c-seleção, isto é, tanto a preposição **para** quanto **a** podem c-selecionar um complemento que tenha, por exemplo, o traço [+lugar].

3.3.2 O fator tipo de verbo

Como foi delineado no envelope de variação, o fator tipo de verbo foi escolhido para integrar os grupos de fatores a serem investigados a partir da afirmação de que um determinado tipo verbal poderá favorecer ou não a realização de uma variável linguística.

No Gráfico 10, a seguir, apresento os resultados referentes à distribuição da frequência de **para** e **a**, em relação ao tipo de verbo, em Uberaba.

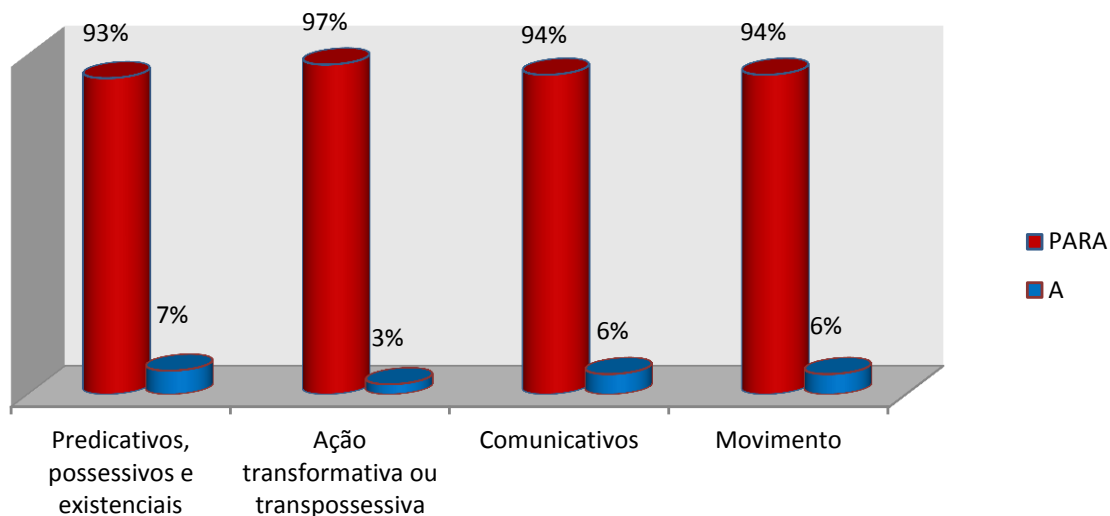


GRÁFICO 10 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de verbo, em Uberaba

De acordo com o Gráfico 10, em Uberaba os verbos predicativos, possessivos e existenciais apresentaram o índice de 93% da preposição **para** e apenas 7% da preposição **a**, perfazendo uma diferença de 86 pontos percentuais. Os verbos de ação transformativa ou transpossessiva apresentaram o índice de 97% da preposição **para** e 3% de **a**, com uma diferença de 94 pontos percentuais. Já os verbos comunicativos e os de movimento apresentaram o mesmo índice: 94% de **para** e 6% de **a**, perfazendo uma diferença de 88 pontos percentuais.

As sentenças (63) e (64) são exemplos do uso de **para** e **a**, respectivamente, com verbos predicativos, possessivos e existenciais, em Uberaba.

(63)

Eu fui muito rebelde, do ponto de vista das ideias, eu sempre fui muito rebelde nesse sentido, muito rebelde, então essa questão religiosa **pra** mim é bem complicada. (WDS-15-PTU)

(64)

Meu tio, ele é uma pessoa mais reservada, ele é dentista, e gosta muito de comédia, de desenho, é a pessoa mais velha com cabeça mais nova que eu conheço, e adora bobeira, nada que presta ele gosta, assim, no bom sentido, né, é ligado muito à informática também, tecnologia de alguma forma. (RDT-08-OSU)

As sentenças (65) e (66), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos verbos de ação transformativa ou transpossessiva, em Uberaba.

(65)

Uma vez fui numa boca de fumo com uma amiga minha e o traficante não quis vender o negócio pra ela, eu não entendi direito o que aconteceu, eu sei que ele pegou uma faca e saiu correndo e eu virei um risco. (LCP-13-OTU)

(66)

O intendente é aquele que trabalha em apoio às operações, então o trabalho em apoio, são aqueles que dão apoio às operações, ele não é o guerreiro. (GOP-18-QTU)

As sentenças (67) e (68), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos verbos comunicativos, em Uberaba.

(67)

Um sonho que eu tenho, eu tinha vontade de ter uma coisa minha, assim, tipo restaurante, tipo essas coisas que eu gosto de mexer, às vezes até em casa mesmo, fazer essas coisas pra vender, mas eu tenho medo de arriscar e depois não dar certo, quebrar a cara e perder, largar o certo pelo duvidoso, então eu tenho medo, a minha mãe sempre ensinou pra gente, nunca dê um passo maior que sua perna possa alcançar. (MCS-10-PSU)

(68)

A gente não procura inimizade com ninguém, eu rezo, peço muito a Deus, assim, quando eu levanto de manhã. (OPS-11-QSU)

As sentenças (69) e (70), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos verbos de movimento, em Uberaba.

(69)

Acredito em Deus, tenho uma certeza muito grande dessa presença magna na vida da gente, no mundo, mas não consigo, não consigo me contentar, ou me adaptar a qualquer segmento religioso, então vou **pra** uma missa, vou de vez em quando, a hora que eu acho que eu devo que ir. (WDS-15-PTU)

(70)

Ela faz questão de chegar para a filha dela e falar que, vamos supor, ela precisa ir **ao** médico, “ai, minha mãe me levou **ao** ginecologista”, realmente aconteceu, uma menina de onze anos no ginecologista não sei pra quê. (ECS-09-PSU)

No Gráfico 11, a seguir, apresento os resultados referentes à distribuição da frequência de **para** e **a**, em relação ao tipo de verbo, em Montes Claros.

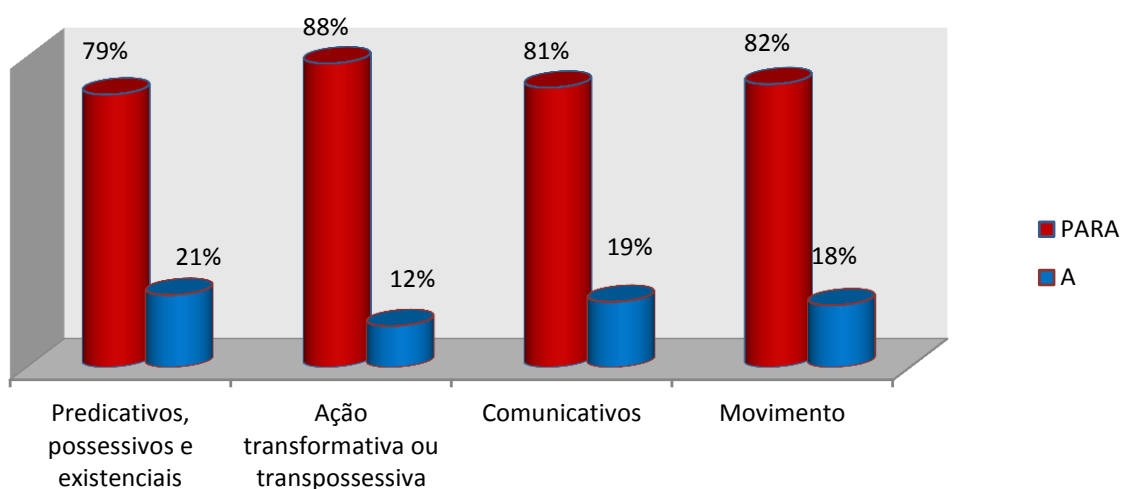


GRÁFICO 11 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de verbo, em Montes Claros

A distribuição das ocorrências de **para** e **a**, em relação ao tipo de verbo, apresentou os seguintes resultados: com verbos predicativos, possessivos e existenciais, **para** apresentou o índice de 79%, enquanto **a** apresentou índice de 21%, com uma diferença de 58 pontos percentuais. Os verbos de ação

transformativa ou transpossessiva apresentaram 88% de ocorrências com **para** e 12% com **a**, perfazendo uma diferença de 76 pontos percentuais. Os verbos comunicativos apresentaram o índice de 81% com a preposição **para** e 19% com a preposição **a**, perfazendo uma diferença de 62 pontos percentuais. Os verbos de movimento apresentaram índice de 82% com a preposição **para** e 18% com a preposição **a**.

As sentenças (71) e (72), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos verbos predicativos, possessivos e existenciais, em Montes Claros.

(71)

Alguns problemas que a gente depara, no trabalho, na vida pessoal, eu acho mais comum você colocar a mão de Deus, você esperar o retorno... seja ele positivo ou não, mas seja o melhor pra aquele momento. (MML-32-OTM)

(72)

O montesclareense, ele deu abertura em um determinado momento, pra que as pessoas que vieram de fora, crescessem e ajudassem Montes Claros a desenvolver... Montes Claros ainda era muito presa à tradição, ao gado, então essa influência rural de Montes Claros não deixava Montes Claros crescer. (MBX-33-PTM)

As sentenças (73) e (74), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos verbos de ação transformativa ou transpossessiva, em Montes Claros.

(73)

Essa escola minha lá... era pelo Estado, começou pela prefeitura, sabe, mas depois de quatro anos eu fiz uns cursos, aqui em Montes Claros mesmo, foi até ali na faculdade... aquele... é... Unimontes, foi, e eles me passaram pra o Estado e eu me aposentei lá. (BMP-30-QSM)

(74)

A criação também influencia... eu acho que o pai que dá muito pão-de-ló ao filho é o que vai ficar (??), é o que vai ter problemas lá na frente, ele não deixou ele passar por dificuldade, ele tratou a pão-de-ló. (VLM-28-PSM)

As sentenças (75) e (76), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos verbos comunicativos, em Montes Claros.

(75)

Elas dizia assim pra mim que elas podia e eu não... mas quando elas saía da escola eu aprontava com elas... eu era criança, né, mas eu sentia ofendida que a única coisa assim que eu achava que eu ia ficar bem comigo mesma era eu dar um tapa na cara dela ou puxando o cabelo dela. (VAP-21-PRM)

(76)

Se a criança não valoriza aquilo que tem, ela não vai valorizar por exemplo... digamos que ela pede um lápis emprestado, ou seja uma borracha, ao colega, aquilo ela pode deixar sumir. (MHC-36-QTM)

As sentenças (77) e (78), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos verbos de movimento, em Montes Claros.

(77)

Antigamente era tudo de terra a cidade, não tinha faculdades... faculdade apareceu a Unimontes, foi a primeira que chegou aqui... depois apareceu essas aí mas não tinha, e a gente ia pra escola... aqui em Montes Claros você andava 3 quilômetros pra chegar num colégio aí. (DMC-24-QRM)

(78)

Meu pai era muito rígido com a gente, com os costumes, e era assim bastante exigente, e até pra ir ao colégio ele tinha que mandar meus irmãos me levar e me buscar. (MJN-35-QTM)

A tabela 04, a seguir, apresenta a distribuição da frequência de **para** e **a** em relação ao tipo de verbo, em Uberaba e Montes Claros.

Tabela 4 Distribuição da frequência de **para** e **a** em relação ao tipo de verbo, em Uberaba e Montes Claros

		PARA	A
UBERABA	Predicativos, possessivos e existenciais	93%	7%
	Ação transformativa ou transpossessiva	97%	3%
	Comunicativos	94%	6%
	Movimento	94%	6%
MONTES CLAROS	Predicativos, possessivos e existenciais	79%	21%
	Ação transformativa ou transpossessiva	88%	12%
	Comunicativos	81%	19%
	Movimento	82%	18%

Fonte: dados elaborados pelo autor.

A análise da tabela 04 demonstra que o verbo não constitui um fator relevante à variação de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros, já que a distribuição das duas preposições se manteve equilibrada em todos os tipos de verbo.

Conforme sugeria a hipótese inicial, os verbos de movimento, os comunicativos e os de ação transformativa ou transpossessiva seriam os que mais favoreceriam a variação de **para** e **a** nas regiões pesquisadas, enquanto os verbos predicativos, possessivos e existenciais seriam os que menos favoreceriam a variação.

Entretanto, a hipótese inicial não foi confirmada. Os dados mostraram que a preposição **para** foi predominante em ambas regiões pesquisadas. A preposição **a**, embora não tenha predominado em nenhuma das duas regiões, obteve um índice um pouco maior em Montes Claros, com distribuição equilibrada em todos os tipos de verbo.

3.3.3 O fator tipo de sentença

Como foi delineado no envelope de variação, o tipo de sentença foi considerado relevante com base na afirmação de que a ordem dos constituintes na sentença tende a favorecer determinadas formas variantes.

O Gráfico 12, a seguir, apresenta a distribuição de **para** e **a**, em relação ao tipo de sentença, em Uberaba.

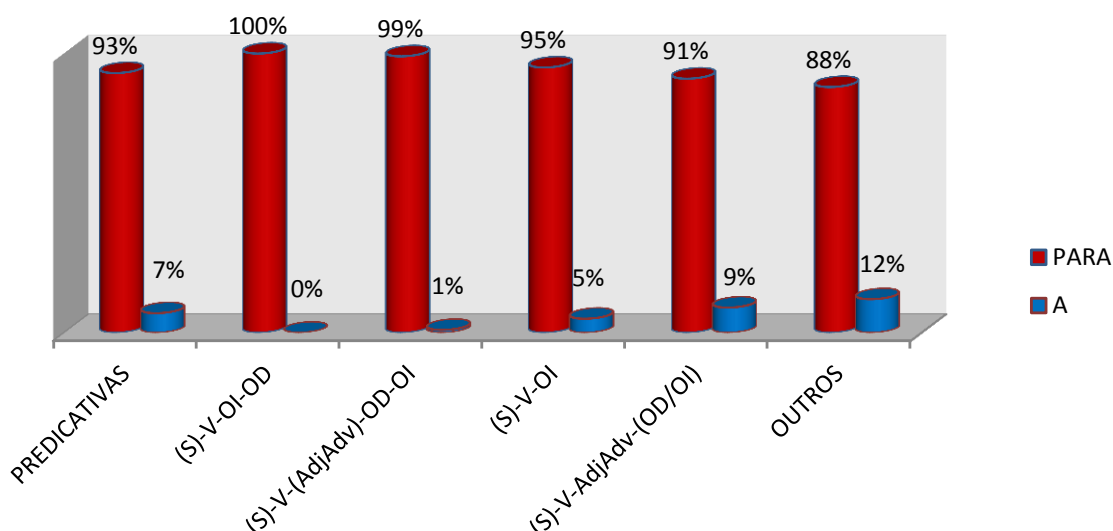


GRÁFICO 12 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de sentença, em Uberaba

De acordo com o Gráfico 12, em Uberaba, as sentenças predicativas apresentaram o índice de 93% de ocorrências da preposição **para** e 7% da preposição **a**, com uma diferença de 86 pontos percentuais. As sentenças do tipo (S)-V-OI-OD apresentaram apenas ocorrências com a preposição **para**, não reportando variação. As sentenças do tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI apresentaram o índice de 99% de ocorrências com **para** e apenas 1% da preposição **a**, apresentando uma diferença significativa de 98 pontos percentuais. Já as sentenças do tipo (S)-V-OI apresentaram índice de 95% de **para** e 5% de **a**, perfazendo uma diferença de 90 pontos percentuais. Em relação aos outros tipos de sentença, a preposição **para** apresentou o índice de 88% e a preposição **a** apresentou 12%, perfazendo uma diferença de 76 pontos percentuais.

As sentenças (78) e (79), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças predicativas, em Uberaba.

(78)

Eu carrego comigo a marca de toda essa história de vida, de ter sido uma criança muito repreendida, de não poder exteriorizar o que eu sentia, de não poder ser do jeito que eu... na verdade foi muito difícil pra mim. (WDS-15-PTU)

(79)

Ao invés de investir o seu potencial aqui, por conta dessa lentidão que é o próprio ritmo da cidade, a pessoa quer interpor rápido, não vai pensar em Uberaba, é uma tendência a maioria. (SDP-17-QTU)

As sentenças (80) e (81), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-OI-OD, em Uberaba. Não houve ocorrências deste tipo de sentença com a preposição **a**.

(80)

Deus tem pra gente um destino traçado. (LCP-13-OTU)

(81)

Tento me fazer presente o máximo possível, então eu tento mostrar pra eles a importância de um estudo

As sentenças (82) e (83), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI, em Uberaba.

(82)

Ele não é o guerreiro, ele é o que dá condições para o guerreiro. (GOP-18-QTU)

(83)

O intendente... são aqueles que dão apoio às operações. (GOP-18-QTU)

As sentenças (84) e (85), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-OI, em Uberaba.

(84)

Eu ia **pro** colégio, estudava no Nossa Senhora das Dores, então passava aquele cheiro fétido todo dia. (SDP-17-QTU)

(85)

Você tinha que ter o vestidinho a tarde pra ir **ao** terço. (MLS-12-QSU)

As sentenças (86) e (87), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-AdjAdv-(OD/OI), em Uberaba.

(86)

Vai com a roupa passada **pra** casa. (MLS-12-QSU)

(87)

Eu agradeço muito **a** Deus todos os dias quando eu levanto. (OPS-11-QSU)

As sentenças (88) e (89), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos outros tipos de sentença, em Uberaba.

(88)

Eu não sabia como fazer pra fazer reverter isso **pros** meus próprios filhos. (WDS-15-PTU)

(89)

Aí minha mãe me levou **ao** ginecologista. (ECS-09-PSU)

O Gráfico 13, a seguir, apresenta a distribuição de **para** e **a**, em relação ao tipo de sentença, em Montes Claros.

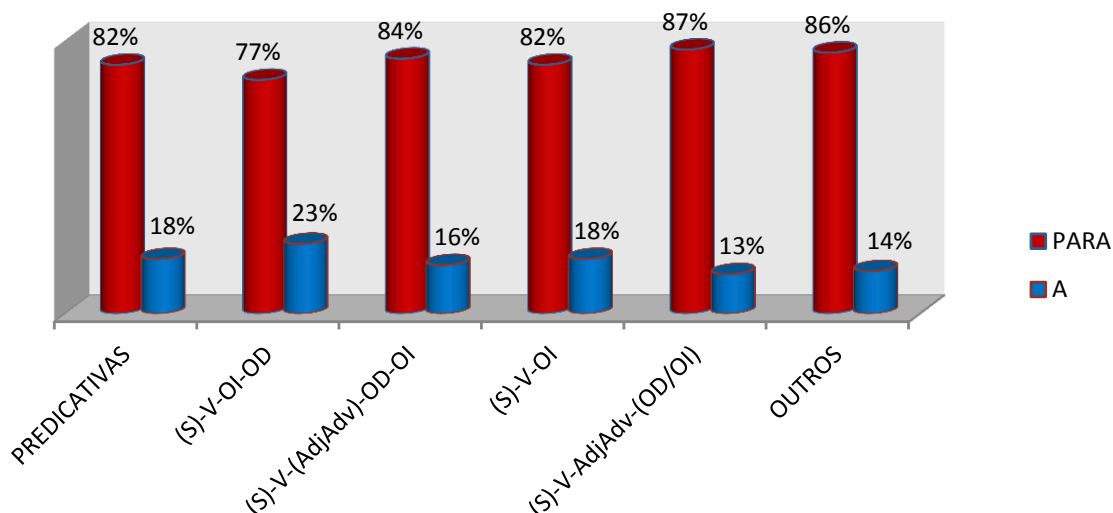


GRÁFICO 13 - Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de sentença, em Montes Claros

De acordo com o Gráfico 13, nas sentenças predicativas a preposição **para** ocorreu em 82% das amostras, ao passo que a preposição **a** obteve o índice de 18%, perfazendo uma diferença de 64 pontos percentuais. As sentenças do tipo (S)-V-OI-OD obteve 77% de ocorrências com **para** e 23% com a preposição **a**, o que equivale a uma diferença de 54 pontos percentuais. Nas sentenças do tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI, o índice obtido da preposição **para** foi de 84% e da preposição **a** 16%, perfazendo uma diferença de 68 pontos percentuais. Nas sentenças do tipo (S)-V-OI, a preposição **para** obteve o índice de 82% enquanto a preposição **a** obteve 18%, com a diferença de 64 pontos percentuais. As sentenças do tipo (S)-V-AdjAdv-(OD/OI) apresentaram um índice de 87% de ocorrências de **para** e 13% de **a**, perfazendo uma diferença de 74 pontos percentuais. Nos outros tipos de sentença o índice da preposição **para** foi de 86% e o da preposição **a** foi de 14%, com a diferença de 72 pontos percentuais.

As sentenças (90) e (91), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças predicativas, em Montes Claros.

(90)

Pra mim Montes Claros é uma cidade grande. (MHC-36-QTM)

(91)

Não significa que eu tenho que ficar atolado **ao** que eu recebi aí. (AGM-25-QSM)

As sentenças (92) e (93), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-OI-OD, em Montes Claros.

(92)

Eu que fazia a merenda, os pais mandavam **pra** mim as coisas. (BMP-30-QSM)

(93)

Tem que pedir muito **a** Deus força. (AAM-29-QSM)

As sentenças (94) e (95), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI, em Montes Claros.

(94)

Comprava aqueles presentes muito bonito **pra** gente. (MCG-23-QRM)

(95)

Tem a Avenida Sanitária que dá acesso **ao** centro. (VAP-21-PRM)

As sentenças (96) e (97), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-OI, em Montes Claros.

(96)

A gente saía de casa com o uniforme bem branquinho, limpinho, uma beleza, né, ia arrumadinho pra ir **pra** escola... (MJN – 35 – QTM)

(97)

Meus pais nunca foram **a** escola conversar com a diretora por motivo de bagunça ou de indisciplina por minha parte... (AGM – 25 – OSM)

As sentenças (98) e (99), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação às sentenças do tipo (S)-V-AdjAdv-(OD/OI), em Montes Claros.

(98)

Eu ia muito **pra** escola pra brincar. (FAP-19-ORM)

(99)

Às vezes vai mais **à** igreja pra mostrar que tá indo. (VAP-21-PRM)

As sentenças (100) e (101), a seguir, são exemplos da ocorrência de **para** e **a**, em relação aos outros tipos de sentença, em Montes Claros.

(100)

A tela do computador te leva **pro** mundo inteiro. (AGM-25-OSM)

(101)

Eu tive acesso **a** ele [o rio] pela casa dela.

A tabela 5, a seguir, apresenta a frequência das preposições **para** e **a** em relação ao tipo de sentença, em Uberaba e Montes Claros.

Tabela 5 Distribuição da frequência de PARA e A em relação ao tipo de sentença, em Uberaba e Montes Claros

		PARA	A
UBERABA	PREDICATIVAS	93%	7%
	(S)-V-OI-OD	100%	0%
	(S)-V-(AdjAdv)-OD-OI	99%	1%
	(S)-V-OI	95%	5%
	(S)-V-AdjAdv-(OD/OI)	91%	9%
	OUTROS	88%	12%
MONTES CLAROS	PREDICATIVAS	82%	18%
	(S)-V-OI-OD	77%	23%
	(S)-V-(AdjAdv)-OD-OI	84%	16%
	(S)-V-OI	82%	18%
	(S)-V-AdjAdv-(OD/OI)	87%	13%
	OUTROS	86%	14%

Fonte: dados elaborados pelo autor.

A análise dos resultados da tabela 5 deixa claro que o único tipo de sentença que se mostrou relevante à variação de **para** e **a** nas regiões pesquisadas foi o tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI. Segundo a hipótese inicial, o tipo de sentença seria um fator relevante em ambas regiões pesquisadas, sendo as sentenças do tipo (S)-V-OI e (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI as que mais favoreceriam a variação. Entretanto, os resultados demonstraram que apenas as sentenças do tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI favorecem a variação de **para** e **a** em Uberaba e Montes Claros. A hipótese foi, portanto, confirmada parcialmente. Ainda que não chegue a ser considerada relevante no que diz respeito à variação de **para** e **a**, ao comparar os dados da tabela 5, o tipo de sentença (S)-V-OI foi o segundo a obter uma diferença razoável em pontos percentuais, cujo valor foi de 13.

Nesta seção, apresentei a descrição e a análise dos dados da pesquisa sobre o processo de variação das preposições **para** e **a** entre as regiões de Uberaba e Montes Claros.

A análise dos resultados demonstrou que, ao contrário do que foi levantado no estágio inicial da pesquisa, tanto em Uberaba quanto em Montes Claros a preferência geral é pela preposição **para**, enquanto introdutora de adjuntos e complementos. Embora os falantes montesclarenses apresentem maior índice de emprego de **para** que de **a**, o uso da preposição **a** é ligeiramente maior que em Uberaba, o que me leva a considerar que, em relação à tendência atual do PB,

Uberaba encontra-se mais a frente no processo de mudança, no que se refere à questão da variação de **para e a**.

Na próxima seção, retomarei as observações feitas ao longo da análise de resultados, de forma a sintetizar as conclusões a que cheguei, em relação ao fenômeno investigado neste trabalho.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, investiguei a variação das preposições **para** e **a** introdutoras de adjuntos adverbiais e complementos no Português Brasileiro, na fala das regiões de Uberaba e Montes Claros.

Na seção 1, Referencial Teórico, apresentei o trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968), que propõe os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística; o trabalho de Labov (1972), que contém as bases teóricas e metodológicas da sociolinguística variacionista; além do trabalho de Tarallo e Kato (1989), que propõe a compatibilização entre a teoria variacionista e a teoria gerativa, com o objetivo de dar conta das questões sintáticas paramétricas no processo de variação e mudança linguística.

Ainda no Referencial Teórico, apresentei algumas definições de preposição que julguei relevantes à fundamentação teórica deste trabalho. Para isso, apresentei o conceito de preposição sob a perspectiva da Gramática Tradicional e da Gramática de Usos, objetivando comparar duas visões diferentes sobre essa classe de palavras. Também foi apresentado o conceito de preposição, sob a perspectiva de Mattoso Camara Jr. (2001 [1970]), que traz uma abordagem descritiva dos elementos linguísticos, e não prescritiva, como faz a GT.

Também apresentei, na seção 1, o trabalho de Oliveira (2005), que analisou os adjuntos e complementos introduzidos pela preposição **a**, em dados dos séculos XIX e XX, constatando a hipótese do enfraquecimento de **a** em adjuntos e complementos, e o trabalho de Kewitz (2004), que investigou o processo de gramaticalização das preposições **a** e **para** no PB, em dados de diversas regiões do Brasil.

Na seção 2, procedi à descrição dos procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, com base na metodologia variacionista iniciada por Labov (1972). Nessa seção, levantei um breve histórico da região de Uberaba e de Montes Claros para tomar conhecimentos dos elementos sociais presentes nos falantes das regiões pesquisadas. Além disso, apresentei os critérios para a seleção dos informantes, a coleta e a transcrição dos dados, os objetivos que nortearam esta pesquisa e as hipóteses levantadas com base no fenômeno em observação.

Depois de os dados terem sido transcritos, codificados e quantificados no programa estatístico Goldvarb, foram apresentadas, na seção 3, a descrição e a análise dos dados, cujas conclusões, no que concerne à comprovação ou refutação das hipóteses levantadas no envelope de variação, retomarei a seguir.

O resultado da análise geral dos dados mostrou que a preposição **para** é predominante em Uberaba e Montes Claros, ao contrário de **a**, que apresentou um baixo índice geral.

A primeira das hipóteses sugeria que a tendência, em Montes Claros, seria oposta em relação a Uberaba, isto é, a preposição **para** seria predominante em Uberaba, enquanto a preposição **a** seria predominante em Montes Claros. O resultado da análise confirmou a predominância da preposição **para** em Uberaba, mas negou a hipótese sobre Montes Claros, cuja predominância também foi da preposição **para**. Entretanto, ao comparar somente a realização da preposição **a** entre as duas regiões pesquisadas, observei que a frequência dessa preposição possui índice um pouco maior em Montes Claros, embora a diferença em pontos percentuais em relação à Uberaba não seja significativa.

A partir destas observações, e retomando os trabalhos de Oliveira (2005) e Kewitz (2004), os quais foram apresentados no Referencial Teórico, e as evidências trazidas pelos dados, considero que, em relação à tendência atual do PB sobre o uso de **para** e **a** em complementos e adjuntos, o processo de mudança encontra-se ligeiramente mais avançado em Uberaba do que em Montes Claros, no qual a preposição **a** dá lugar à preposição **para**.

A análise dos fatores não linguísticos demonstrou que a faixa etária constitui um fator relevante ao uso de **para** e **a**, nas duas regiões pesquisadas. A segunda das hipóteses sugeria que, em Uberaba e Montes Claros, a preposição **para** seria mais empregada entre os falantes com idade de 20 a 35 anos, enquanto a preposição **a** seria mais empregada entre os falantes com idade igual ou superior a 56 anos. Essa hipótese foi confirmada parcialmente em Uberaba e negada em Montes Claros. Em Uberaba, a faixa etária de 20 a 35 anos apresentou maior ocorrência da preposição **para**, enquanto as faixas etárias de 36 a 55 anos e igual ou superior a 56 anos apresentaram maior ocorrência de **a**. Em Montes Claros, a faixa etária de 20 a 35 anos apresentou maior ocorrência da preposição **a**, enquanto **para** foi predominante nas faixas etárias de 36 a 55 anos e igual ou superior a 56 anos. Diante destes resultados, fica claro que a distinção em Uberaba e Montes

Claros se dá em apenas duas faixas etárias, isto é, de 20 a 35 anos e igual ou superior a 36 anos.

A terceira das hipóteses iniciais, que diz respeito à relevância do fator escolaridade, sugeria que, em ambas regiões, quanto maior fosse o grau de escolaridade, maior seria o índice de **a**, já que falantes mais escolarizados tendem a buscar a manutenção da norma culta. Entretanto, essa hipótese foi confirmada apenas parcialmente. A preposição **para** apresentou disposição equilibrada em todos os graus de escolaridade das duas regiões pesquisadas. A preposição **a**, por outro lado, apresentou maior frequência no Ensino Médio e Superior em Uberaba, e em Montes Claros o maior índice obtido foi no Ensino Fundamental e Médio. Nesse sentido, em Uberaba a distinção é estabelecida entre o Ensino Fundamental em relação aos ensinos Médio e Superior, e em Montes Claros a distinção é estabelecida entre os ensinos Fundamental e Médio em relação ao Ensino Superior. A conclusão a que cheguei a partir da análise dos dados é que o uso da preposição **para**, em lugar da preposição **a**, como não constitui uma variante socialmente estigmatizada, não favorece a variação.

No que diz respeito aos fatores linguísticos, a análise dos dados demonstrou que a função sintática não constitui um fator relevante à variação de **para** e **a**, nas regiões pesquisadas. A quarta das hipóteses sugeria que a função sintática representava um fator relevante ao estudo da variação dessas preposições. Contudo, apenas a função de objeto indireto foi favorecida, já que o adjunto ocorreu apenas com **para** em ambas as regiões pesquisadas, e o complemento nominal ocorreu apenas com **a**, em Montes Claros. A conclusão a que cheguei em relação à não relevância do fator função sintática nesta pesquisa é que, em termos sintáticos, a propriedade de uma preposição c-selecionar ou s-selecionar um constituinte é determinante do tipo de constituinte que será selecionado, se adjunto ou complemento.

A análise dos dados demonstrou que o tipo de verbo não constitui um fator relevante. Tais resultados contrariam a quinta das hipóteses, a qual sugeria que os tipos de verbo mais favoráveis à variação de **para** e **a**, em Uberaba e Montes Claros, seriam os de movimento, os comunicativos e os de ação transformativa ou transpossessiva, enquanto os menos favoráveis seriam os predicativos, possessivos e existenciais.

Conforme sugeria a hipótese sobre a ordem dos constituintes, os tipos de sentença que mais favoreceriam a variação de **para** e **a** nas regiões pesquisadas seriam as do tipo (S)-V-OI e (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI. Essa hipótese foi confirmada apenas parcialmente, pois apenas as sentenças do tipo (S)-V-(AdjAdv)-OD-OI, apresentaram relevância à variação de **para** e **a**, tanto em Uberaba como em Montes Claros. O tipo de sentença (S)-V-OI também apresentou uma certa relevância, já que o índice obtido foi ligeiramente abaixo do índice significativo.

De acordo com o objetivo geral deste trabalho, o estudo da variação das preposições **para** e **a** nas regiões de Uberaba e Montes Claros deveria ser realizado sob a perspectiva da Sociolinguística Laboviana e também sob a perspectiva da Sociolinguística Paramétrica. No entanto, devido à predominância da preposição **para** em ambas regiões pesquisadas, não foi possível proceder à análise paramétrica, visto que, em relação às preposições aqui pesquisadas, o português falado em Uberaba e Montes Claros constitui o mesmo sistema, e não sistemas diferentes, como foi pensado no estágio inicial da pesquisa.

Finalmente, ainda que o objetivo de uma análise paramétrica entre Uberaba e Montes Claros não tenha sido alcançado, este trabalho deixou evidente que o português falado no norte de Minas Gerais, em relação ao uso de **para** e **a**, não se constitui uma variante “completamente diferente”, como acreditam os falantes das outras regiões de Minas Gerais e outros Estados. A análise demonstrou, portanto, que, de maneira geral, os falantes das duas regiões pesquisadas também têm preferência pela preposição **para**, fenômeno que já foi verificado em outros trabalhos já realizados em outras regiões sobre a gradual substituição de **a** por **para** no PB.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**: cursos de 1º e 2º graus. 36. ed. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1997. 374 p.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Rev do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes, 1995. 387p. (Linguagem Crítica)

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. 176 p.

CAMARA Jr., J.M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 34.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 124p.

CANÇADO, M. et alii. **A Proposta de Franchi: Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos**. Estudos Lingüísticos 31. Disponível em: www.letras.ufmg.br/marciacancado/GEL%20Marilia.pdf Acesso em 12/01/2008.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 40.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1997. 587 p.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

COAN, Marluce. **Conjecturas sobre Mudança Lingüística**. Revista Interdisciplinar, v.4, n.4, 2007. Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_4/INTER_4_Pg_09_21.pdf acesso em 01/09/2008

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 6.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974. 357p. (Coleção Biblioteca Brasileira de Filologia, v.4)

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **A Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2001. 748 p.

DIAMOND, R.E. **Old English Grammar and Reader**. Detroit, Michigan: Wayne State University Press, 1970.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 1995. 151p.

FARIAS, Jair Gomes. **Variação entre a, para e em no Português Brasileiro e no Português Europeu**: algumas notas. In: Fórum Lingüístico da Nova. 2004. Lisboa.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. A perda do marcador dativo e algumas de suas consequências. In: CASTILHO, A.T. et alii (orgs.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007. 699p.

GARCIA, A.S. **Uma tipologia semântica do verbo no português**. Revista SOLETRAS. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/8sup/5.htm>> Acesso em 20 de abril de 2009.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 115p. (Texto e Linguagem)

GOMES, M. J. N. **Avaliação dos impactos ambientais do rio Vieira em Montes Claros (MG)**. 2001. 201f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP. São Paulo, 2001.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolingüística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239 p. (Linguagem nº23)

KEWITZ, Verena. **Para a Gramaticalização das Preposições ‘a’ e ‘para’ no Português Brasileiro**. 2004. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/VIPH_PB_Vkewitz.RTF.pdf#search=%22preposi%C3%A7%C3%A3o%20%22para%22%20%22estudos%22%20filetype#3Apdf%22>. Acesso em 12/10/2006.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

_____. **Padrões Sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392p. (Linguagem, 26)

_____. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Blackwell: Oxford, UK and Cambridge USA, 2001.

LYONS, John. **Linguagem e Lingüística**: uma introdução. Trad. Marilda W. Averbug e Clarice S. Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987. 322p.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência Verbal**. São Paulo, Ática, 2003. 546p.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Análise da Conversação**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2001. 94p. (Princípios)

MIOTO, C; FIGUEIREDO SILVA, M.C.F.; LOPES, R.E.V. **Novo Manual de Sintaxe**. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2007. 280 p.

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. 200p.

NARO, A.J. O Dinamismo das Línguas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. 200p.

_____; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre as origens do Português popular do Brasil. In: _____ (orgs.). **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEVES, M.H.M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 1037p.

OLIVEIRA, Marilza de. **Adjuntos e Complementos Verbais Introduzidos Pela Preposição 'A'**. 2005. Disponível em:
<<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/Moliveira001pdf#search=%22adjuntos%20e%20complementos%20verbais%20introduzidos%20pela%20preposi%C3%A7%C3%A3o%20'a'%22>>. Acesso em 05/10/2006.

OMENA, N.P.; DUARTE, M.E.L. Variáveis morfossintáticas. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. 200p.

PAIVA, M.C. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. 200p.

POGGIO, Rosaura M.G.F. Comparação entre algumas preposições portuguesas documentadas no século XVI e no século XIV. In: MATTOS e SILVA, R.V.; MACHADO FILHO, A.V.L. (orgs.). **O Português Quinhentista**: estudos lingüísticos. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2002. 376p.

PONTES, Hildebrando de Araújo. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central**. 2.ed. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do sertão**: o cerrado na história de Minas Gerais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 480p. (vol. I)

ROBINS, R.H. **Pequena História da Lingüística**. Trad. de Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004. 203p.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 41. ed. Rio de Janeiro, RJ: J. Olympio, 2001. 553 p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores)

SCHER, Ana Paula. **As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil**: um estudo sintático comparativo. 1996. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.

SOUSA LIMA, Mário Pereira de. **Gramática Portuguesa**, 2.ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. p.38-9.

SILVA, Angela Maria; FREITAS, Nara Eugênia de; PINHEIRO, Maria Salete de. **Guia para Normalização de Trabalhos Técnico-científicos**: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. rev. e ampl. Uberlândia: EDUFU, 2005. 144 p.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986. 96p.

_____. **Tempos Lingüísticos:** itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1994.

_____; KATO, Mary A. Harmonia trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística. In: **Predição 5**. Campinas: UNICAMP, 1989.

_____, et alii. Rupturas na ordem de adjacências canônicas no Português falado. In: CASTILHO (org.). **Gramática do Português Falado**. 4.ed. revista. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. 263p. (Volume I: A ordem)

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 4. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1998. 245 p.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs.) **Introdução à Sociolingüística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. 200p.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 152 p.

ANEXOS

ANEXO A: DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DA PESQUISA

INFORMANTE	SIGLA	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	REGIÃO
01	VFS-01-ORU	20-35 anos	Ensino Fundamental	Uberaba
02	FLM-02-ORU	20-35 anos	Ensino Fundamental	Uberaba
03	JTP-03-PRV	36-55 anos	Ensino Fundamental	Uberaba
04	MMP-04-PRV	36-55 anos	Ensino Fundamental	Uberaba
05	AVS-05-QRU	56 anos e acima	Ensino Fundamental	Uberaba
06	NLP-06-QRU	56 anos e acima	Ensino Fundamental	Uberaba
07	PMC-07-OSU	20-35 anos	Ensino Médio	Uberaba
08	RDT-08-OSU	20-35 anos	Ensino Médio	Uberaba
09	ECS-09-PSU	36-55 anos	Ensino Médio	Uberaba
10	MCS-10-PSU	36-55 anos	Ensino Médio	Uberaba
11	OPS-11-QSU	56 anos e acima	Ensino Médio	Uberaba
12	MLS-12-QSU	56 anos e acima	Ensino Médio	Uberaba
13	LCP-13-OTU	20-35 anos	Ensino Superior	Uberaba
14	CBC-14-OTU	20-35 anos	Ensino Superior	Uberaba
15	WDS-15-PTU	36-55 anos	Ensino Superior	Uberaba

16	MFM-16-PTU	36-55 anos	Ensino Superior	Uberaba
17	SDP-17-QTU	56 anos e acima	Ensino Superior	Uberaba
18	GOP-18-QTU	56 anos e acima	Ensino Superior	Uberaba
19	FAP-19-ORM	20-35 anos	Ensino Fundamental	Montes Claros
20	LAP-20-ORM	20-35 anos	Ensino Fundamental	Montes Claros
21	VAP-21-PRM	36-55 anos	Ensino Fundamental	Montes Claros
22	EAP-22-PRM	36-55 anos	Ensino Fundamental	Montes Claros
23	MCG-23-QRM	56 anos e acima	Ensino Fundamental	Montes Claros
24	DMC-24-QRM	56 anos e acima	Ensino Fundamental	Montes Claros
25	AGM-25-OSM	20-35 anos	Ensino Médio	Montes Claros
26	IAP-26-OSM	20-35 anos	Ensino Médio	Montes Claros
27	IPM-27-PSM	36-55 anos	Ensino Médio	Montes Claros
28	VLM-28-PSM	36-55 anos	Ensino Médio	Montes Claros
29	AAM-29-QSM	56 anos e acima	Ensino Médio	Montes Claros
30	BMP-30-QSM	56 anos e acima	Ensino Médio	Montes Claros
31	LFS-31-OTM	20-35 anos	Ensino Superior	Montes Claros
32	MML-32-OTM	20-35 anos	Ensino Superior	Montes Claros

33	MBX-33-PTM	36-55 anos	Ensino Superior	Montes Claros
34	ECQ-34-PTM	36-55 anos	Ensino Superior	Montes Claros
35	MJN-35-QTM	56 anos e acima	Ensino Superior	Montes Claros
36	MHC-36-QTM	56 anos e acima	Ensino Superior	Montes Claros

ANEXO B: ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Gostaria que você me falasse um pouco da sua infância, das brincadeiras que você gostava de fazer com seus amigos e amigas, se você tem boas lembranças ou se tem más lembranças, enfim.
2. Lembra-se de alguma briga ocorrida na escola? Como foi?
3. Fale-me um pouco sobre o seu relacionamento com os seus colegas de sala de aula.
4. E alguma situação muito engraçada na sua vida escolar, você se lembra?
5. Você se lembra de alguma situação em que sentiu muito medo? Como foi?
6. Você já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo risco de vida?
7. O que aconteceu?
8. Numa situação dessas, alguns dizem “bom, seja o que Deus quiser”. O que você pensa a esse respeito?
9. Fale um pouco de sua família, seus pais e avós.
10. O que você pensa da organização do casamento na sociedade dos dias de hoje?
11. Você sempre viveu nesta cidade? Como era a sua cidade natal em relação aos dias de hoje?
12. Fale-me um pouco das tradições culturais e políticas desta cidade.
13. Você gosta de esporte? Qual? Fale-me um pouco desse esporte de que você gosta.
14. Segundo dizem, o Futebol é uma paixão nacional, você acredita nisso?
15. O que você pensa do Futebol no Brasil? Torce para algum time?
16. Você segue alguma religião? Qual? Fale-me um pouco de sua vida religiosa.
17. O que você pensa a respeito das práticas religiosas de hoje em relação a anos atrás?
18. Qual a sua profissão? Fale-me um pouco dela.
19. O que você pensa sobre a falta de emprego nos dias de hoje?
20. O que você faria se fosse o atual presidente?
21. O que você mudaria no mundo hoje em dia?

ANEXO C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “*A variação das Preposições A e Para na Fala de Uberaba e Montes Claros*” do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, sob responsabilidade dos pesquisadores Dra. Maura Alves de Freitas Rocha e seu orientando Giovanni de Paula Oliveira.

Nesta pesquisa nós buscaremos:

- a- Investigar como se comportam sintaticamente as preposições **a** e **para** em Uberaba e em Montes Claros.
- b- Investigar, em Uberaba e Montes Claros, quais verbos admitem a preposição **para**, quais verbos admitem a preposição **a**, e verificar se há o apagamento da preposição **a** na fala dessas cidades.

Na sua participação você responderá oralmente a um questionário, e suas respostas serão gravadas e depois transcritas para análise. Após a transcrição e a análise, todas as fitas e/ou Cds contendo as gravações serão destruídos.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados na dissertação do orientando e, ainda assim, sua identidade será preservada.

Você não terá ônus e nem ganho financeiro por participar da pesquisa.

Os riscos serão mínimos, já que apenas poderá ocorrer algum constrangimento, caso seja muito tímido. Como benefício você terá a certeza de ter contribuído para a ciência da linguagem.

Você é livre para parar de participar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato com:

Pesquisadores

Giovanni de Paula Oliveira
Maura Alves de Freitas Rocha
CEP/UFU (34) 3239-4531
De acordo,

Uberaba () Montes Claros (), _____ de _____ de 200____

Participante da pesquisa

ANEXO D: TABELAS DE RESULTADOS DA PESQUISA

TABELA 1 DISTRIBUIÇÃO GERAL DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** NAS AMOSTRAS

PARA		A		TOTAL
783	89%	94	11%	877

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 2 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM UBERABA E MONTES CLAROS

	PARA		A		TOTAL
Uberaba	434	95%	24	5%	458
Montes Claros	349	83%	70	17%	419
					877

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 3 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM UBERABA E MONTES CLAROS (LEITURA VERTICAL)

	PARA		A		
Uberaba	434	55%	24	26%	
Montes Claros	349	45%	70	74%	
TOTAL	783		94		877

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 4 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA, EM UBERABA

	PARA		A	
20 a 35 anos	187	43%	6	25%
36 a 55 anos	126	29%	8	33%
56 anos e acima	121	28%	10	42%
TOTAL	434		24	

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 5 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO À FAIXA ETÁRIA EM MONTES CLAROS

	PARA		A	
20 a 35 anos	83	24%	27	39%
36 a 55 anos	117	33%	30	43%
56 anos e acima	149	43%	13	18%
TOTAL	349		70	

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 6 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE EM UBERABA

	PARA		A	
Ensino Fundamental	145	34%	5	21%
Ensino Médio	127	29%	9	37%
Ensino Superior	162	37%	10	42%
TOTAL	434		24	

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 7 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE EM MONTES CLAROS

	PARA		A	
Ensino Fundamental	125	36%	21	30%
Ensino Médio	101	29%	14	20%
Ensino Superior	123	35%	35	50%
TOTAL	349		70	

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 8 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO À FUNÇÃO SINTÁTICA, EM UBERABA

	PARA		A		TOTAL
Objeto Indireto	391	95%	22	5%	413
Adjunto Adverbial	38	100%	0	0%	38
Complemento Nominal	5	71%	2	29%	7
					458

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 8 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO À FUNÇÃO SINTÁTICA, EM MONTES CLAROS

	PARA		A		TOTAL
Objeto Indireto	321	84%	59	16%	380
Adjunto Adverbial	28	100%	0	0%	28
Complemento Nominal	0	0%	11	100%	11
					419

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 9 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO AO TIPO DE VERBO, EM UBERABA

	PARA		A		TOTAL
Predicativos, possessivos e existenciais	85	93%	6	7%	91
Ação transformativa ou transpossessiva	123	97%	4	3%	127
Comunicativos	48	94%	3	6%	51
Movimento	178	94%	11	6%	189
					458

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 10 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO AO TIPO DE VERBO, EM MONTES CLAROS

	PARA		A		TOTAL
Predicativos, possessivos e existenciais	62	79%	16	21%	78
Ação transformativa ou transpossessiva	113	88%	15	12%	128
Comunicativos	38	81%	9	19%	47
Movimento	136	82%	30	18%	166
					419

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 11 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO AO TIPO DE SENTENÇA, EM UBERABA

	PARA		A		TOTAL
PREDICATIVAS	66	93%	5	7%	71
(S)-V-OI-OD	10	100%	0	0%	10
(S)-V-(AdjAdv)-OD-OI	90	99%	1	1%	91
(S)-V-OI	201	95%	11	5%	212
(S)-V-AdjAdv-(OD/OI)	53	91%	5	9%	58
OUTROS	14	88%	2	12%	16
					458

Fonte: dados elaborados pelo autor.

TABELA 12 DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE **PARA** E **A** EM RELAÇÃO AO TIPO DE SENTENÇA, EM MONTES CLAROS

	PARA		A		TOTAL
PREDICATIVAS	58	82%	13	18%	71
(S)-V-OI-OD	7	77%	2	23%	9
(S)-V-(AdjAdv)-OD-OI	56	84%	10	16%	66
(S)-V-OI	174	82%	37	18%	211
(S)-V-AdjAdv-(OD/OI)	41	87%	6	13%	47
OUTROS	13	86%	2	14%	15
					419

Fonte: dados elaborados pelo autor.